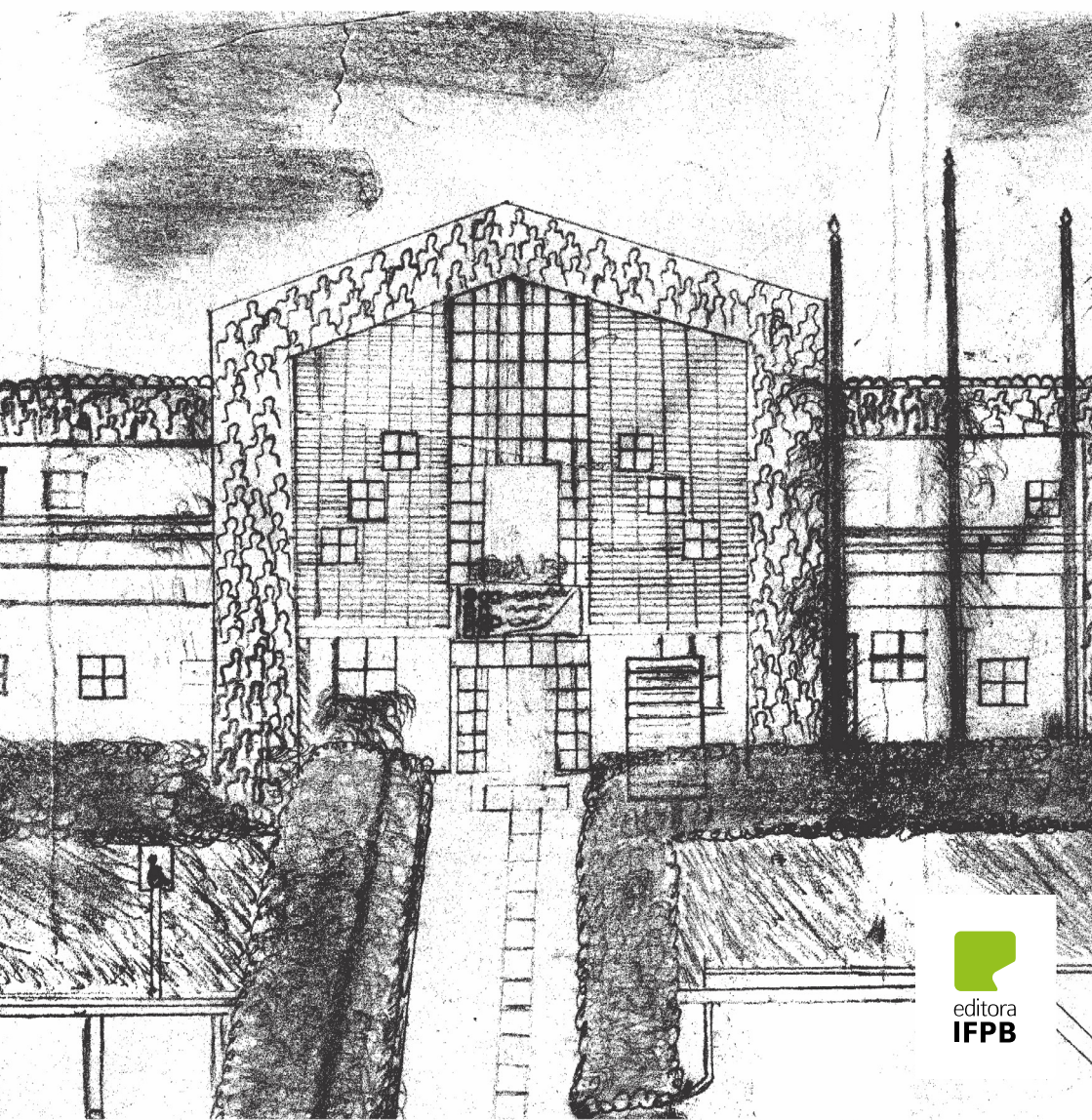


UMA HISTÓRIA DE TANTOS NÓS

Ana Paula da Cruz
(organizadora)



Uma história de tantos nós

memórias dos 25 anos do
campus Cajazeiras do IFPB

Ana Paula da Cruz
(Organizadora)



João Pessoa, 2021

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITOR

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araujo

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Carlos Danilo Miranda Regis

DIAGRAMAÇÃO

Fabício Vieira de Oliveira

REVISÃO TEXTUAL

Luciana Cabral Farias

Copyright © Ana Paula da Cruz. Todos os direitos reservados. Proibida a venda.
As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C957h Uma história de tantos nós: Memórias dos 25 anos do campus
Cajazeiras do IFPB / organizadores, Ana Paula da Cruz - João Pessoa, 2021
162 p. : il.
E-book (pdf)
ISBN 978-65-87572-21-5

1. Memórias. 2. IFPB 3. Campus Cajazeiras. 4. Cronologia
I. Ana Paula da Cruz. IV. Título.

CDU: 82-94

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Bibliotecas DBIBLIO/IFPB

CONTATO

Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.
Fone: (83) 3612-9722 | E-mail: editora@ifpb.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA CAMPUS CAJAZEIRAS

DIREÇÃO-GERAL

Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci

DIREÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO

Ricardo de Sousa Job

DIREÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO, PLANEJAMENTO E FINANÇAS

Hugo Eduardo Assis dos Santos

ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Ana Paula da Cruz

DESENHO DA CAPA

Ana Paula da Cruz

Hermane Abreu

Niedson Oliveira

DESENHO DO PRÓLOGO

Ana Paula da Cruz

Nayra Fernanda Vieira

DESIGNER GRÁFICO (CAPA)

Valdemir Bezerra Rolim

COORDENAÇÃO DO PROJETO “O OFÍCIO DO HISTORIADOR”

Ana Paula da Cruz

PROFESSOR COLABORADOR

Igor Arraes

ESTUDANTES MEMBROS PROJETO “O OFÍCIO DO HISTORIADOR” 2019

Bianca Alves Lisboa, Carlos Eduardo Monteiro, Elany Abreu, Enéias Raul Silva, Georgio Sandro Duarte, Henry Oliveira, Igor Barbosa, Jeferson Marcelo Gomes, Lucas Barbosa, Mikelly Ribeiro, Milena Andrade Maciel, Rute Erivânia das Neves, Sara Raquel Abrantes, Tamires Estrela, Vitor Matheus Ribeiro

Sumário

Prólogo

- p. **10** **Uma história de tantos nós**
(Ana Paula da Cruz)

Introdução

- p. **15** **Um pouco da cronologia da criação do Campus Cajazeiras**
(Carlos Eduardo Monteiro e Ana Paula da Cruz)

1.

- p. **20** **IFPB-CZ 25 anos: um entrelaçar de destinos**
(Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci)

2.

- p. **24** **Nas trilhas da memória: fiz parte da história do IFPB**
(Socorro Costa)

3.

- p. **28** **Artes nos 25 anos**
(Germando Sertão)

4.

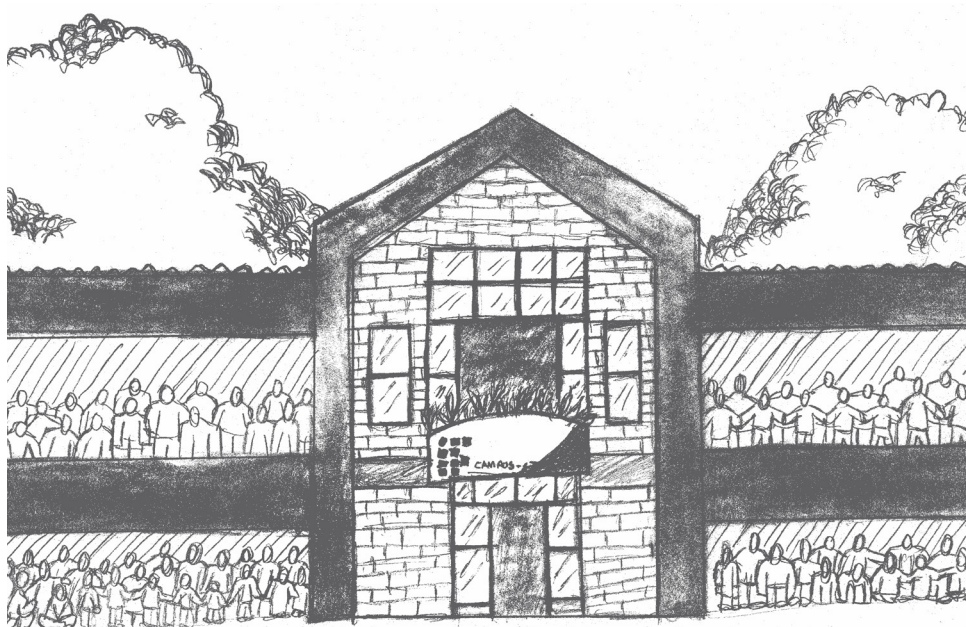
- p. **30** **Uma vida inteira de dedicação**
(Gastão Coelho)

5.
p. **36** **Elementos para uma história do curso de Engenharia Civil**
(Cícero Joelson Vieira Silva)
6.
p. **41** **Um caminho para o futuro: Grupo de Pesquisa em Controle, Automação e Robótica**
(Raphaell Maciel)
7.
p. **45** **Vivência e experiências do CEFET-PB UNED Cajazeiras ao IFPB – *Campus* Cajazeiras**
(George Cruz)
8.
p. **52** **Histórias de um professor de topografia**
(Crispim Cesinando Coelho Neto)
9.
p. **56** **IFPB: estrada de fazer o sonho acontecer...**
(Virginia Holanda)
10.
p. **60** **História da COPED**
(Simone Formiga Albuquerque)
11.
p. **67** **Minha experiência na área de informação**
(Fábio Andrade)

12.
p. **70** **Experiências do curso de Eletromecânica**
(Martiliano Soares Filho)
13.
p. **75** **Hastag Morar no IF**
(Ricássio Alves)
14.
p. **83** **Ser aluno do IFPB**
(Antônio Yves Dantas e Maria Francisca Targino)
15.
p. **87** **IFPB na minha vida!**
(Luciene Carmo)
16.
p. **91** **A Educação Física no IFPB – *Campus Cajazeiras***
(Juan Parente)
17.
p. **95** **O PROEJA no IFPB – *Campus Cajazeiras***
(Juan Parente e Simone Formiga)
18.
p. **101** **O crescimento exponencial da área de matemática nos 25 anos de IFPB – *Campus Cajazeiras***
(Geraldo Herbetet de Lacerda)

19.
p. **109** **Inícios de uma caminhada na pesquisa e na extensão no *Campus Cajazeiras***
(Wilza Moreira)
20.
p. **115** **O *Campus Cajazeiras* que se estende à sociedade**
(Diego Nogueira)
21.
p. **119** **NASMO**
(Kleber Afonso de Carvalho)
22.
p. **123** **NAPNE: um relatório histórico**
(Emanuel da S. Oliveira)
23.
p. **130** **25 anos de história**
(Lúcio Ricardo Nogueira de Farias)
24.
p. **134** **Algumas falas sobre ser assistente no *Campus Cajazeiras***
(José Wellington Almeida)
25.
p. **136** **Impressões sobre a história a partir da mecanografia**
(Antônio Neto e Gildivan Moreira)

26.
p. **137** **Um flash da UNED – Cajazeiras**
(Percíncula Lima)
27.
p. **144** **Contribuições de uma assistente social**
(Francisca Vieira Lins de Araújo)
28.
p. **149** **Cozinha, amor e autoestima**
(Leila Café)
29.
p. **151** **A Coordenação de Controle Acadêmico – C.C.A.**
(José de Arimatéia Tavares)
30.
p. **155** **Alguém que planta uma árvore e a vê florescer**
(João Damásio da Silva)
31.
p. **158** **Comunidade de Servidores do IFPB – Campus
Cajazeiras – 2019**



Nayra Fernanda Vieira / Ana Paula da Cruz

Prólogo

Uma história de tantos nós

(Ana Paula da Cruz)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, *Campus Cajazeiras*, é fruto das aspirações da sociedade dos sertões do Rio Piranhas por conhecimento humano, profissionalizante, científico e tecnológico. A realização desse desejo iniciou-se por meio do Projeto de Lei nº 3305-A de 1984, implementado pelo então deputado federal Edme Tavares. Em 04 de dezembro de 1994, as portas se abrem: aconteceu a

inauguração da Unidade de Ensino Descentralizada, sediada na cidade de Cajazeiras (UNED Cajazeiras), parte da Escola Técnica Federal da Paraíba.

A natureza do presente trabalho historiográfico acaba promovendo, a partir de memórias da comunidade, a dinâmica da História Social do Conhecimento que interfere na vida das pessoas enquanto sujeitos da própria história e da comunidade.

O *Campus* Cajazeiras do IFPB não só promove tecnologias ou um saber conhecer tecnológico, mas assume a responsabilidade de estimular o ser humano nos diferentes âmbitos, de forma integrada, perpassando pela educação; por isso, somos instituto de educação, de ciência e de tecnologia. Ao tempo que essas dimensões conseguem ser particulares, são inter-relacionadas e se promovem uma à outra. Logo, este trabalho coletivo buscou assumir esse sentido de uno e múltiplo. Cada parte, cada modo de escrita, traz expressões particulares, contudo, ao final, veremos que apresentam experiências históricas próprias e relacionadas entre si.

Nesta nova tentativa de pensar a história do *campus* [sim, nova, pois tivemos um belo trabalho feito pelo professor Gastão Coelho em torno dos 10 anos da UNED e que serviu de base para os dados cronológicos aqui mencionados], neste exercício perene e vivo de lembrar, iremos dar visibilidade às memórias daqueles que já, há algum tempo, fazem parte da atual dinâmica interna do *Campus* Cajazeiras do IFPB, entendendo que a história deste *campus* é, acima de tudo, feita por diversas mãos, isto é, por ações, sonhos, aspirações, práticas, habilidades profissionais, modos de ser no mundo e de ver o mundo etc. de tantos colegas que participam ou participaram da sua construção material e intelectual.

Compreendemos que aqueles que já não fazem parte da presente contemporaneidade do *campus*, por diferentes motivos (aposentadorias, mudanças de atuação profissional, conclusão de cursos, passagem para outro plano de vida, entre outros), e que hoje seguem seus percursos do lado de fora do *campus*, também fazem parte desta história e serão apresentados dentro das narrativas aqui contidas. Permanecerão, então, de alguma maneira, presentes nesta história atual, assim como também carregam consigo as marcas do tempo em que estiveram conectados diretamente com o *campus*. Nós que estamos hoje e os que já fizeram parte deste *campus* continuamos relacionados. Podemos perceber isso, por

exemplo, a partir do que usufruímos no presente e que, no fundo, também é fruto das ações dos que nos antecederam. Assim, a História segue.

Quem sabe teremos novas edições, novas narrativas e novos registros, pois muitas pessoas poderiam escrever aqui. Isto se deve ora à minha própria falta de criatividade em fazer os convites, ora por opção de alguns colegas em não escrever. Cada um tem uma forma de ser e suas motivações.

Mesmo que tenhamos a tendência de focar os elementos históricos mais permanentes como datas, fundações, aberturas, inaugurações, primeiras formações administrativas, podemos observar que são nas engrenagens movimentadas através da articulação humana que tudo, mesmo o que é estático, ganha sentido e torna-se elemento histórico. Então, dentro das falas, veremos as datas de concursos, primeiras construções, inaugurações, avanços e dificuldades. O material ganha vida e se transforma no tempo pela ligação com o humano, os seus usos e práticas.

Este trabalho é vivo. As vozes aqui contidas reverberarão no tempo e poderão servir de fonte original para novos trabalhos historiográficos, nos quais novas perguntas possam ser feitas em torno do passado. Então, ele não tem o caráter de versão final, pois ainda contará com reflexões, críticas, colaborações. Os discursos aqui presentes são apenas pontos de vista e lembranças possíveis sobre o nosso *campus*, cada um com seu modo e estilo de escrever, de expor, de comunicar, de lembrar.

Início das atividades da equipe "O Ofício do Historiador", em 2019



Figura 1 – Primeira reunião da equipe O Ofício do Historiador rumo à construção do Livro "História de Tantos Nós". Contamos com a presença dos professores Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, Gastão Coelho, Virgínia Holanda, Germano Sertão e Raphael Henrique Falcão de Melo.

Fonte: arquivo do projeto "O ofício do historiador"

É necessário registrar que a metodologia de trabalho de coleta de memórias, ora por escrita, ora por meio de relato e entrevista, contou com a energia impulsionadora e executante dos jovens estudantes do nosso *campus*, que, durante o ano de 2019, puderam experimentar o exercício da pesquisa histórica a partir dos caminhos da História Oral. Por isso, a organização deste material não seria possível sem a participação de várias mãos e mentes: a adesão dos memorialistas aqui presentes e dos estudantes do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Eletromecânica (INTEL): Bianca Alves Lisboa, Carlos Eduardo Monteiro, Elany Abreu, Enéias Raul Silva, Georgio Sandro Duarte, Henry Oliveira, Igor Barbosa, Jeferson Marcelo Gomes, Lucas Barbosa, Mikelly Ribeiro, Milena Andrade Maciel, Rute Erivânia das Neves, Sara Raquel Abrantes, Tamires Estrela, Vitor Matheus Ribeiro. Contamos também com a parceria do professor Igor Arraes e com a solidariedade de diferentes setores da administração e das coordenações de cursos e das unidades acadêmicas, assim como o apoio das Direções Geral, de Ensino e de Administração do nosso *campus*.

Para falar do título que nos acompanha, “Uma história de tantos nós”, vamos abordar as imagens que ilustram a capa e este prólogo. A imagem da capa do livro e a deste prólogo são fruto da interação e criação entre professora (Ana Paula da Cruz) e alunos. Junto com Hermene Abreu e Niedson Oliveira, foi concebido o desenho que está na Capa, e com Nayra Fernanda Vieira, o desenho contido neste prólogo. Ambos se intitulam “História de Tantos Nós”, pois pretendem representar o que estas memórias, juntas, buscam expressar: a simbiose que existe entre a estrutura material (paredes de concreto, laboratórios, salas, ambientes abertos etc.) do nosso *campus* e as pessoas que nela convivem. Tudo ganha vida a partir da ação humana, dos significados que as pessoas atribuem a cada lugar, quando investimos nosso tempo, nossa dedicação, nosso conhecimento, nosso comprometimento, nossos sonhos, nossas alegrias e dificuldades. Ou seja, o *Campus* Cajazeiras do IFPB ganha vida e sentido a partir da história de tantos nós.

O termo “Nós” significa cada uma das pessoas no seu sentido existencial, mas também os nós de ligações e relações que construímos entre nós, ora mais próximos, ora mais distantes, uns mais produtivos, outros mais duradouros ou efêmeros. Nesses 25 anos, muitas mãos envolveram-

-se para que o desejo do sertanejo se tornasse realidade: um “Sertão tecnológico” – tema da Semana Educação de Ciência e Tecnologia (SECT) 2017.

Por mais que eu buscasse desenvolver uma narrativa unificadora dos vários depoimentos, não conseguiria expressar a humanidade e a vida que pulsou durante esses 25 anos de história; então, como é parte da História Oral, e também das múltiplas narrativas aqui contidas, a minha escrita está presente por meio delas.



Figura 2 – Visita dos membros do projeto “O Ofício do Historiador” ao Abrigo de Idoso Luca Zorn, em 2019.

Fonte: arquivo do projeto “O ofício do historiador”

Introdução

Um pouco da cronologia da criação do *Campus Cajazeiras*

(Carlos Eduardo Monteiro e Ana Paula da Cruz)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba é uma instituição de educação profissional e tecnológica que, assim como as semelhantes a ele, teve, no passado, e tem, até hoje, um importante papel na educação do nosso estado paraibano. Para entender o processo de sua formação, porém, precisamos analisar o contexto histórico, percorrendo as transformações de modelos educacionais que experimentou para chegar ao que temos hoje, desde a Escola de Aprendizizes e Artífices da Parahyba, passando pelo Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – CEFET/PB, até assumir, em 2008, a condição de Instituto Federal.

O ensino profissionalizante surgiu no Brasil como um esforço para atender à necessidade de qualificação de mão de obra voltada para o trabalho na área industrial, setor este que estava se desenvolvendo no país, especialmente, no período marcado pelas 1ª e 2ª Guerra Mundial. Sua base paradigmática passou por transformações de modo que, na Paraíba, iniciou-se com a Escola de Artífices, evoluindo, com o tempo, para o conhecido ensino profissional, também relacionado à formação humanística, dado que buscava-se formar os estudantes de modo integral.

Foi em 23 de setembro de 1909, pelo Decreto nº 7.566 do então presidente do Brasil, Nilo Peçanha, que foram instituídas as Escolas de Aprendizizes e Artífices, com intuito assistencialista de dar um melhor futuro aos jovens carentes e órfãos. Eis que surge o embrião do que se tornaria o IFPB, instalando-se na capital João Pessoa, no prédio da Polícia Militar, ofertando cursos que ensinavam técnicas nas áreas de alfaiataria, encadernação, sapataria, marcenaria e serralheria.

Funcionou assim por 20 anos, até que, em 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência do país e, por meio de políticas de apoio ao desenvolvimento industrial nacional e promotora de uma economia mais exportadora, promoveu mudanças na estrutura educacional brasileira. Então, no ano de 1937, pela Lei nº 378, a escola de artífices se tornou um Liceu Industrial, atendendo às necessidades do contexto de formação da indústria de base no Brasil, intensificando o ensino no modelo profissionalizante que beneficiava o operariado que não possuía muito embasamento teórico.

Vale ressaltar que o conhecimento teórico era algo pertencente ao ensino superior, e este, na época, era vedado aos que optavam pelo ensino técnico, profissional e industrial. O conhecimento de caráter mais teórico fazia parte do (antigo) ensino científico que, por sua vez, era destinado às camadas mais abastadas, sendo estas as que cursavam o ensino superior. Mas, em 1941, houve a Reforma Capanema e novas leis foram editadas para educação, quando, através do Decreto nº 4.174/42, o Liceu passou a ser Escola Industrial de João Pessoa, nomenclatura que manteve até 1959.

O ensino técnico profissionalizante estava avançando no Brasil e também na Paraíba. Não poderíamos deixar de mencionar que, aqui no Sertão, também foi instalada a Escola de Economia Doméstica Rural da cidade de Sousa (1955-1979) que foi uma realização do engenheiro civil Carlos Pires de Sá, natural daquela cidade. Depois passou a Escola Agrotécnica; e hoje, *Campus* Sousa do IFPB.

Nos anos 60, bem no início, a Escola Técnica Federal da Paraíba (ETF-PB) foi transferida para onde se localiza o atual *Campus* João Pessoa (do IFPB) e, naquele momento, contava com cursos profissionais de maior capacitação no mercado, que vinham se modernizando, acompanhando o ritmo do país. Havia cursos como o de Construção de Máquinas e Motores e o de Pontes e Estradas, sendo os primeiros a contarem com o chamado 2º grau. No ano de 1964, as oficinas de Alfaiataria e Artes em Couro foram extintas, sendo substituídas pelas de Artes Industriais e Eletricidade. Somente em 1965, no entanto, ocorreu algo muito importante: foi permitida a entrada de mulheres no corpo discente da instituição.

Outro momento relevante na história da educação envolvendo a educação profissional foi a consolidação dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) através da Lei nº 6.565, no ano de 1978, sendo os

primeiros, os centros do Paraná, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Apesar disso, foi apenas em 1982 que os cursos subsequentes começaram a ser oferecidos e, ainda, que teve início o processo de informatização das escolas federais, com computadores para alunos e para a parte administrativa dos *campi*.

No nosso estado, foi somente em 1999 que a Escola Técnica Federal da Paraíba ganhou o nome de Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, designação vigente até 2008. Essa transição estava acontecendo com outras instituições federais de ensino, devido à implementação gradativa, a partir do governo do presidente Itamar Franco – Lei nº 8.948 de 8 de dezembro de 1994 –, do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, fortalecendo a rede de educação federal no que tange à preparação profissional e ao ensino tecnológico superior, tornando-a uma referência no assunto.

No ano de 2007, foi divulgado, pelo Ministério da Educação, o Plano de Desenvolvimento da Educação Pública (PDE), mostrando o conteúdo do Decreto nº 6.095, com o intuito de promover a integração de institutos federais de educação tecnológica, visando a formação dos Institutos Federais (IFs). Assim, no final do ano de 2008, foi firmada, pela Lei nº 11.892, a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, que converteu o CEFET-PB em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), disseminando-o por outras cidades do Sertão paraibano a fim de fomentar a educação de homens e mulheres por meio de uma excelente formação profissional, técnica e científica. A expectativa era de que os formandos retribuíssem, de forma positiva, à sociedade do estado, do Brasil e do mundo, através de seus conhecimentos.

Até aqui, tivemos a oportunidade de apresentar um pouco da longa história existente sobre as bases da educação profissional até a criação dos institutos federais. Cabe, então, o questionamento: onde, nesse relato, se encontra o *Campus Cajazeiras* do IFPB? Este começou a ganhar forma a partir do projeto de Lei nº 3305-A do deputado federal Edme Tavares, no ano de 1984. Tal projeto autorizava a implementação de uma Escola Técnica Federal na cidade de Cajazeiras-PB. Assim, uma Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) do CEFET-PB teve sua criação autorizada em 20 de março de 1989 pela Lei Federal nº 7.741, durante o governo do presidente José Sarney.

O terreno onde a sede do *Campus Cajazeiras* seria instalada foi doado em 19 de janeiro de 1987 pela Lei Municipal nº 837 e suas obras se iniciaram em 01 de dezembro de 1989, na gestão do diretor Expedito Pereira; foi somente no ano de 1994, no entanto, que ocorreram os últimos preparativos para inauguração da ETF de Cajazeiras. Primeiro, o ministro da Educação e do Desporto Murílio de Avellar Hingel autorizou o funcionamento da UNED por meio da Portaria nº 982 de 28 de junho de 1994; depois, o primeiro diretor-geral da instituição, Bráulio Pereira Lins, foi designado em 15 de julho de 1994 pela Portaria nº 142; e, por fim, foram abertos os primeiros concursos para ocupação dos cargos técnico-administrativos da UNED, a partir do Edital nº 02/94, e para suas vagas de magistério, que teve por base o Edital nº 03/94, sendo estes realizados no dia 22 de abril 1994 e homologados no dia 29 de novembro do mesmo ano. Assim, a UNED Cajazeiras foi inaugurada em 04 de dezembro de 1994.



Figura 3 – Inauguração, em 1994. Detalhe: uma pequena muda plantada que se tornou uma das grandes árvores que dão sombra no estacionamento frontal.

Fonte: arquivo – IFPB – Campus Cajazeiras

Daqui, seguem as próximas páginas, nas quais acessaremos as histórias contadas do ponto de vista de alguns membros da comunidade do nosso *campus* que ajudaram na construção e consolidação do lugar que hoje conhecemos como *Campus Cajazeiras* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Estas histórias mostrarão o quanto as nossas trajetórias individuais estão envolvidas nas trajetórias coletivas; neste caso, o quanto nossas histórias próprias se envolvem com as histórias de mais pessoas para construir redes de saberes, de trabalho, de educação.



Figura 4 – Membros do corpo docente e pedagógico do IFPB – *Campus Cajazeiras* no Encontro Pedagógico 2019.

Fonte: arquivo pessoal dos professores Samara Celestino e Raphael Henrique Falcão

1. IFPB-CZ 25 anos: um entrelaçar de destinos

(Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci)



Figura 5 – Lucrécia Teresa. Diretora do Campus Cajazeiras do IFPB, em 2019.

Fotografia: Prof.^a Eva Campos

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Pessoa)

Há mais de 24 anos, um homem sonhou com a implantação de uma instituição de ensino profissionalizante que iria transformar a realidade educacional no Alto Sertão da Paraíba. Visionário e empreendedor, o deputado federal Edme Tavares enxergava na educação um vetor de mudança social e empreendeu esforços para que este sonho se tornasse realidade, por

meio da implantação da Unidade de Ensino Descentralizada (UNED), em Cajazeiras, da então Escola Técnica Federal da Paraíba – ETEFPB.

Fundada em 1994, a UNED Cajazeiras foi a primeira Unidade de Ensino Descentralizada da então Escola Técnica Federal da Paraíba, hoje IFPB. Ao longo de mais de duas décadas, nosso *campus* tem contribuído mudando realidades e transformando vidas, não só na cidade de Cajazeiras, mas em toda a região circunvizinha.

Nesse entrelaçamento de enredos, inicio contando um pouco da minha trajetória. Nascida em família pobre, o curso técnico se mostrava uma opção – senão a única – pra mim no momento, para uma profissionalização necessária. Nessas circunstâncias, minha história se encontra com a desta honrada instituição desde que, em 1992, adentrei as portas da ETEFPB, situada na cidade de João Pessoa-PB, na condição de aluna do curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, realizando, com isso, um sonho.

Não demorou muito para eu entender que a minha emancipação dependia direta e proporcionalmente do investimento em minha formação acadêmica. Reconheci o poder transformador da educação desde cedo, ouvindo os conselhos sábios de minha mãe, Tereza da Silva Gonçalves, minha grande professora, que, pelo exemplo, muito nos ensinou, a mim e a meus irmãos. Mulher destemida, dona de casa, dividia-se entre o exaustivo trabalho como feirante e os afazeres domésticos sempre com um largo sorriso no rosto, revelando uma esperança de dias melhores. Enxergava na educação um legado inexorável, apesar de não ter tido acesso aos bancos escolares para sua formação, complementada pela escola da vida.

Minha caminhada seguiu e, mais à frente, recebi o apoio de meu grande companheiro de vida, meu esposo, Marcos Petrucci, que com suas palavras e experiência sempre me ensinou sobre as ciências e sobre a vida e me presenteou com o melhor que vida pode oferecer, nosso presente divino, nossa filha Lara.

Em 1998, ainda sem ter ciência do caminho que estava sendo preparado para mim, vivenciei meus primeiros passos na educação profissional, no Sistema S, mais especificamente na unidade do SENAC, na cidade de João Pessoa. Essa instituição me apresentou as nuances da educação profissional concomitantemente à minha formação acadêmica, uma vez que sou licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

No terceiro quadrimestre de 2004, retornei ao então Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – CEFET-PB, sediado na cidade de João Pessoa, para avançar mais um nível na construção de saberes integrantes da seara da educação profissional, na condição de aluna do curso de Especialização em Educação Profissional. Esta etapa foi decisiva para a minha preparação rumo a novos desafios, em que pude contar com o inestimável apoio do professor Jimmy de Almeida Lélis, meu dileto orientador, amigo e inspirador.

Em 2006, aprovada em concurso público, regressei ao CEFET-PB, agora na cidade de Cajazeiras, conduzida por Deus para a terra do Padre Rolim, passando a integrar a família IFPB como servidora, pedagoga. Trata-se de uma evolução na minha caminhada de vida pessoal e profissional: uma carreira na Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Em 2007, surgiram novos desafios ao receber o convite, formulado pelo professor Martiliano Soares Filho, para assumir a Coordenação da Unidade Acadêmica da Área de Indústria, onde tive a honra de integrar uma equipe de nível estratégico ao lado de profissionais que estimo e admiro. Destaco, desse momento inicial, a acolhida, a partilha de experiências e os ensinamentos advindos da convivência com os professores – hoje, também meus amigos – Gastão Coelho de Aquino Filho e Maria do Socorro Soares Costa e Silva na gestão das unidades acadêmicas, assessorando a Diretoria de Desenvolvimento de Ensino, sob o comando de João Batista de Oliveira e Silva, então diretor-geral do CEFET em toda a Paraíba.

A minha humilde contribuição se estendia para além dos meus afazeres de pedagoga, me conduzindo à coordenação de algumas ações e processos. Primordiais para legitimar as minhas decisões nessa jornada, devo meu reconhecimento e gratidão pela anuência dos professores Valnir Vasconcelos Lira, Dimas Andriola Pereira e Roscelino Bezerra de Melo Júnior, então diretor-geral da UNED em Cajazeiras.

Recentemente, para os quadriênios 2014 a 2018 e 2019 a 2022, a comunidade me confiou, por meio do voto, o papel de diretora-geral deste *campus*, com o objetivo de prover condições para que a nossa missão seja cumprida com maestria e excelência, conjuntamente com a grande equipe de profissionais que integra o quadro de servidores deste *campus*, mormente, os que fizeram e fazem parte desta caminhada, ao meu lado, na

equipe gestora. Nossa jornada continua, os desafios se apresentam maiores, um novo cenário se configura e, mais uma vez, o apoio dos amigos é crucial, entre os quais destaco o nosso Magnífico Reitor Cícero Nicácio do Nascimento Lopes, nosso atual Diretor de Administração, Planejamento e Finanças Hugo Eduardo Assis dos Santos e Guilherme de Avelar Régis, atualmente assessor da Reitoria, que foram uns dos primeiros incentivadores à minha candidatura à Direção-Geral.

Neste momento em que traço estas linhas, a gratidão é o sentimento que me move, me preenche por inteiro. Gratidão a Deus, à minha família, aos diletos amigos, aos nossos alunos que são a razão de nossa existência enquanto instituição de educação e aos nossos servidores e colaboradores terceirizados. Nossa comunidade é composta por pessoas dedicadas e comprometidas, que assumem a missão da instituição, cotidianamente, derrubando barreiras e construindo sonhos, mudando vidas, ladeando-me nesta caminhada permeada por dificuldades e muitas vitórias, afinal a educação é um instrumento de mudança, de ruptura, de avanço científico e social.

Continuaremos nossa caminhada alicerçados pela crença inabalável no poder transformador deste grande vetor quebrador de paradigmas, emancipador e realizador sonhos, que é a educação. Tenho certeza que este monumento educacional continuará cumprindo seu papel de atender aos mais humildes, mudando a realidade dos filhos e filhas dos trabalhadores do nosso país.



Figura 6 – Participantes do Encontro Pedagógico 2020.

Fonte: Portal IFPB – Campus Cajazeiras

2.

Nas trilhas da memória: fiz parte da história do IFPB

(Socorro Costa)



Figura 7 – Prof.ª Socorro Costa atuando no IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo pessoal

É parte do “viver do cotidiano”, ajudado pela memória, que deixo escorrer pelas minhas lembranças as trilhas que percorri e que, hoje, me dão subsídios para falar do IFPB – Campus Cajazeiras. Primeiramente, traço o meu percorrer nas trilhas da academia a que fiz parte antes de chegar a esta instituição que alargou os meus horizontes acadêmicos e pessoais.

Aos quatorze anos, quando a criancice ainda permeava a minha vida, fui indicada, pela diretora da escola em que eu estudava, na minha terra natal – São José da Lagoa Tapada – Sertão da Paraíba –, a participar de um treinamento para desenvolver um determinado ofício. Que ofício seria esse? Professora, sim, senhor! – rememorando o imortal Guimarães Rosa. Mas como saber ser, se as experiências não povoavam ainda a mente, os

caminhos eram tão estreitos quanto a visão? A coragem e a determinação da quase mulher indicavam o rumo. E foi assim que tudo começou.

O treinamento sugerido era de ensino de Jovens e Adultos, nessa época, o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Assim, fui designada para ensinar na represa do Açude Sanhauá, Sítio Diogo, na mesma cidade. Em uma casa solitária, encravada num terreno misto de pedregulhos e águas, residia uma família, composta de onze pessoas – a residência de Compadre Antônio Pernambucano e de Comadre Maria. Lá, eu sabia as letras e a Comadre Maria, a história de vida. Os anos e o ofício de professora me fizeram crescer e me levaram a lecionar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – instituição dirigida pela boa Madre Aurélia e outras freiras da Ordem de Santa Tereza –, na cidade de Sousa-PB, onde concluía o curso Pedagógico.

Seguidamente, fui recomendada para o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Cajazeiras-PB, dirigido, inicialmente, pelas Irmãs Dorotéias, e, posteriormente, pelo Cônego Luiz Gualberto, o qual indicou o meu nome para servidora na condição de professora *pro tempore* do Estado da Paraíba. Passado o concurso público, desta vez, o destino quis que eu fosse designada para o Colégio Cristiano Cartaxo – Colégio Polivalente – e, da sala de aula, eu conseguia observar o movimento dos alicerces da Escola Técnica Federal da Paraíba, que chegaria a Cajazeiras pelo empenho do nobre cajazeirense, deputado Edme Tavares. Foi assim que gritei, internamente, para o Universo: “Eu vou ser professora daquela escola! Em 2 de maio de 1996, estava eu empossada como professora de Língua Portuguesa na Escola Técnica Federal da Paraíba, dirigida pelo Professor João Batista de Oliveira e Silva. Confesso que, para mim, aquele era um universo-escola! Tudo muito bonito e inovador; e estava de braços abertos para mim. Foi fascinante! Os estudos contínuos, a metodologia inovadora, os encontros pedagógicos, os cursos de aperfeiçoamento, os eventos e a sala de aula, tudo parecia ser diferente! Naquele ambiente novo, bonito e produtivo senti que podia crescer muito, aprender muito mais e, assim, galgava feliz, ministrando aulas e aprendendo. A sala dos professores era a nossa segunda casa, onde ficávamos à vontade para, em meio aos afazeres acadêmicos, viver a alegria que os professores de todas as áreas manifestavam.

Aqui, registro o grupo de estudo de Português – aprendizado e entusiasmo – com Virgínia, Dimas, Aparecida e Ribamar (*in memoriam*); só

mais tarde, Vera Célida (*in memoriam*) veio preencher o espaço chamado Delicadeza. Todos os professores eram coordenados pelo querido diretor de Ensino, professor Roscellino Bezerra Mello Júnior. Trabalhar na primeira Unidade de Ensino da ETFPB era viver em família.

A Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras (UNED) foi a primeira extensão geográfica da ETFP e, felizmente, veio fincar-se, magistralmente, na cidade de Cajazeiras a qual a linguagem deu a antonomásia “A cidade que ensinou a Paraíba a ler” e que sempre foi vista como um destacado berço cultural do Sertão, haja vista a efervescência de múltiplas culturas. A Paraíba e, principalmente, Cajazeiras viu o ascender desta Unidade de Ensino e logo reconheceu o seu propósito educacional. De ETFPB passou a CEFET-PB e, hoje, IFPB, com propósitos fortes e arraigados, cumprindo o seu papel educacional com a missão de “preparar profissionais cidadãos com sólida formação humanística e tecnológica para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade sustentável, justa e solidária, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão”¹.

Foi envolvida nessa missão, no labor cotidiano e com muita determinação que esta instituição de ensino logo ficou conhecida nos estados circunvizinhos, os quais passaram a enviar – como ainda o fazem – seus alunos para que bebessem da fonte chamada UNED Cajazeiras.

Em meio a esse crescimento contínuo, tive a honra de participar da gestão desta instituição por dois períodos. O primeiro, convidada pelo então diretor professor João Batista – a quem sou muito grata – para assumir a função de gerente do ensino médio, no período de 22 de fevereiro de 2001 a 03 de julho de 2002, na gestão interina, dirigida pelo colega Dimas Andriola – a quem agradeço o apoio. Nesta oportunidade, registro meus agradecimentos, também, ao servidor Edmar Leite, pelo carinhoso cuidado e colaboração. No segundo período, de 10 de outubro de 2007 a 29 de julho de 2010, fui convidada pelo professor Roscellino Júnior – primeiro diretor eleito da Unidade – para a função de coordenadora da Unidade de Formação Geral e Projetos Especiais, uma oportunidade de grande apren-

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. **Plano de Desenvolvimento Institucional** – PDI 2015-2019. João Pessoa: IFPB, 2014.

dizado, com a parceria dos também coordenadores professor Gastão Coelho e Lucrécia Gonçalves, pedagoga, parceiros também da vida.

Ecléa Bosi² nos lembra que “[...] a história contada é um medicamento, antes preparada pela narradora nos tubos e provetas da fantasia e da memória, através da sábia dosagem”. Tentando dosar, me perco diante do muito que tenho para falar deste universo tão especial – o IF-Cajazeiras –, guardado, com esmerado zelo, no campo das minhas memórias. São lembranças vivenciadas que se fazem vivas. Diante destas, não poderia deixar no véu do esquecimento os aulões do criativo e dinâmico professor Germando Sertão, assim como as inúmeras atividades memoráveis realizadas no auditório local: dos encontros pedagógicos às salas de aula. Repito: Salas de aula! Minha paixão! Alunos sedentos do saber e tão cheios de histórias, as quais tive o prazer de saborear! Alunos, companheiros de uma história! As insaciáveis aulas de gramática, as criativas produções de texto e os seminários de Literatura, nos quais passeávamos da melancolia de Manuel Bandeira à introspecção de Clarice Lispector; do proseado do velho Rosa à sensualidade dos perfis femininos de Jorge Amado; de A Rosa do Povo de Drummond à meiguice expressa nos poemas de Cecília Meireles.... Memórias encantadoras, meus eternos alunos! Gratidão!

Neste tão presente 2019, quando me encontro, no lado de cá, vivendo a aposentadoria da sala de aula, contudo, seguindo as trilhas de mais conhecimento, presencio o momento em que o IFPB-Cajazeiras vive os seus 25 anos de escrita da sua história. Parabéns, IFPB-Cajazeiras, eu o reverencio!

3.**Artes nos 25 anos***(Germando Sertão)*

A cada dia pensando em uma brincadeira levada a sério, fomos desenvolvendo as atividades de Artes na ETEPB (UNED CZ), no CEFET (UNED CZ) e no IFPB (*Campus CZ*). A cada dia pensando em uma brincadeira levada a sério, fomos percebendo a Arte no olhar, no falar e no movimentar dos nossos queridos alunos. A cada dia pensando em uma brincadeira levada a sério, fomos respeitando as limitações, os sentimentos e as ansiedades de todos os envolvidos, quer seja de forma direta ou indireta, no processo de construção educacional e artístico.

Sim. Vi, vivi Arte com muita emoção.



Figura 8 – Manifestação artística.

Fonte: arquivo do IFPB – Campus Cajazeiras

Vinte e cinco anos, a cada dia, Arte presente e presente Arte no meio, nos arredores e em pontos distantes. Uma evidência de que nós, seres pensantes, com a ajuda do maior artista do Universo, somos capazes de resistir às “tempestades” e nos habituar às “brisas”, pensando, produzindo e, assim, contribuindo para que o aluno e ou aprendiz usufrua sua liberda-

de no mais pleno sentido da palavra, certo de que a ARTE É UMA BRINCADEIRA SÉRIA. É bem verdade que muitas atividades foram realizadas de maneira interna e externa; assim, conseguimos levar a nossa “escola” até outras escolas e trazer outras escolas até a nossa, através de desfiles, exposições, encontros, oficinas, cursos, espetáculos, mostras e festivais, sempre com o cuidado ético-profissional, mas com a certeza de ser uma brincadeira levada a sério, pois se tratava de Arte: Arte na escola, Arte na Educação.

Sim. Vi, vivi Arte com muita emoção.

Não sei ainda explicar o porquê, mas, para mim, todos os homens são José e todas as mulheres são Maria. Então quero agradecer profundamente a todos os Josés e todas as Marias que nestes vinte e cinco anos me deram a oportunidade de conhecê-los, de orientá-los e de perguntá-los: Qual o melhor, bom dia ou dia bom? Foram tantas as falas dos nossos que-



Figura 9 – Participação de alunos em apresentação artística teatral produzida pelo professor Germando Sertão. Semana de Meio Ambiente, IFPB Cajazeiras, em 2019.

Fonte: Site IFPB Campus Cajazeiras

ridos alunos; tomei emprestada esta: “A cada aula que tivemos, reforçamos que Arte é mais que algo estético e feito para servir de lucro. Arte é a mais bela e clara forma de expressar o que palavras talvez não fossem capazes de dizer, e dar um novo sentido à vida, sem esquecer a realidade catastrófica que ainda vivemos

Muito obrigado.

4.

Uma vida inteira de dedicação

(Gastão Coelho)



Figura 10 – Professores da UNED Cajazeiras, em 1997.

Fonte: arquivo pessoal

Tenho formação em engenharia civil e, quando estava terminando o mestrado, deparei-me com um concurso que me levaria para muito perto de casa. Infelizmente – ou felizmente, hoje consigo ver isso – fiquei em segundo lugar por dois décimos de pontos e havia apenas uma vaga. Qual não foi minha tristeza de ver esse sonho desmoronado. Quis o Senhor dos Céus e da Terra, entretanto, que eu ocupasse esta vaga e, no dia 12 de abril, pude visualizar a Portaria nº 147/96-GD com a nomeação que mudaria minha vida para sempre.

Documentos em pasta, assumi, no dia 2 de maio de 1996, o cargo de professor efetivo na então Escola Técnica Federal da Paraíba, Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras. Sonho realizado; chegou a hora de colocar talento e imaginação ao dispor de uma instituição que me adotou de braços abertos e a recíproca foi verdadeira.

Um mundo se descortinou na minha frente. Tudo diferente do



Figura 11 – Aula de Geologia-Hidrologia-Topografia, em 1996.

Fonte: arquivo pessoal

que já tinha feito; um grande desafio. A melhor atitude foi mergulhar nas regras e condutas que a instituição oferecia: uma pasta preta traduzia, naquele momento, tudo o que os novos professores deveriam saber sobre aulas, pedagogia, planos de ensino, planos de aulas. Cada texto contido naquela pasta recebida da coordenação pedagógica enriqueceu o modo de vida de um professor ainda em formação, com apenas nove meses de prática em sala de aula em outro estabelecimento de educação.

Comecei numa disciplina em que nunca tinha atuado, mas fazia parte de minha formação: Geologia e Edafologia. Com carga horária baixa, aventurei-me em Matemática do primeiro ano. Deparei-me com um laboratório recém-construído, sem nenhum equipamento. Não cruzei os braços. Corri atrás e fiz um projeto de criação daquele que hoje é um grande espaço de ensino e pesquisa. Com apoio da direção, foram chegando equipamentos e acessórios, que passavam a compor, com cada peça, aulas mais ricas e produtivas à disposição de alunos sedentos de saber tecnológico.

Não muito satisfeito com tudo o que se criava, coloquei-me à disposição de eventos para os nossos clientes – os alunos – e fonte de

maior inspiração que o professor pode ter. Foi o começo do novo professor, cheio de ideias que movimentavam a cada dia nossa unidade de ensino. Assim vieram as aulas de campo, as visitas técnicas, as gincanas, os jogos, as sadias competições, os luaus, as festas.

A escola também não se deu por satisfeita e, em uma reunião de área, fui eleito como o primeiro coordenador indicado pelos pares para responder pelas atividades de um curso. Foi grande a surpresa do diretor em se ver diante de uma inesperada indicação, feita de maneira completamente democrática. Surgiram, a partir daí, as nomeações indicadas pelos pares, confrontando, então, o poder do diretor-geral, a quem pertencia o direito de nomear gestores por sua vontade e afinidade. Com três meses de casa, assumi a Coordenação do Curso de Agrimensura.

A partir da primeira nomeação, não faltaram outras. Vieram a Coordenação de Laboratórios e Oficinas, a Coordenação do Curso de Edificações, a Chefia da Unidade Acadêmica de Informática e a Diretoria de Desenvolvimento de Ensino. Foram vinte e dois anos de muita dedicação, amor pelo que faço e doação para ver caminhar a instituição que adotei como uma segunda família, uma segunda casa, uma segunda pai xão, por muitas vezes a primeira.



Figura 12 – Projeto Vivendo Saúde na Feira, em 1997. Na foto: Rivânia e os professores Dimas e Gastão.

Fonte: arquivo pessoal

Hoje, olho para trás como a viajar num trem ainda sem estação final; vejo, no entanto, que todo o passado valeu a pena. Não sei se faria tudo de novo ou tudo igual, mas sei que daqui para a frente farei sempre o melhor para ver em cada rosto, em cada olhar, em cada semblante de um aluno, a alegria de poder dizer: sou feliz por estudar no Instituto Federal da Paraíba, *Campus Cajazeiras*.

Nesses vinte e três anos que estou aqui, independente se ocupando um cargo de gestão ou não, sou, acima de tudo, um professor preocupado com o bem-estar dos nossos alunos. Não foram poucas as experiências vividas. Não há como descrever toda uma história construída com muito amor. Há, porém, algumas pérolas que merecem ser lembradas; agora, com um sorriso estampado por ter conseguido superar cada episódio, mas que, no momento que aconteciam, geraram aflição e receio.

Cajazeiras sempre trouxe essa tradição de atrair estudantes dos mais diversos lugares e, por estarmos todos longe das nossas famílias, acabamos criando um laço muito familiar entre servidores e discentes. Este fato, por vezes, nos levou a adotar alunos em nossas próprias casas, na tentativa de garantir a estes o direito à educação de qualidade, ao bem-estar e a um futuro promissor. Tive a grande oportunidade de adotar quatro dis-



Figura 13 – Turma pioneira do curso técnico em Agrimensura. UNED – Cajazeiras, em 1996.

Fonte: arquivo pessoal

centes que hoje me agradecem por aquele lar oportuno que mudou suas vidas, garantindo sucesso na carreira que hoje seguem. Foram experiências maravilhosas.

Tiveram aqueles que, mesmo sem estar à sombra do meu lar, tive a oportunidade de ajudar. Foram muitos os casos de levar ao hospital, ao médico, à UPA. Foram muitos atendimentos. Era duro, em pleno domingo à noite, atender um chamado para socorrer um aluno que passava mal na residência estudantil. Era ansiedade para que o pior não acontecesse. Caso contrário, como informaria à família que seu filho, morando longe de casa, entregue a uma instituição para crescer na vida, tinha parado em um hospital pelos mais diversos motivos? O pior nunca veio. Só agradecer ao nosso Pai Celestial pelas bênçãos.

Também houve, porém, perdas ao longo da caminhada. Alguns nos deixaram com saudades. Foi doloroso ver amigos e amigas, alunos e servidores, que deixaram este plano para residir nos céus. Esta parte da história deixou dores profundas, apenas amenizadas, mas não saradas. É a continuidade da vida. Com as dores, fica a certeza de que estamos aqui ainda para cumprir nosso propósito de educar, e educar fazendo a diferença.

Comemoramos 25 anos de *campus*, com um júbilo de uma vida bem traçada, com a confiança de que ainda temos mais a fazer, que nossa vida pública não se acaba aqui, que temos a retribuir pelos títulos, pelas homenagens recebidas, pela cidadania alcançada nesta cidade, pelo reconhecimento de que nosso sangue e suor derramados valeram a pena.



Figura 14 – Professor Gastão e membros do Projeto Casa Inteligente, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Quero dedicar este texto a todos os ALUNOS que de uma forma ou de outra ajudei a mudar suas vidas, sem nomear algum, uma vez que foram todos amados.

Com amor,

Gastão Coelho de Aquino Filho

5.

Elementos para uma história do curso de Engenharia Civil

(Cicero Joelson Vieira Silva)

Há 24 anos, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – *Campus Cajazeiras* vem preparando e inserindo no mercado de trabalho profissionais cidadãos com sólida formação humanística e tecnológica, integrando ensino, pesquisa e extensão, de uma maneira ética, inovadora, com qualidade, transparência, respeito e compromisso social, o que proporcionou grande crescimento e desenvolvimento para a cidade durante todo esse período.

A indústria da construção civil nos últimos anos vem se intensificando e ganhando destaque no desenvolvimento da cidade de Cajazeiras-PB, aumentando consideravelmente o número de suas edificações horizontais e verticais e gerando um grande impacto positivo na sua estética, devido aos aspectos arquitetônicos que vêm sendo implementados. Reestruturação urbana, emprego, renda, conforto e qualidade de vida para a população são outros benefícios gerados pelo aquecimento de tal setor.

Nesse cenário, com reuniões e consultas realizadas com clubes de serviço, sindicatos e pela sociedade em geral, além de uma larga experiência com o curso técnico em Edificações, já implantado, o IFPB tomou a decisão de oferecer o curso de bacharelado em Engenharia Civil.

Em 2014, o curso supracitado iniciou suas atividades no *campus*, acolhendo 40 alunos semestralmente, com uma excelente estrutura, laboratórios de hidráulica, desenho assistido por computador, topografia, geotecnia, materiais de construção e práticas construtivas, desenvolvendo atividades de pesquisa, extensão e monitoria, com um quadro de professores super capacitados. Hoje são 549 discentes, muitos deles vindos de cidades circunvizinhas bem como de outros estados, como Ceará e Rio Grande do Norte.



Figura 15 – 1ª Visita técnica da turma pioneira do curso de Engenharia Civil do IFPB – Campus Cajazeiras. Obra do Pátio Cariri, Juazeiro do Norte-CE, em 2014.

Fonte: arquivo pessoal

O principal evento realizado pelo curso, a Semana de Engenharia Civil, acontece no segundo semestre do ano, movimentando toda a comunidade acadêmica da região, com uma programação recheada de conhecimento, na qual são ofertados minicursos, palestras com profissionais renomados, mesa redonda etc.



Figura 16 – Participação dos professores do curso de Engenharia Civil no sábado letivo. Evento: dia do técnico em eletromecânica e do técnico em edificações. IFPB – Campus Cajazeiras, em 2019. Da esquerda para a direita estão os professores: Cintia Pedrosa, Cinthya Santos, Gastão Coelho, Katharine Taveira, Cicero Joelson, Robson Arruda, Mateus Rodrigues, Lucas Pessoa, Jailton Ferreira, Daniel Torres, Cícero de Souza e Bruno de Medeiros.

Fonte: arquivo pessoal

No ano de 2018, o curso de Engenharia Civil passou por avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), recebendo nota 4, de uma escala de 1 a 5, que, segundo órgão, é considerado “muito bom”, o que comprova a qualidade do curso oferecido pela instituição. São cinco anos de muito trabalho e de muitas conquistas. Durante esse período, diversas pesquisas foram realizadas e apresentadas em diversos eventos, tanto nacionalmente como internacionalmente, além de diversas publicações em anais, revistas e livro.

No dia 03 de maio de 2019, a turma pioneira se formou, concluindo um ciclo muito importante tanto para a vida profissional, pessoal e acadêmica do discente como para a instituição, que insere hoje no mundo do trabalho profissionais competentes e conscientes de sua responsabilidade técnica, política, ética e humana, no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades no campo da Engenharia Civil.



Figura 17 – Formatura da turma pioneira do curso Engenharia Civil Campus Cajazeiras, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Outro acontecimento muito importante nessa trajetória foi a aprovação, em 3º lugar, da discente Monalisa Araújo Parnaíba, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal da Paraíba, sendo a primeira Engenheira Civil a concluir a gradu-

ação no IFPB – Campus Cajazeiras, visto que ela solicitou antecipação do curso para conseguir ingressar na pós acima citada.

Fazer parte da história de uma instituição tão singular na questão ética, de grande compromisso e responsabilidade tanto com sua comunidade acadêmica como com sua comunidade externa, é motivo de muita felicidade, e contribuir com algo que é muito prazeroso, o ensinar, faz-me refletir o quanto sou grato a Deus por ter trilhado o meu caminho. Apesar de ser um desafio enorme, lecionar no curso de Engenharia Civil é muito gratificante, uma vez que trocar conhecimentos e experiências com os alunos e transformá-los em futuros profissionais traz uma mistura de sensações; é algo inexplicável.

Alguns depoimentos de discentes:

Ívina Thayanny Mesquita de Almeida (discente do 3º semestre)

Conseguir ingressar em uma universidade é um privilégio conduzido por esforços e sonhos, mas ingressar no curso de Engenharia Civil é uma honra. A sensação que tenho é como a de um médico que tem a responsabilidade de cuidar da vida dos seus pacientes, porque a engenharia aborda desenvolvimento, construção, manutenção de alternativas que facilitem a vida da sociedade no cotidiano; assim, o engenheiro deve cuidar da vida de seus clientes buscando soluções para que as suas tarefas do dia realmente sejam facilitadas. Por isso, o sentimento que tenho é de responsabilidade e felicidade: responsabilidade, uma vez que a Engenharia Civil pode buscar melhorias e conforto tanto para as pessoas como para o ambiente, pesquisando materiais utilizados na construção civil que causem impactos menores; já a felicidade vem entrelaçada com a responsabilidade pelo fato de a engenharia proporcionar inovações em diversos setores da construção.

Izadora Vidal Coelho (aluna do 4º semestre)

Ingressar no curso de Engenharia Civil foi uma realização pessoal; a vontade em exercer a profissão surgiu no decorrer do curso de Edificações, o qual concluí em 2016. Lembro-me de cada dificuldade enfrentada e de cada coisa que precisei renunciar para ingressar no curso de Engenha-

ria, porém tudo valeu a pena quando vi meu nome na lista de aprovados. Desde então, me dedico totalmente a esse curso incrível para que eu consiga, futuramente, ser uma boa profissional.

Lucas Almeida de Queiroga (engenheiro civil recém-formado)

O sentimento no momento é inexplicável e não poderia ser definido como um só, mas sim como um misto de sensações. É a felicidade de ter conquistado um sonho, combinado com realização, alívio, além de certa ansiedade por colocar em prática todo conhecimento adquirido. A principal sensação que fica, no entanto, é de que o tempo passa muito rápido e, por isso, deve ser usado com sabedoria e nada mais sábio que buscar os seus sonhos.

6.

Um caminho para o futuro: Grupo de Pesquisa em Controle, Automação e Robótica

(Raphaell Maciel)

O IFPB – *Campus* Cajazeiras tem uma história de lutas e conquistas que tem transformado o Sertão da Paraíba. São quase 25 anos de ensino e educação de qualidade, formando mão de obra qualificada para o mercado de trabalho local. São diversos cursos técnicos, tecnólogos, licenciaturas e bacharelados que estão mudando a perspectiva das famílias que não têm recursos para enviar seus filhos e filhas para os grandes centros. O IFPB traz para o Sertão o que há de mais moderno e inovador na Paraíba, abrindo um mundo de sonhos e possibilidades para estas famílias.

Há cerca de 15 anos, minha família decidiu que iríamos morar em São Paulo; é a típica história da busca por oportunidades. Aquilo tudo me assustava: sair do interior, daquela vida tranquila à qual já estava acostumado. Deixar amigos e família para trás era uma ideia à qual eu também estava tendo que me acostumar.

Quando tudo estava certo para morarmos em São Paulo, eis que a vida revelou seus planos para mim e, pela primeira vez, ouvi falar no CEFET-PB (este era o nome da instituição na época). Acredito que Deus nos manda alguns de seus anjos para nos guiar frente aos seus planos. Desta vez, ele mandou uma família completa deles: meu tio e sua família venceram meus pais a me deixarem estudar no CEFET/PB, unidade de Cajazeiras. Esta família me adotou como um filho; foi aí que minha história e a desta instituição de ensino tornaram-se uma só.

Entrei em 2003 como aluno do ensino médio e fiquei maravilhado com todo aquele universo novo que via; era tudo muito diferente e encantador nesta instituição. Eu nunca havia conhecido uma estrutura como aquela, nem em sonhos imaginava estudar ali. Não é exagero meu.

Realmente aquilo tudo me encantou muito. Inicialmente fiquei bastante assustado. Entrei em uma turma de muitos talentos e pessoas dedicadas, mas aquilo tudo acabou me seduzindo e me envolvendo.

No CEFET, tive algumas das primeiras experiências da minha vida. Foi lá que, pela primeira vez, acessei a internet, por exemplo. Foi lá que encontrei o amor pelo estudo, pela educação, e, além disso, o amor me encontrou. Conheci minha esposa no CEFET e estamos juntos até hoje, multiplicando nosso amor que resultou no nosso primeiro filho, o Caio Ravi – mas isso foi depois, muita coisa aconteceu nesse meio tempo...

Segui meus estudos nesta casa, terminei o ensino médio e ingressei no técnico em eletromecânica. Tinha traçado, até então, na minha cabeça, o término desse curso como objetivo, mas o que a vida tinha me reservado naquela instituição não se limitava a isso! Coisas que nem imaginava ainda estavam por vir. Mal sabia eu que minha história e a dessa instituição teriam uma convergência muito maior do que eu poderia imaginar.

Em 2005, o CEFET/PB UNED Cajazeiras deu um passo audacioso ao criar o primeiro curso de tecnologia do Sertão da Paraíba. O curso superior de Tecnologia em Automação Industrial fez história e trouxe para a região a possibilidade de formar profissionais capazes de atuar no mercado, de modo inovador, trabalhando com temas tecnológicos que, até então, eram exclusividade de grandes centros do Brasil. Aquilo tudo era muito



Figura 18 – Visita técnica da turma de Automação Industrial do Campus Cajazeiras ao Laboratório de Pneumática do IFCE – Campus Cedro, em 2007.

Fonte: arquivo pessoal

novo, assim, resolvi fazer o vestibular e acabei ingressando neste curso, fazendo parte da turma pioneira do curso superior de Tecnologia em Automação Industrial.

Desde a sua criação, o curso de Automação abriu muitas portas, formou vários discentes, e diversos docentes deram sua contribuição. Hoje, temos egressos deste curso no mercado de trabalho, atuando em empresas, discentes em pós-graduação, mestres, doutores, docentes. O curso cumpriu com o objetivo ao qual foi proposto, e acredito que foi além: mudou a vida de vários discentes que, como eu, entraram nesta instituição.

Foi no curso de Automação que tive contato com grandes mestres que balizaram e moldaram o profissional que sou hoje. Meu caminho se cruzou com o de um professor novato na época, o doutor Euzeli. Fui o primeiro orientando de pesquisa dele; tive esse prazer em minha vida! Euzeli balizou minha área de pesquisa e iniciou-me no mundo da pesquisa científica.

A partir daí, as coisas foram consequências: da graduação ao mestrado, do mestrado ao doutorado, do doutorado até a docência. Com muito orgulho, entrei para um time seleta, um time de profissionais, mais que isso, de pessoas que querem realmente fazer a diferença na educação do país.



Figura 19 – Colação de grau da Turma Pioneira de Automação Industrial do Campus Cajazeiras, em 2008. Da esquerda para a direita: Raphaell Maciel de Sousa, Prof. João Batista (então reitor do IFPB), Fábio Araújo de Lima e José Rogério da Silva Leite.

Fonte: arquivo pessoal

Já como professor, acompanhei e fiz parte de muito do que aconteceu nesta casa. Fundamos o primeiro grupo de robótica desta instituição, que tem rendido vários frutos bons. Nele estimulamos o desenvolvimento de atividades e potencializamos o trabalho em equipe por meio da robótica. Participamos de várias competições, viajamos pelo Brasil e pelo mundo. É tudo muito inspirador.

Em 2017, tive o prazer de assumir a coordenação daquele curso que “me criou”. Durante dois anos, fui coordenador do curso de Automação. Um pouco antes disso, vislumbramos mais um passo: a implantação do bacharelado em Engenharia de Controle e Automação, que hoje é uma realidade, do qual tenho o prazer de ser o primeiro coordenador. O bacharelado em Engenharia de Controle e Automação foi o primeiro da Paraíba. O IFPB deu um passo importante na história do estado, formando profissionais com visão de futuro, preparados para as mudanças e previsões tecnológicas que estamos passando e que certamente ainda passaremos.

Enfim, não teria como falar da história do IFPB – *Campus Cajazeiras* sem passear um pouco pela minha própria história. Estou ansioso pelo futuro e pelas coisas incríveis que ainda estão por vir e que ainda podemos fazer! Todo semestre, rostos novos cheios de esperanças e sonhos chegam até nós e, acreditem, sonhamos juntos! Torcemos por cada aluno nosso e vibramos por cada história de sucesso. É muito bom saber que, assim como aconteceu comigo, hoje tenho a oportunidade de contribuir para o sucesso de alguém! Obrigado por tudo, IFPB!

7.

Vivência e experiências do CEFET-PB UNED Cajazeiras ao IFPB – *Campus Cajazeiras*

(George Cruz)



Figura 20 – Prof. George Cruz.

Fonte: arquivo pessoal

Era o início do ano de 2002, quando, em João Pessoa, na presença do Prof. João Batista de Oliveira Silva, na época Diretor de Ensino, tomei posse como professor substituto do CEFET-PB, para imediatamente entrar em exercício na Unidade Descentralizada de Cajazeiras. Já tinha, inclusive, onde morar, pois alguns companheiros de universidade já trabalhavam nessa UNED, como era chamado o *campus* naquele tempo.

Arquiteto, formado pela UFPB, trazia uma pequena experiência de sala de aula, como professor temporário em uma escola estadual. Confesso, contudo, que fiquei chocado quando vi nas mãos de um dos colegas, arquiteto como eu, um livro que tratava de teorias de ensino/aprendizagem. Como assim? Precisamos disso? Pensei.

Atualmente, reconheço que ali se deu o início de um processo de transformação do profissional técnico em professor rumo a educador, processo este que ainda não foi concluído.



Figura 21 – CEFET- PB / UNED Cajazeiras.

Fonte: arquivo pessoal

Desde os primeiros dias, as experiências de sala de aula foram diversas e ricas. Alguns fatos, contudo, se destacam: naquela época, havia a oferta de ensino médio desvinculado do técnico. Lembro-me bem que, às tardes das segundas-feiras, havia aulas de informática básica, para as três turmas de primeiro ano. As turmas eram divididas em três grupos, que assistiam aulas simultaneamente, em laboratórios distintos; compartilhei essa experiência com o Prof. Gastão Coelho e o Prof. Roscellino Bezerra, que lecionavam aos dois outros grupos.

Eram turmas pequenas, de modo que sempre sobravam uma ou mais vagas no laboratório. Havia um aluno, da primeira turma, que sempre ficava para assistir a mesma aula nas turmas seguintes.

Em um futuro próximo, voltei a encontrar com este aluno; desta vez, na classe de Informática Aplicada a Automação, no curso superior de Automação Industrial. Agora, com muito prazer, o tenho como colega de trabalho, o



Figura 22 – Na disciplina Desenho Aplicado a Automação, os alunos utilizavam o software AutoCAD para modelagem de objetos em 3D. O Prof. Fábio Araújo, aluno da turma pioneira de Automação Industrial na época, em um trabalho autodidata. 2006.

Fonte: arquivo pessoal

Prof. Fábio Araújo, atualmente concluindo seu doutoramento em Engenharia Elétrica. Que satisfação! Que emoção! Só quem leciona entende.

Logo nos primeiros anos na instituição, assumi a Coordenação do Curso Técnico em Edificações com o professor Adilson Pontes. Era um período de poucos recursos e, assim, para conseguirmos melhorias para a infraestrutura dos cursos, trabalhamos na submissão de projetos a instituições financiadoras, como foi o caso do concurso da Fundação Vitae para o ano de 2005. Esta foi uma das grandes conquistas que alcançamos, resultante de um trabalho coletivo envolvendo todos os servidores ligados ao ensino, representando as áreas de edificações, eletromecânica e informática, inclusive as gerências, a Assistência Estudantil e a Diretoria Administrativa.

Como resultado, foi montado o Laboratório Vitae, com modernos computadores, softwares e equipamentos de conectividade multimídia. Além disso, os ambientes de professores foram equipados com recursos para facilitar a preparação de aulas, como escâneres, TVs e computadores e uma máquina para recarga de cartuchos de impressoras, uma vez que este era um dispositivo muito caro naquele tempo em que não possuíamos impressoras a laser.



Figura 23 – Atividade de campo com turmas do ensino médio integrado. Participação da Prof.ª Valéria.

Fonte: arquivo pessoal

As coordenações de cursos funcionavam como um ponto de apoio às atividades da gestão. Sempre que havia decisões que necessitassem de um parecer técnico, éramos consultados, e, dessa forma, foi criado o Núcleo Técnico, que funcionava como o setor responsável por estas atividades de consultoria e, às vezes, de execução ou fiscalização.

Assim se deu a construção da primeira ampliação dos ambientes de sala de aula, no final do Bloco 4, marco do início do curso de Automação Industrial. Foi uma conquista da nossa saudosa diretora Maria de Fátima Vieira Cartaxo, com o apoio do diretor-geral do CEFET-PB, Prof. José Rômulo Gondim. Construir mantendo o mesmo padrão de acabamento utilizado nos demais ambientes da UNED mostrou-se ser um desafio.

A empresa que venceu a licitação era de João Pessoa e, tendo que terceirizar os serviços na região, não conseguia mão de obra devidamente qualificada. Foi uma obra demorada, com o uso de técnicas já não utilizadas em João Pessoa como, por exemplo, o sistema de escoramentos de lajes com estroncas de madeira de sabiá. Por fim, a construção deu certo graças à colaboração do Setor de Engenharia, que funcionava no CEFET Sede, na época chefiado pelo engenheiro civil Gilvan Porto. Este nos confiou a fiscalização da obra, com o também engenheiro e Prof. Adilson Pontes.

Em continuidade, a obra da piscina foi uma das últimas contribuições da administração do Prof. Rômulo Gondim. Na verdade, já precisávamos de salas de aula, mas a piscina veio como um presente, haja vista ser um item caro que realmente faltava nas atividades de educação física. O projeto foi desenvolvido em João Pessoa, e creio que sem as informações peculiares da topografia do local. Por isso, com a devida permissão do Setor de Engenharia, iniciamos um novo estudo.

Com estagiários de edificações, refizemos o projeto, e os valores economizados foram aplicados na manutenção dos banheiros e em outros serviços necessários para os quais não havia recursos. Isso porque, naquela época, o orçamento do CEFET-PB era um só, não havia dotação orçamentária exclusiva para a UNED. Sendo assim, era comum serem feitas viagens para buscar até material de consumo como papel A4, canetas, marcadores para quadro branco, cartuchos de tinta para impressoras e por aí vai. Tempos difíceis!

Mas os tempos mudaram, a conjuntura da política nacional agora permitia novos investimentos e, dessa forma, entre os anos de 2009 e



Figura 24 – Atividade de grupos de pedal promovida pelo professor George Cruz junto à comunidade do IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo pessoal

2010, foi possível solucionar, ainda que momentaneamente, o problema da falta de salas de aula, com a construção do Bloco Clístenes Xavier de França, que recebeu esse nome em homenagem ao grande professor da instituição que, enquanto arquiteto, teve esse como seu último trabalho antes de ser removido para João Pessoa.

Lembro-me bem de vê-lo sentado por horas, trabalhando em um dos computadores da sala de professores de edificações, quando modelou todo o edifício, inclusive a estrutura, utilizando AutoCAD 3D, um avanço para a época. Ao concluir, entregou-me um CD com a cópia do arquivo para que eu o guardasse na Coordenação do Curso e utilizasse quando oportuno.

Quando me afastei para o mestrado, deixei o CD aos cuidados de meus superiores. A oportunidade não tardou: o arquivo foi utilizado, com algumas dificuldades, haja vista o uso de uma tecnologia inovadora, que era a modelagem 3D. Algumas alterações necessárias foram feitas, sem, contudo, descaracterizar o projeto original do nosso querido Clístenes, que já não estava entre nós.

A obra iniciou e, quando retornei, já estava em andamento. Relatei sua história ao nosso diretor administrativo da época, Prof. Guilherme de Avelar Régis, e este concordou com a homenagem. A inauguração do bloco foi uma cerimônia bonita, com a presença da família do homenageado e de professores que tiveram o prazer de conviver com este arquiteto, matemático, artista plástico, exímio desenhista, astrônomo e, acima de tudo, ser humano como nenhum outro, em toda sua sabedoria, simplicidade e humildade de coração, um exemplo a ser seguido.

Com o crescimento do número de alunos, logo surgiu outra necessidade não menos urgente: ampliar o refeitório, que funcionava em um pequeno espaço entre o pátio e a biblioteca. Novamente o Núcleo Técnico entrou em ação. Desta vez, contamos com grande apoio do Prof. Gastão Coelho de Aquino Filho, que viabilizou a realização de estágios dos alunos de edificações nas atividades do Núcleo. Assim, foi instalada uma bancada com três computadores no Laboratório de Solos, onde as atividades passaram a ser desenvolvidas.

Neste projeto, contamos com a colaboração de bravos alunos de edificações, a exemplo de Francisco Humberlânio Trajano, que trabalhava apaixonadamente. Lembro uma vez que, para cumprir com uma entrega

de desenho, ficou até tarde da noite, e quando o levei para casa, em São José de Piranhas, já era meia-noite.

Foi igualmente prazeroso observar sua evolução como meu aluno de desenho básico e desenho arquitetônico, tendo o acompanhado no estágio, e, com muita alegria, ver sua formatura em Engenharia Civil.



Figura 25 – Aulas de Desenho Aplicado à Automação ministradas pelo Prof. George Cruz, em 2006.

Fonte: arquivo pessoal

Sem dúvida, a construção do restaurante universitário foi um dos grandes legados do Núcleo Técnico. Sua implantação, contíguo ao Bloco 1, onde fica a entrada do Instituto, aproveitou a topografia do terreno para garantir a boa altura do salão de mesas, mantendo a harmonia arquitetônica ao criar, no primeiro pavimento, uma ampliação de salas administrativas. Fato a destacar foi a boa vontade dos construtores em atender nosso apelo de preservar uma frondosa craibeira (*tabebuia aurea hook*) que, à tarde, faz uma boa sombra na circulação do primeiro piso.

Relembrar esses fatos foi como revivê-los, tomar consciência da trajetória que vimos sendo feita sem nos darmos conta do tempo que passa, das pessoas que chegam e das que se vão, dos laços que se criam, do sentimento de pertencimento, das emoções que brotam, em suma, é a vida que aqui vivemos, numa palavra: gratidão!

8.

Histórias de um professor de topografia

(Crispim Cesinando Coelho Neto)

A minha relação com o IFPB, anteriormente CEFET e mais anterior ainda Escola Técnica, aqui na cidade de Cajazeiras, começou bem antes da sua inauguração, teve início no lançamento da sua pedra fundamental, durante a sua fase de construção. Fui contratado pela empresa construtora para fazer serviços de topografia, locando alguns blocos que iam ser construídos. Nessa época, alimentei o sonho de, posteriormente, ser professor nessa instituição.

Quando foi lançado o edital do primeiro concurso para seleção de professores, no ano de 1994, vi aí a oportunidade de realizar aquele sonho da época da construção. Fiz o concurso para a disciplina de topografia



Figura 26 – Prof. Crispim em atividade de campo. Aula de Geologia-Hidrologia-Topografia, em 1996.

Fonte: arquivo pessoal do Prof. Gastão Coelho

e, quando saiu o resultado, fui classificado em segundo lugar; o primeiro foi um colega de João Pessoa, que tinha a prioridade de ficar aqui. O primeiro ano de funcionamento da instituição foi em 1995, e como a disciplina de topografia só era oferecida no segundo ano, a contratação do professor para lecioná-la só seria efetivada em 1996. Posteriormente apareceu uma vaga para o *campus* de João Pessoa, que seria do segundo colocado. Houve, então, uma permuta: o primeiro colocado foi para a capital e o segundo, no caso, eu, foi nomeado em maio do ano de 1996 para o *campus* de Cajazeiras. Dessa forma, aconteceu uma feliz acomodação do primeiro e segundo colocados, possibilitando, assim, a concretização do meu sonho de ser professor dessa instituição, e na cidade Cajazeiras.

Naquela época, era costume, na escola, apresentar os novos contratados aos demais servidores dos diversos setores, favorecendo uma maior integração e facilitando o conhecimento do funcionamento da escola.



Figura 27 – Visita à Cerâmica Laranjeiras, em 2002.

Fonte: arquivo pessoal do Prof. Gastão Coelho

Assumi a cadeira de topografia no curso Técnico em Agrimensura, que já estava no segundo ano de funcionamento e era composto de duas turmas, sendo uma no período da manhã e outra no período da tarde. Existia um outro curso na escola, o Técnico em Eletromecânica, porém eu

só lecionava no de Agrimensura. Quando as turmas pioneiras chegaram ao quarto ano, assumi a cadeira de saneamento, pois existiam poucos professores e tínhamos que dividir as disciplinas entre os docentes da área.

Alguns anos depois, após inúmeras discussões e reuniões em que foram analisados vários fatores, o curso de Agrimensura foi substituído pelo curso Técnico em Edificações. Assumi, então, outra disciplina – Orçamento e Planejamento de Obras – e deixei de lecionar a disciplina de saneamento.

No ano de 1999, fiz o curso de especialização em saneamento ambiental no CEFET – MG, na cidade de Belo Horizonte-MG, em companhia de alguns colegas professores do *Campus Cajazeiras* e outros da sede – João Pessoa. Deslocamo-nos para Belo Horizonte num transporte tipo van, que pertencia a um dos professores de João Pessoa. Esse curso foi ministrado em três etapas, tendo cada uma delas a duração de um mês. No término da especialização, apresentamos um trabalho de conclusão. Escrevi sobre os resíduos sólidos da nossa cidade, mostrando todo o ciclo do resíduo, desde a colocação fora das residências até o depósito final.

Fora do ambiente da sala de aula, vale destacar o acompanhamento e a orientação dos alunos estagiários nas obras. A nossa tarefa é facilitar para o aluno um melhor entendimento entre as informações teóricas obtidas nas salas de aula e a prática do dia a dia nas construções.



Figura 28 – Professor Crispim Coelho Neto junto a membros do projeto “O ofício do historiador”, em 2019. Alunos: Eneias Raul e Jeferson.

Fonte: arquivo do Projeto “O ofício do historiador”

Particpei, ainda, junto com o professor Gastão, da realização dos dois primeiros Ciclos de Palestras Técnicas do Curso de Edificações – *Campus* Cajazeiras. Trouxemos vários profissionais e empresas de grande porte, como Gerdau, Cimento Nassau, Tigre, Coral Tintas etc., para darem palestras e cursos durante esse evento.

Ao longo desses anos ensinando principalmente topografia, tenho a grata satisfação de ver o sucesso de vários ex-alunos que seguiram sua vida profissional nessa área. Hoje alguns têm empresas de serviços topográficos aqui na nossa cidade e em cidades vizinhas, e outros trabalham em empresas como topógrafos, todos bem realizados profissionalmente. Esse é o melhor pagamento para um professor.

9.

IFPB: estrada de fazer o sonho acontecer...

(Virgínia Holanda)



Figura 29 – Professora Virgínia Holanda. IFPB – Campus Cajazeiras, em 2016.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Nas últimas décadas, o que mais tem sido ouvido por parte dos professores é que não é fácil ser professor. Várias são as causas disso, desde a desvalorização da classe por parte dos governantes até a falta de respeito por parte do alunado.

Felizmente, tive a honra e satisfação de exercer o magistério numa das melhores instituições de ensino pelas quais passei. O IFPB foi, para mim, um prêmio, um verdadeiro oásis após atravessar tantos desertos. Sou grata a Deus por ter chegado a esta etapa ainda com ânimo e vigor. A sala de aula não me tirou a alegria de ser professora nem a esperança e a crença num mundo melhor pela educação.

O objetivo deste relato é deixar registrado tudo o que de bom vivi, construí e acredito ter despertado em boa parte das gerações que por aqui passaram. O IFPB-Cajazeiras nasceu sob a égide do Padre Rolim, como Escola, e assim se preservou: no zelo pelos seus, seja aluno ou servidor. Foram 25 anos de empenho, de preocupação com a formação e de desejo de crescer... e cresceu. De Escola Técnica Federal a Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, foi uma longa caminhada, da qual tive o prazer

de fazer parte, vendo sua evolução e também evoluindo, tanto na formação profissional quanto na humana.

Foi na condição de professora de Língua e Literatura que vi verdadeiros milagres acontecerem, sobretudo, com a Literatura. Estimular a leitura não é fácil, mas é possível, e através dela ouvi depoimentos de alunos que decidiram fazer o curso de Letras, motivados e estimulados pela leitura dos clássicos da literatura brasileira.

A leitura, sabemos, abre um leque de possibilidades tanto para ser desenvolvido pelo professor como idealizado pelos alunos, que sempre nos surpreendem. E é nesse instante que nos realizamos, não por nossas experiências e atitudes, mas pela criatividade e capacidade de interpretar textos antigos e dialogar com a atualidade. Não foram poucos os momentos de escuta e discussão motivados pela leitura de romances, contos e crônicas de autores brasileiros.

Em 2016, fui surpreendida com a produção de um DVD, pelos alunos do 2º ano de Informática, que se basearam na obra *O Guarani*, de José de Alencar. Essa foi apenas uma das tantas emoções que vivi como professora. Em 2018, tive a felicidade de assistir a interpretação e a dramatização da obra *O Sertanejo*, também do autor romântico José de Alencar, por alunos do 2º ano de Eletromecânica. Por ser uma ficção que aborda uma temática tão próxima a nós, esta saiu com uma perfeição impressionante.



Figura 30 – Dramatização da obra *O Sertanejo*, de José de Alencar.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 31 – Júri Simulado da Obra Dom Casmurro.

Fonte: arquivo pessoal

Não poderia deixar de citar também o famoso e tão esperado Júri Simulado da Obra Dom Casmurro, do irreverente autor Machado de Assis. Trata-se de uma atividade que leva os alunos a desenvolverem várias etapas antes de realizar o “júri”, como assistir a um júri de verdade, ler a obra e discutir previamente para encontrarem fatos (passagens) capazes de servir como acusação ou defesa, dependendo do ponto de vista a ser defendido.

Meus passos pelo IFPB – *Campus Cajazeiras* foram marcados por crescimento profissional e satisfação pessoal. Satisfação por assistir aos efeitos gerados pelo poder transformador da educação, por ver o retorno de muitos alunos à Instituição como servidor ou professor e também por ver muitos destes trilharem outros caminhos, por outras áreas; o mais importante de tudo, é sentir-se participe dessa história de tantos, como bem sugere o título deste livro.



Figura 32 – Dramatização da obra Senhora, José de Alencar.

Fonte: arquivo pessoal

Os contos de Machado de Assis são grandes referências para se abordar assuntos ligados à ética, à justiça, à religião, entre outras temáticas que nos permitem dialogar com a atualidade. São os romances, porém, sobretudo os românticos, os que mais têm despertado interesse dos alunos, segundo minha concepção. Ficarão gravadas nas “retinas de minha memória” as belas e profundas representações baseadas nas obras, entre as quais destaco as clássicas, a exemplo de *Senhora*, revivida pelos alunos de Edificações.

O poder da leitura é mágico e enriquecedor; ainda que, de início, se enfrente certa resistência, aos poucos, estas vão se dirimindo à medida que o interesse do aluno vai sendo despertado.

10.**História da COPED**

(Simone Formiga Albuquerque)

A História do IFPB – *Campus* Cajazeiras remonta à década de 1990, mais precisamente ao ano de 1994, quando, no dia 4 de dezembro de 1994, foi inaugurada a Escola Técnica Federal da Paraíba, originando a Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras/UNED Cajazeiras.

Naquele ano, a UNED Cajazeiras contava com setores administrativos e setores ligados ao ensino, quais sejam: Coordenação de Ensino, Coordenações de Área, Coordenações de Curso, Equipe Pedagógica e Orientação Educacional. É importante esclarecer que Supervisão Pedagógica e Orientação Educacional funcionavam como setores distintos, cada um atuando dentro de suas atribuições próprias.

Naquela época, a equipe pedagógica contava com os seguintes profissionais:

- ▶ Supervisoras educacionais: Maria José Marques Silva e Nádia Jane de Sousa.
- ▶ Técnicos em assuntos educacionais: Francisca Leneide Gonçalves Pereira, Lucinéria Maria de Farias, Maria de Fátima Vieira Cartaxo, Valéria Maria Guimarães, Antônio Rodrigues e Simone Formiga Albuquerque.
- ▶ Assistentes em assuntos educacionais: Márcia Silva Oliveira e Marijara da Conceição Mendes.

Por outro lado, a Orientação Educacional era formada por dois orientadores: Gilvandro Vieira da Silva e Maria Socorro Saraiva.

A respeito dos profissionais listados acima, é mister esclarecer que Nádia Jane atualmente é professora do curso de Pedagogia do *Campus* I da UFPB. No IFPB, Leneide Gonçalves está lotada no gabinete médico-odontológico do *Campus* Cajazeiras, Lucinéria está na Coordenação de Estágios deste mesmo *campus* e Valéria Guimarães está no *Campus* João

Pessoa. Antônio Rodrigues não se tem notícia. Por outro lado, Márcia Silva exerce, atualmente, o cargo de professora de Geografia da Escola Agrícola de Jundiá integrada à estrutura acadêmica e administrativa da UFRN e



Cajazeiras 1995
Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Educação Profissional do IFPB

Figura 33 – Equipe Pedagógica da UNED Cajazeiras, 1995. A foto apresenta alguns integrantes da Equipe Pedagógica. Sentadas, da esquerda para a direita, estão: Nádia Jane, Leneide, Maria José, Simone e Márcia. Em pé, à direita: Valéria, Socorro Saraiva e Lucinéria, no centro. Estão nesta foto, também, da esquerda para a direita: Prof. Roscellino Bezerra (Química), José Edmar (assistente em administração), Prof. Pereira (Física), Jaildo Pequeno (vice-diretor) e Prof. Luciano Candeia (História).

Fonte: acervo do núcleo de documentação e pesquisa da educação profissional do IFPB. Fonte: arquivo – COPED – IFPB – Campus Cajazeiras



Figura 34 – Fátima Cartaxo no momento de solenidade de sua posse como Diretora deste Campus.

Fonte: arquivo do IFPB – Campus Cajazeiras

Marijara Mendes é servidora do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, exercendo o cargo de analista judiciária.

É importante lembrar que Fátima Cartaxo e Maria José Marques, que atuaram na Coordenação Pedagógica, já não estão mais presentes entre nós. Fátima faleceu em 27 de fevereiro de 2013 e Maria José, a quem chamávamos de Mazé, partiu em 16 de março de 2018. Enquanto integrantes da Coordenação Pedagógica, servidoras desta Instituição e profissionais da educação, deixaram uma importante contribuição e estarão na memória de todos que com elas conviveram.

Fátima Cartaxo, além da sua contribuição como integrante da Coordenação Pedagógica, foi tam-

bém diretora deste *Campus*, no período de 2002 a 2006, e uma das fundadoras do Sindicato dos Trabalhadores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica da Paraíba – SINTEF-PB. Maria José, além de sua contribuição como pedagoga, assumiu por duas vezes a função de coordenadora pedagógica e também foi uma das fundadoras do SINTEF-PB.

Como atuavam em setores distintos e entendendo a importância de uma ação integrada entre esses especialistas em educação, a Equipe Pedagógica encaminhou à Coordenação de Ensino, em 28 de maio de 1996, um memorando solicitando a agilização do processo de criação da Coordenação Técnico-Pedagógica, com o objetivo de possibilitar autonomia de ação da equipe pedagógica bem como uma maior integração entre supervisores e orientadores educacionais.

Com a designação da supervisora Nádia Jane de Sousa, em 03 de julho de 1996, para ocupar a função de coordenadora pedagógica, criou-se a tão esperada Coordenação Técnico-Pedagógica (COTEPE). Nádia ocupou a função até 21 de novembro de 1997. Após esse período, ficaram à frente da Coordenação os seguintes integrantes: Maria Socorro Saraiva, que assumiu a função por duas vezes, de 1998 a 2000 e de 2001 a 2002; Maria José Marques Silva, designada para a função também por duas vezes, em 1999 e em 2010; Gilvandro Vieira da Silva, no período de 2000 a 2001; Simone Formiga Albuquerque, de 2002 a 2010, e Magda Elizabeth Carvalho, psicóloga, coordenadora entre 2011 e 2013.

Desde sua criação, a Coordenação Pedagógica sempre foi muito atuante, realizando um trabalho pedagógico relevante a fim de dar um direcionamento às questões inerentes ao processo ensino-aprendizagem desta instituição, seja por meio da organização ou participação em eventos, de projetos de formação continuada e das demais ações necessárias. Puxando o fio da memória e voltando no tempo, a título de exemplo, destacam-se os seguintes eventos:

- I Encontro do Ensino das Ciências, que ocorreu nos dias 05 e 06 de junho de 1997, sendo que a Coordenação Pedagógica participou deste evento e o organizou com a Coordenação de Ensino e a Coordenadoria da Área de Exatas.

- Participação e organização da I, II, III e IV Semana de Artes, Desporto, Tecnologia e Ciências – SADETEC, que aconteceu, respectivamente, em 1997, 1998, 1999 e 2002.

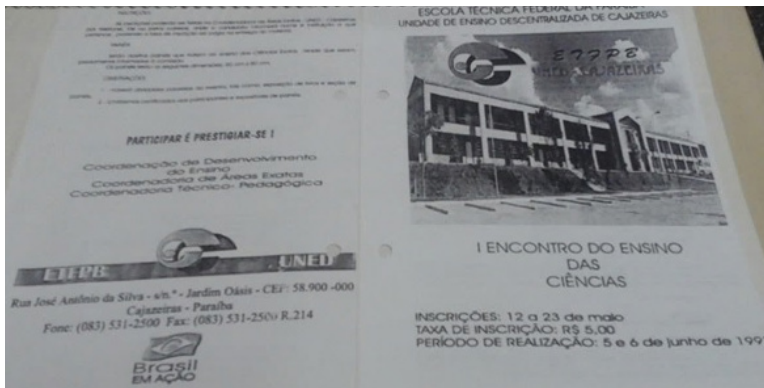


Figura 35 – Folder ilustrativo do I Encontro do Ensino das Ciências, em 1997.

Fonte: arquivo – COPED – IFPB – Campus Cajazeiras

Quanto aos projetos, em 1997, a Coordenação Técnico-Pedagógica desenvolveu o Projeto Grupo Saber, que teve como objetivo oferecer subsídios para superar as dificuldades nas disciplinas de Matemática e Física, a fim de reduzir o índice de reprovação nessas disciplinas nas primeiras séries do 2º grau.

No ano de 1999, a Gerência Educacional do Ensino Científico e a Coordenadoria de Apoio Pedagógico e ao Estudante desenvolveram o Projeto Curso Pro-Médio, direcionado aos alunos das oitavas séries das Escolas Públicas, com o objetivo de proporcionar uma revisão dos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática e preparar esses estudantes para ingressar no ensino médio ofertado pelo CEFET – UNED Cajazeiras.

Em 2007, a Coordenação Pedagógica organizou um curso de formação continuada para os professores que iam atuar na Educação de Jovens e Adultos. O curso fez-se necessário tendo em vista que, naquele ano, o IFPB – Campus Cajazeiras implantava o curso integrado de Qualificação

em Operação de Microcomputadores e os docentes necessitavam de uma capacitação para atuar nessa modalidade de ensino, já que, para muitos, era a primeira vez que atuavam na Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente, merece destaque o Projeto Metodologias de Aprendizagem Ativa que está sendo desenvolvido pelos pedagogos e técnicos em assuntos educacionais lotados na Coordenação Pedagógica e por professores engenheiros. O projeto surgiu diante da necessidade de repensar o programa de formação continuada destinado aos docentes do *Campus* Cajazeiras. O grupo passou a se reunir periodicamente, dando origem à Comissão de Educação e Aperfeiçoamento Profissional – CEAP, que tem aprofundado os estudos sobre Metodologia da Aprendizagem Ativa, repassando seus resultados e as experiências vivenciadas para outros *campi* do IFPB e para outros IFs, além de universidades e instituições de outros estados. As representantes da Coordenação Pedagógica na CEAP são as pedagogas Claudenice Alves Mendes e Vanda Lúcia Batista dos Santos Sousa.

As ações desenvolvidas pela Coordenação Pedagógica ao longo de seu tempo de existência são: encontros pedagógicos, recepção aos professores novatos, semana de ambientação dos alunos ingressantes, acompanhamento aos alunos reprovados e em progressão parcial, reunião de



Figura 36 – Formação da Coordenação Pedagógica em 2019. Nela, tem-se a presença de Lucrécia, diretora do *Campus* Cajazeiras. Da esquerda para a direita, estão: Socorro Saraiva, Simone, Claudenice, Vanda, Lucrécia e Aparecida.

Fonte: arquivo pessoal

pais e mestres, participação nas reuniões de Conselho de Classe e acompanhamento aos cursos, ficando cada integrante da Coordenação Pedagógica responsável por um curso específico, tendo em vista um melhor direcionamento das atividades.

Passados 25 anos de sua existência, a Coordenação Pedagógica tem, hoje, como profissionais, além de Gilvandro Vieira, Simone Formiga e Socorro Saraiva que, ora, encontra-se atuando na Coordenação de Apoio Pedagógico e ao Estudante (CAEST), as pedagogas Claudenice Alves Mendes, Maria Aparecida da Silva e Vanda Lúcia Batista dos Santos Sousa, que exerce, desde 2014, a função de coordenadora pedagógica.

Também fizeram parte do quadro de servidores da Coordenação Pedagógica as psicólogas Magda Elizabeth Carvalho, que atuou no *Campus* Cajazeiras de 2009 a 2013, e Iria Raquel Borges Wiese, que foi servidora desta instituição no período de 2014 a 2017. Magda está, hoje, lotada no *Campus* Cabedelo do IFPB. Por outro lado, Iria é, atualmente, professora da Escola Técnica de Saúde da UFPB, em João Pessoa. Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, que desde 2006 está no IFPB – *Campus* Cajazeiras, também integrou o quadro de pedagogos deste *Campus* e encontra-se, atualmente, no cargo de diretora da Instituição, exercendo seu segundo mandato como gestora.



Figura 37 – Psicóloga Iria (à esquerda) e demais integrantes da Coordenação Pedagógica.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 38 – Reunião da Coordenação Pedagógica com docentes. Na foto: a psicóloga Magda Carvalho (1ª à direita) e as pedagogas Claudenice Mendes e Socorro Saraiva.

Fonte: arquivo pessoal de Magda Carvalho

Escrever sobre a criação da Coordenação Pedagógica do *Campus* Cajazeiras do IFPB possibilitou trazer à tona a representação do passado, pautado em emoções e vivências sobre lugares, pessoas e fatos guardados na memória, permitindo voar, viajar através do tempo.

11.

Minha experiência na área de informação

(Fábio Andrade)

Eu cheguei ao *Campus* Cajazeiras do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), recém-formado em Ciências da Computação, em 20 de junho de 2002. Em 2019, fez 17 anos que estou aqui. Eu era professor substituto e ministrei várias matérias, sempre na área de informática, aqui no *Campus*, desde as do ensino técnico e do integrado até as do superior.

O IFPB era diferente do que vemos hoje. Na época, ainda se chamava CEFET-PB, sendo que o nosso *Campus* era chamado de UNED Cajazeiras. O que se via era uma realidade bem complicada, pois convivíamos com laboratórios que eram os mesmos da inauguração – ocorrida em 1994 –, sendo que eu cheguei aqui em 2002. Fazia, portanto, cerca de 8 anos que o mesmo equipamento era usado, o que em outras áreas poderia não



Figura 39 – Professores da área de informática, em 2004. Da esquerda para a direita: Fábio, Márcio, Edemberg, Marcelo, Claudivan, Arnóbio e Daniel.

Fonte: arquivo pessoal

impactar tanto, mas para a informática representava uma estagnação significativa. Quanto ao quadro de professores, tínhamos muitos substitutos. A biblioteca carecia de modernizações, contando com livros antigos. Hoje em dia, a estrutura e o material disponibilizados pelo IFPB são bem melhores, com quadro de aproximadamente 15 professores, sendo cerca de 4 substitutos e 11 efetivos.

A transformação dessa realidade passou a ser percebida por mim em meados de 2004-2005. As coisas começaram a mudar; abrimos os cursos superiores de Automação Industrial em 2005 e de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) em 2006. Após o início desses cursos, houve uma boa melhoria na infraestrutura e nas condições de trabalho.

Hoje, o curso de ADS é um dos grandes destaques do *Campus*, pelas suas avaliações do ENADE, que acontecem a cada três anos. Em quatro avaliações, o curso obteve nota máxima em três, algo que motiva os alunos. Além disso, os nossos estudantes estão sendo contratados muito cedo pelas empresas, antes mesmo de terminarem o curso. Muitos deles conseguem trabalhar fora da região, pois ainda há poucas oportunidades aqui; já houve, contudo, um leve aumento do mercado na região de Cajazeiras.

Espero que consigamos fazer mais parcerias com empresas locais, trazendo mais oportunidades. Também desejamos ofertar uma pós-graduação para estimular a pesquisa, de forma a permitir que nossos alunos tenham mais oportunidades e cresçam ainda mais.



Figura 40 – Colação de grau dos alunos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, em 2013. Da esquerda para a direita: Diogo (hoje professor do *Campus* Cajazeiras), Fidélis, Genemes, Nathaly, Prof. Fábio, Jarddel, Gabriela, Ruthlana e Jovenam.

Fonte: arquivo pessoal

Tudo isso foi uma experiência boa, pois pude acompanhar de perto e participar de todas as transformações pelas quais passamos. Estou há 17 anos no *Campus* e, sendo assim, vi muitas coisas. Entre elas, o que me deixa mais feliz é ver o crescimento que aconteceu desde minha chegada. Quando cheguei, tínhamos apenas uma escola de cursos técnicos, hoje, nos tornamos algo muito maior: temos uma infraestrutura e condições de trabalho de qualidade. Vejo, além disso, que os nossos alunos estão bem e alguns deles trabalhando comigo.

Isso é muito gratificante para um professor. Somos, atualmente, um dos melhores cursos de ADS do Brasil, em um *Campus* no interior da Paraíba, que é um estado que ainda tende a despontar nessa área. Trata-se de um feito sobre o qual se deve, no mínimo, sentir orgulho. Minhas expectativas são de que podemos crescer ainda mais e, quem sabe, no futuro, oferecer algo além aos nossos alunos, a exemplo de uma pós-graduação.

12.

Experiências do curso de Eletromecânica

(Martiliano Soares Filho)



Figura 41 – Professor Martiliano diante da máquina ROMI D 600, no Laboratório de Máquinas do IFPB – Campus Cajazeiras, em 2019.

Fonte: Arquivo Projeto “O Ofício do Historiador”

Fiz Escola Técnica. Não tinha essa escola em Cajazeiras, mas eu tinha familiares em João Pessoa e fiz a seleção para o curso de Mecânica, na época. Fui aprovado e nela estudei de 1984 até 1986. Fiquei apaixonado pela escola e tive a vontade de, um dia, ser professor daquela Instituição. Terminei o técnico integrado e logo fiz vestibular, sendo aprovado em Engenharia Mecânica, que cursei de 1987 a 1991. No final da graduação, já estava de olho nos concursos, pois gostaria de voltar como docente. Até terminar o curso, nenhuma oportunidade apareceu. Naquela época era difícil. Era o tempo de Fernando Henrique.

Em seguida, fiz a seleção para o mestrado em duas instituições. Fui aprovado em Santa Catarina, na UFSC, e cursei entre 1992 e 1995. Quando eu estava fazendo mestrado, fiz um concurso em Santa Catarina, para a Escola Técnica daquele estado; fiquei, porém, em 4º lugar e só tinha 1 vaga, não sendo chamado.

Em uma das minhas vindas a Cajazeiras, quando já havia uma unidade da Escola Técnica na cidade, fiz uma visita à instituição, que estava em seu primeiro ano de funcionamento. Lá, falei com o diretor da época, Prof. João Batista, contando minha situação: esta-



Figura 42 – Placa de inauguração do Laboratório de Máquinas Operatrizes, em 2012.

Fonte: IFPB – Campus Cajazeiras

va aprovado no concurso de Santa Catarina e tinha vontade de voltar à Paraíba. Ele achou muito interessante, pois eu era da cidade, e se empenhou para me trazer para aquela unidade da Escola. Então, depois de 6 meses de conversa entre as duas instituições, a Escola de Santa Catarina me liberou, e eu vim, definitivamente, de volta para Cajazeiras.

Cheguei no segundo ano de funcionamento, em 19 de agosto 1996, próximo ao final do ano letivo. Alguns dias depois, assumi algumas disciplinas – Tecnologia Mecânica, Tornearia e Soldagem. Só existiam dois cursos. Quando a Escola foi criada, já tinha sido planejada para eles. Os laboratórios e toda sua estrutura foram construídos baseados nesses dois cursos, que eram Eletromecânica e Agrimensura. O curso de Eletromecânica está funcionando até hoje; e o curso de Agrimensura foi fechado, por conta do mercado de atuação que era muito restrito. Deve ter sido feita uma pesquisa na época, na região, e chegaram à conclusão que a criação desses dois cursos seria o mais interessante, mas não participei desse planejamento.

Apesar de também não ter participado da criação do curso de Eletromecânica, atuei nas comissões e reformulações que aconteceram ao longo dos anos seguintes. E também fui coordenador de curso, de laboratório e gerente do ensino tecnológico. Minha coordenação durou cerca de 4 anos.

Havia, na época, o diretor-geral. Abaixo dele, o gerente do ensino médio e o gerente de ensino tecnológico. Quando cheguei, os

curso eram integrados ao ensino médio; depois, houve uma separação e, após isso, a junção foi retomada, assim como é hoje. A instituição tinha sido criada para ser uma escola técnica, então, quando houve a separação entre o ensino médio e o técnico, foi como se ela tivesse perdido sua função. Por isso, logo os cursos integrados tiveram que ser retomados.

Lembro dos professores mais ligados à área técnica, como Alberdan Santiago de Aquino, que ainda hoje é professor em João Pessoa, e Alexandre, que foi transferido para Natal/RN. De Informática, tinha os professores Ricardo Lima e Marcílio Onofre – inclusive, como eles eram a dupla da disciplina de Informática e sempre andavam juntos, ficaram ironicamente conhecidos como Batman e Robin. De outras áreas, tinha a professora Cecília, de Geografia; Pereira, que se afastou recentemente; Dimas, que também já está aposentado; Gastão, que ainda está aqui; Virgínia, de Português; Crispim Coelho, que permanece no *Campus*; Arnaldo Gadelha, que era professor de Agrimensura; Chaquibe, tio de Raphael, nosso diretor de ensino; Roberto Silva; Francisco Canindé Camelo; Fernando Hilton; Kennedy Flávio também era um professor atuante do qual me lembro.

Antigamente, assim como ainda acontece hoje, havia um clima de família, porém mais intenso, pois estava todo mundo chegando e se conhecendo. Como a maioria dos servidores era de fora, na mesma situação de estar distante de seus parentes, no final de semana sempre tinha confraternização. Era uma grande família. Hoje, apesar de existirem grupos bem unidos, não é como antes, quando a escola inteira formava um grupo só. Isso porque a escola era menor, as pessoas se conheciam mais, tinha menos gente, então quase todo fim de semana tinha churrasco na casa de um e de outro.

Quando éramos Escola Técnica, fazíamos desfile do dia 7 de setembro. A banda marcial vinha de João Pessoa, e as pessoas da cidade ficavam encantadas. Houve uma época em que pegamos um caminhão emprestado de uma empresa de Cajazeiras e colocamos várias máquinas, como o torno mecânico, e um aluno simulando que estava trabalhando.

Naquela época, a maioria dos professores da área de Eletromecânica tinha ou estava fazendo mestrado e, raramente, um deles tinha apenas graduação ou doutorado. Além disso, a maioria dos servidores técnico-administrativos ligados a essa área tinha curso superior. Geruzia era uma das

funcionárias proativas, que auxiliavam o curso de forma geral. Hoje, ela está na UFCG de Pombal. Era muito dedicada no que fazia; sendo secretária, passou por diversos setores. Rivânia também teve esse papel. Está aqui desde o início e sempre foi muito competente, tendo trabalhado também em outros setores, passando a maior parte do tempo atuando perto das coordenações.

Vivi experiências de grande repercussão. Uma delas foi com o Programa VITAE, que era uma seleção a nível nacional, uma espécie de concurso para as escolas técnicas do Brasil inteiro, em que cada instituição apresentava e mandava seus projetos, e os melhores, que eram selecionados, passavam a ser financiados para a instituição. Quase todos os anos concorriamos; nos primeiros, não ganhamos, mas fomos adquirindo experiência, até o ano em que fomos selecionados. Foi um trabalho muito intenso, com várias pessoas envolvidas, um grupo muito bom. Conseguimos montar um laboratório completo de informática, porque na época éramos carentes desse tipo estrutura. Após a aprovação do pré-projeto deste programa, que era muito sério, veio o esforço para finalizar o projeto. Foi um trabalho intenso, de cerca de um ano, no período de 2003 a 2004.

Outro trabalho de êxito foi a melhoria dos laboratórios da área de mecânica, principalmente do bloco 07, para onde foi concebido um projeto arquitetônico de adequação física feito pelo professor George Cruz. Este projeto de reforma passou, então, pela fase de licitação para definição da empresa que o executaria e, paralelamente a isso, um tempo depois, foram sendo adquiridos os novos equipamentos deste espaço. Para isso, contamos com a cooperação significativa do diretor-geral do CEFET na época, o professor João Batista, que contribuiu e apoiou a equipe de Cajazeiras na compra desses equipamentos e materiais.

Houve uma época em que eu fazia muitas visitas técnicas, viajava muito com os alunos. Percorremos a Paraíba toda; íamos de ônibus a João Pessoa, ficávamos alojados na Escola Técnica e, aproveitando que a viagem era longa, esticávamos até Recife. Na Grande Recife, visitamos a SIMISA e a GERDAU, que são siderúrgicas instaladas na região, e uma multinacional japonesa que fabrica peças para MUSASHI.

Em João Pessoa, visitamos a Cerâmica Elizabeth e a Alpargatas. Nesta, inclusive, aconteceu algo inusitado: o vigilante da época fez uma gracinha com os alunos, mandando que eles ficassem alinhados em duas

filas e marchassem para passar pelo portão principal, ao que estes obedeceram. Também fizemos visita à CHESF, em Paulo Afonso-BA, que é a realização do sonho de todo estudante de eletromecânica. Estivemos em Sousa; em Patos; em Coremas, na hidrelétrica; no Açude Castanhão, no Ceará e no Juazeiro do Norte, no mesmo estado. Em Belo Jardim-PE, a Baterias Moura disponibilizou seu espaço tanto para visita técnica como para estágio, e a grande maioria dos alunos que lá estagiaram se tornaram funcionários e lá estão até hoje. Outra empresa que também absorveu muitos dos nossos alunos foi a Coteminas, em Campina Grande, onde os estagiários se desempenhavam tão bem que eram contratados.

13.**Hastag Morar no IF***(Ricássio Alves)*

Figura 43 – Ricássio Alves, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Olá, meu nome é Ricássio Alves e, nestas próximas páginas, apresentarei para vocês um pouquinho do que eu e meus colegas já vivenciamos aqui, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – *Campus* Cajazeiras. Ao fazer isso, relembrei situações muito divertidas, contagiantes e inesquecíveis, pois são momentos como esses que tornam o IF tão marcante não só na minha vida, mas também na de todos aqueles que por aqui já passaram ou que aqui ainda estão. O fato de ficarmos mais tempo no ambiente escolar do que em casa faz com que o IF se torne nosso segundo lar, ou, para outros, até mesmo o primeiro.

Há pouco mais de três anos, ingressei no IFPB – *Campus* Cajazeiras e, durante todo esse tempo, muitas coisas aconteceram, coisas que em alguns momentos me entristeceram. Ao lidar com o que acontecia, o IFPB Cajazeiras sempre me surpreendia com algo novo, que, no fim, acabava me deixando feliz, não importava o que havia acontecido antes.

Meu primeiro ano no Instituto foi bem diferente para mim, pois, como eu tinha vindo de uma escola pública municipal, nunca havia imaginado estar em um lugar como aquele. Minha primeira impressão, logo na se-

mana de recepção, foi de que ali eu teria muitos problemas e, ao mesmo tempo, teria muito trabalho pela frente. Ver um prédio tão grande como o do IF foi algo que me fez refletir e pensar que o meu futuro era aquele e não havia para onde correr. Só tinha agora que enfrentar o que vinha pela frente.

Como sou uma pessoa muito ansiosa, não via a hora de iniciarem as aulas, de conhecer meus novos professores e o que eles teriam para mim naquele novo ano escolar. Mas não foi assim que começou; eu tive uma semana inteira antes do início das aulas para conhecer aqueles que seriam meus colegas e passariam os próximos quatro anos comigo. E eu, uma pessoa muito tímida, no início, tive problemas para me enturmar, pois era o único que estava sozinho, vindo de outra cidade, enquanto todos os outros já conheciam alguém que tinha estudado ou ainda estudava no IF.

Logo nos primeiros dias da recepção, teve uma apresentação de um grupo de teatro da instituição, o Teatro do Oprimido, com um tema a ser debatido, que, se não me engano, era sobre o abuso de poder. A psicóloga da época, Íria, perguntou para todos que estavam no auditório o que tinham compreendido daquela peça e em que a mudariam. Fui comentar sobre o que eu tinha entendido, e foi aí que tudo começou. Depois de eu ter comentado sobre o que podia ser melhorado na peça, ela me chamou para encená-la. Nisso, com muita vergonha e com todos olhando para mim, fui fazer algo que nem eu achava que fosse conseguir: em um auditório lotado, com cerca de cento e vinte pessoas, lá estava eu, no palco, com todos me olhando, me tremendo de tanta vergonha.

Foi assim que me interessei em uma das atividades do *Campus*, o teatro. Dessa forma, quando foi dito que o grupo estava aberto para receber novas pessoas, eu fui um dos primeiros a querer participar. Essa foi minha primeira paixão dentro do *Campus* e, ao longo do tempo, quando fui conhecendo novas pessoas, que até então não era algo tão fácil para mim, foi que fui buscando formas de interagir mais com o pessoal. A partir desse dia, fui tendo cada vez mais interesse pelo que acontecia e ainda acontece na instituição.

Já no fim dessa primeira semana, tivemos uma gincana que envolvia todos os novos alunos. Nessa gincana, iríamos conhecer o *Campus*, passando pelos principais setores, e o pessoal que organizou tudo teve uma ideia maravilhosa para isso: todos tiveram que sair correndo pelo

Campus atrás de pistas que nos levavam para lugares diferentes. Cada lugar possuía uma nova pista, que nos levava para outro e outro até o término da atividade. Antes de chegarmos ao fim, porém, aconteceu muita coisa e foi essa a parte que mais gostei nessa semana. Apesar disso, na última dica, um de nós do Curso de Edificações teria que pular na piscina para finalizar a prova; foi aí que João Vitor se jogou, pegou o peso que estava lá dentro e nós saímos correndo para o ginásio, mas já era tarde demais: a turma do Curso de Eletromecânica havia vencido. Mesmo sem termos ganhado, foi bem divertido.

Após a semana de recepção, tivemos nosso primeiro dia de aula, para o qual eu estava muito ansioso desde o início, uma vez que ali eu poderia conhecer mais daqueles que passariam todo aquele tempo comigo – os meus novos colegas de classe e os meus professores, que seriam a base de todo o conhecimento que iríamos adquirir. Então, chegada a data mais esperada por mim, 22 de maio 2017, dia do início das aulas, estando eu bem ansioso, entrei na sala de aula e fui sentar logo no meu lugar, aguardando a entrada do professor. Daí veio o professor de Geografia, Teobaldo, nosso querido Teo.

Já que todos eram novos ali, tivemos aquela formalidade de nos apresentarmos e falarmos um pouco de nós e do que esperávamos do trabalho que seria iniciado. Essa primeira semana de aula foi ocupada, basicamente, por essas apresentações, mas tiveram alguns professores que já começaram com aula normal e chegaram nos dando matéria e conteúdo para ser estudado. Isso foi apenas o começo de tudo. Ao longo do ano, muitas outras coisas aconteceram, compartilhamos boas lições de vida que nos fizeram aprender muito e ficaram marcadas.

Para mim, uma das melhores aulas do primeiro ano era a de Artes, apesar de todo o trabalho que ela nos dava: ter que pesquisar sobre tal quadro, tal artista, ou uma obra que você gostava, além de ter a parte prática, que não era lá o meu forte. Alguns de meus colegas, porém, são muito talentosos. Faziam desenhos e esculturas de dar inveja, que até hoje estão guardadas com nosso professor Germando Sertão.

O melhor momento dessas aulas foi quando chegou o quarto bimestre e começamos a ver esquetes. Fizemos pequenas encenações em sala que eram nossas avaliações, mas a melhor de todas foi a última,

na qual nós tínhamos que criar nossa própria esquete. Nisso, metade da turma teve que se dividir em quatro grupos, e a outra metade ficou trabalhando a parte de música; e foi aí que a diversão começou. Depois dos grupos formados, cada um tinha seu tempo para criar uma esquete que seria apresentada para todas as turmas ao fim do bimestre. Então, os grupos começaram a trabalhar em suas atividades, e deles surgiam ideias muito boas. O grupo do qual participei, por exemplo, resolveu fazer um teatro mudo, que retrataria a disputa do coração de uma dama por dois caras que encontraram aquela bela moça na praça. Essa nossa comédia romântica foi muito divertida; eu (Ricássio), Tágina, Lincoln e Wéverton demos vida aos personagens dessa trama que, no fim, virou uma verdadeira comédia, e ninguém conseguiu o coração da dama.

Quando fomos nos apresentar, foi mais divertido ainda, pois tínhamos a presença de nossos amigos para rirem junto conosco e tudo se tornou uma brincadeira só. Todos apresentaram suas peças, que não contemplaram apenas temas engraçados, mas também assuntos importantes; nós brincamos, mas também trouxemos reflexões relevantes para os presentes. Um desses assuntos foi o caso da depressão que os alunos Kelvin, José Allan, Maycon e Vitor trabalharam muito bem em sua esquete. Tivemos até um tribunal na nossa sala, trazido pela esquete das Marias – Maria Rayssa, Maria Clara, Maria Mikaelly e Maria Alice –, que também trouxe experiências significativas, pois foi nela que foram abordados temas como racismo, preconceito e homofobia. Esses, inclusive, foram temas muito debatidos, sempre buscando trazê-los da melhor maneira para que todos pudessem entender que nossa sociedade evolui. Essa foi uma ideia exposta pela equipe da minha amiga Brenna.

Depois de começarmos o segundo ano, o nosso professor de Biologia, Evaldo, estava procurando dois alunos para dar início a um projeto de extensão. Inicialmente, ele chamou minha amiga Tágina. Eu os ouvi conversando na sala sobre o assunto e me interessei. Perguntei, então, se eu poderia participar também. Ingressar no meio científico, através de pesquisas, seria uma experiência muito interessante. Assim, eu e Tágina começamos o nosso primeiro projeto de pesquisa e, junto com este, vieram muitos momentos de risadas e diversão, principalmente quando fomos

fazer a primeira coleta de amostras de macroinvertebrados, que é o tema da pesquisa.

Nessa primeira coleta, aconteceram muitas situações que eu nunca esquecerei, como, por exemplo, quando eu quase caí e levei Evaldo junto; ou quando Tágina, Evaldo, Wilza, Deise e eu estávamos no meio do mato tentando pegar essas amostras. Nesse dia, nos tornamos verdadeiros aventureiros e enfrentamos os mosquitos e também o belo sol de quase quarenta graus da cidade de Cajazeiras. Acredito que todo esse trabalho representa uma oportunidade única e que, se pudesse, eu faria tudo de novo. Com esse projeto, Tágina e eu passamos a ficar três dias por semana no IF: o que tínhamos aula normal e aqueles outros dois que eram dedicados ao projeto. Meus amigos também não ficavam apenas no dia da aula, eles tinham outras atividades, como os treinos das diferentes modalidades esportivas oferecidas pelo IF, a exemplo de basquete, voleibol, natação, futebol, entre outras.

Anualmente temos os Jogos Internos do IF (JIF), em que todos os *campi* se enfrentam em disputas esportivas, não só pela competitividade, mas também pela amizade que é formada tanto entre as equipes como entre as pessoas que são de outros *campi*. Esses JIFs trazem experiências muito boas para aqueles que participam. Ao conhecermos novas pessoas conhecemos também novas opiniões, novos estilos de vida e novas culturas.

Um momento muito gratificante para mim no IFPB foi quando participei dos JIFs, não pela competitividade, mas pela intimidade que tenho, atualmente, com as meninas que fizeram parte do time em que eu estava e também pela forte amizade que estabeleci com a professora Samara. Com Naline, que faz aulas de judô aqui no *Campus*, aconteceu algo muito legal. Participando dos JIFs, ela conquistou uma medalha de bronze nesse esporte, o que, tanto para ela quanto para a instituição, foi um feito muito gratificante. Isso mostra que o nosso *Campus* está sempre preparando pessoas que são capazes desenvolver diversas habilidades nas diferentes áreas do conhecimento.

Outros eventos aproveitados por todos são as semanas dedicadas ao meio ambiente, à tecnologia, à ciência etc. A Semana de Educação, Ciência e Tecnologia (SECT) 2018 foi muito gratificante. Desde o momento da preparação de tudo o que seria apresentado, tanto para o público interno

como para o externo, até o fim da Semana. Essa SECT acontece todo ano e é bem inspiradora, pois durante sua realização muita coisa é apresentada, como palestras sobre o que está acontecendo no mundo da tecnologia ou atividades de sala de aula, quando se tem as oficinas. É gratificante tanto para os monitores como para aqueles que se inscrevem para participar. A SECT também tem momentos de descontração, nos quais nos divertimos muito. Já tivemos até Just Dance, e todo mundo queria participar. Teve também karaokê, e muitos soltaram a voz.

Já na Semana do Meio Ambiente são apresentados projetos e pesquisas feitos para melhorar a situação ambiental do planeta. São muitos momentos a serem citados, cada um com sua importância, desde aqueles em que há maior interação tanto com o público externo como com o interno até aqueles que têm um alcance menor. Todos, porém, buscam o mesmo propósito: mostrar o que desenvolvemos, ensinamos e aprendemos aqui e passar esse conhecimento de alguma forma para aqueles que estão lá fora e não conseguiram ter o que temos agora.

Ao longo do segundo ano, tivemos muitas atividades que nos levaram ao limite em todos os sentidos. A partir daí, nossa rotina no IFPB passou a ser mais corrida, pois tínhamos mais matérias e muito mais conteúdos para estudar, com aulas de segunda a sexta pela manhã e, em alguns dias, também à tarde. Nossos dias passaram a ser praticamente dedicados ao IF, ou melhor, à nossa nova casa, já que ficávamos o dia no Instituto, onde almoçávamos e, às vezes, até jantávamos. Tínhamos que estudar para as avaliações e outras atividades que nos eram passadas e, além disso, também havia as atividades extracurriculares, que nem todos faziam. Para uns, foi uma loucura só, que iria apenas nos deixar mais cansados, segundo disseram alguns. Para outros, aquela era uma chance para adquirir novos conhecimentos e poder passar mais tempo em um local que nos faz pensar e refletir sobre aquilo que queremos em nossas vidas quando sairmos da instituição para o mercado de trabalho.

Nosso *Campus* oferece muitas oportunidades: tem projetos de pesquisa e de extensão, cursos, minicursos, monitorias, clubes e muito mais. Tudo isso para proporcionar uma melhor qualidade de ensino que esteja acessível a todos. Sem falar sobre os nossos professores, que são incriveis. Desde os graduados até os doutores, todos sempre buscam trazer

para nós lições de vida e formas diferentes e mais divertidas de aprendermos o conteúdo passado. Uma dessas formas diferentes é quando há interdisciplinaridade entre o que estamos vendo em matérias distintas.

Um exemplo de atividade interdisciplinar deu-se quando os professores de Desenho Arquitetônico e de Desenho Auxiliado por Computador (CAD), do segundo ano do curso integrado de Edificações, resolveram levar todos nós para fazermos um trabalho comunitário e ajudar uma escola que necessitava passar por uma reforma. Nós tivemos bastante trabalho quando começamos, já que precisávamos, de certa forma, refazer toda a escola com desenhos. Os momentos em que estávamos em laboratório, trabalhando todos juntos, foram apreensivos e intensos, pois tínhamos um prazo de um bimestre para entregar tudo pronto e só havia seis aulas por semana. Essa experiência foi muito gratificante, já que nós estávamos passando pela experiência de saber como funciona um escritório de arquitetura de verdade e como é ter um serviço enorme para entregar em pouco tempo. Finalizamos o projeto de uma das escolas a tempo de ser entregue. Essas atividades interdisciplinares são engrandecedoras, pois nos permitem atuar em diversos palcos, seja como elenco ou como membro dos bastidores – que também exercem um papel muito importante –, em busca de que tudo ocorra como deve ser.

Em 2019 completei o meu terceiro ano de IFPB e ainda há muito a ser dito. Muitos momentos em que todos do Instituto estavam juntos em prol de algo, seja qual for a causa. Temos trabalhos até na área da saúde, em que são feitas palestras sobre assuntos que afetam o público jovem, como gravidez na adolescência. Outros temas, a exemplo da prevenção ao câncer de mama ou câncer de próstata, são debatidos e mostrados para conscientizar a população estudantil do *Campus* e também da região.

Um evento importante que acontece no *Campus* anualmente é o de combate à dengue. Trata-se de um momento em que alunos e professores ajudam a fazer com que o local estudantil e seus arredores estejam sempre limpos para que não haja nenhuma proliferação do mosquito responsável por esta doença, evitando danos futuros à saúde da população.

Nosso Instituto não forma apenas bons profissionais, forma também boas pessoas. Nada disso seria possível sem ter todos esses que trabalham aqui, professores que possuem uma qualificação incrível e que

tentam trazer isso para seus alunos da forma mais proveitosa possível. Alguns até inventam novas formas de ensinar, sempre querendo oferecer em sala de aula aquilo que eles têm de melhor. O pessoal que trabalha com a manutenção do *Campus* faz seus serviços de uma forma impecável, pois nunca vi um local de ensino tão bonito como esse, onde as plantas e os animais se mantêm sempre bem cuidados. O espaço do *Campus* é bem arejado e deixa tudo com um ar agradável. Por fim, mas não menos importante, a administração faz um trabalho espetacular que, mesmo nos momentos mais difíceis, deixa nossa “casa” de pé.

São essas pessoas que fazem desse um lugar tão especial, local que proporciona a todos que por aqui passam momentos inesquecíveis, desde o primeiro dia em que pisam na entrada do IFPB – *Campus* Cajazeiras até o dia mais esperado por todos os alunos, o dia da formatura, quando o sonho de ter seu curso finalizado e de receber o tão desejado diploma de conclusão do ensino médio e do curso técnico se torna realidade. Ter familiares, amigos e professores ali, prestigiando aquele momento, é muito emocionante, pois sabemos que depois da formatura todos começam uma nova jornada.

O IFPB – *Campus* Cajazeiras é um espaço onde diferentes pessoas aprendem a conviver umas com as outras, independentemente de cor, raça, religião, orientação sexual ou qualquer outro tipo de característica que possam ter. Este Instituto não é só um local para se estudar, mas uma casa que abriga diferentes tipos de pessoas que se unem para somar nessa família que é o IFPB – *Campus* Cajazeiras.

É isso que somos: uma família que batalha e luta para ter o melhor para aqueles que fazem parte dela e que, além disso, atende outras famílias que precisam. Eu tenho orgulho de fazer parte dessa enorme família e nunca esquecerei cada momento que passei aqui, pois foram esses momentos, as grandes amizades que fiz e os profissionais que conheci que me tornaram uma pessoa melhor e mais confiante. É muito gratificante fazer parte de tudo isso. E que o IFPB – *Campus* Cajazeiras continue sempre assim, acolhendo, a cada ano, mais e mais pessoas para formar seres humanos melhores, capazes de conviver com as diferenças e que saibam amar e respeitar uns aos outros, pois é a partir daqui que tudo pode mudar.

14.**Ser aluno do IFPB**

(Antônio Yves Dantas e Maria Francisca Targino)

Todos nós temos dificuldades com novos começos, e acredito que um dos mais difíceis é deixar tudo o que já conhecemos de lado e partir para uma nova realidade. Esse é o dilema que é enfrentado por qualquer aluno assim que recebe a notícia de que foi aprovado na seleção do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Se você é ou foi um deles, veja-se como um vitorioso, pois poucos conseguem tal feito.

Quando começamos a estudar no IFPB, nossa realidade de estudos muda drasticamente. Acabamos nos deparando com maiores cobranças relacionadas à nossa forma de estudar, isso porque todos se importam com o meu, o seu, o nosso aprendizado; eu e você fomos selecionados para vivenciar esse mundo de benefícios acadêmicos que o IFPB pode nos proporcionar.

Além das atividades que já estão integradas em nossa carga horária, a instituição dispõe de diversas atividades para que nós, como alunos, possamos crescer, não só em relação à nossa área de atuação, mas crescer como pessoa, como cidadão. Essas atividades são essenciais, pois auxiliam no



Figura 44 – Duplas do vôlei de praia dos campi Cajazeiras e Picuí, em agosto de 2018.

Fonte: arquivo pessoal

desenvolvimento profissional e no comprometimento com a sociedade. Para auxiliar no comprometimento, existem os projetos de extensão, que surgem com o princípio de propiciar aos alunos formas de conexão e vivência com diversas culturas, não se limitando apenas ao que este já está acostumado.

Quando começamos a conhecer as possibilidades que estão disponíveis nesta instituição, o gosto de querer mudar e poder adquirir novos conhecimentos começa a crescer dentro de nós. Cada pessoa sabe o que é essencial para si, para seu crescimento como profissional, e, pensando nisso, existe o acesso a cursos de línguas estrangeiras, essenciais para os alunos que desejam começar a planejar seu futuro.

Uma das atividades mais atrativas aos alunos são os Jogos dos Institutos Federais (JIF), visto que envolve a prática de esportes, ajudando os alunos no seu espírito de liderança e competitividade, essenciais para o mercado de trabalho. Eu, Maria Francisca, participei dos JIF representando o *Campus Cajazeiras* no vôlei de praia. Afirmo que a participação nessa atividade me mostrou o quão importante e essencial é o trabalho em equipe, além de poder desenvolver grandes amizades.

Um aluno do curso de Informática sabe que o inglês é essencial para seu futuro na área, então ele buscará participar de atividades que auxiliem seu aprendizado do idioma. Outra atividade que ele pode ingressar são as aulas de robótica, que auxiliarão seu desenvolvimento em uma área que tem grande potencial de crescimento.

Como ex-alunos da instituição, nós, Antonio Yves e Maria Francisca, participamos dessas aulas de robótica e podemos afirmar que isso nos ajudou a crescer na área. Tivemos, inclusive, a oportunidade de participar da Olimpíada Brasileira de Robótica, que aconteceu na cidade de João Pessoa-Paraíba. A nossa participação se deu a partir da criação de uma equipe, e trabalhamos em um robô, cujo objetivo era seguir uma faixa presente em uma pista de competição e, no final, salvar três bolas, que são conhecidas como vítimas. Nossa equipe foi complementada pelos ex-alunos Maria Vitória Mendes Batista e Rafael Almeida de França, além do técnico em laboratório Alberto Grangeiro de Albuquerque Neto, que nos acompanhou durante a competição.

Com todas as ofertas relacionadas ao crescimento pessoal e profissional, os estudantes buscam defender seus direitos, e, para isso, eles



Figura 45 – Equipe Atom em competição da Olimpíada de Robótica, na cidade de João Pessoa-PB, em setembro de 2018.

Fonte: arquivo pessoal

contam com o apoio do Grêmio Estudantil, que é a unidade responsável por lutar pelos direitos dos alunos dos cursos técnicos do IFPB. Quando entramos no IFPB, em 2015, o Grêmio estava desativado, devido à conclusão do curso dos ex-representantes e da falta de interesse por parte dos alunos em dar continuidade ao gerenciamento deste. Em 2016, surgiu a vontade de reativá-lo, e, com o ex-aluno Maicon Douglas Tomaz Nogueira, fomos conversar com a Direção para dar início ao processo eleitoral que daria vida novamente ao Grêmio.

O processo foi bastante rápido. No início, os alunos se interessaram em participar do Grêmio, para assim poderem lutar pelos seus direitos. Foram formadas duas chapas para concorrer à presidência: a nossa, que se chamava “Fênix,” e outra, que infelizmente não concorreu devido ao falecimento de um dos seus membros, o ex-aluno Caio Barreto do Nascimento. Depois disso, nenhuma outra chapa se formou. O processo ficou parado pelo resto do ano de 2016 e retornou apenas em 2017. Como nenhuma chapa havia surgido no período, achamos conveniente procurar uma alternativa que deixaria o processo mais rápido. Assim, optamos pelo abaixo-assinado; para assumirmos, deveríamos ter 50% + 1 de assinaturas



Figura 46 –Estudantes que deram início ao retorno do Grêmio, e ex-gremistas, em maio de 2019. No lado esquerdo está Antonio Yves de Sousa Dantas, ex-secretário geral; no centro está Maria Francisca da C. Maciel Targino, ex-presidente; no lado direito, Maicon Douglas Tomaz Nogueira, ex-vice-presidente.

Fonte: arquivo pessoal

do total de alunos dos cursos técnicos – felizmente tivemos um número bem superior a esse.

Após a verificação da documentação e do anúncio aos alunos de que o Grêmio estaria sendo reativado, fizemos a cerimônia de posse, bem simples, apenas com a presença da comissão eleitoral. No início, tivemos bastante dificuldade em realizar o gerenciamento, pois era tudo novo, nunca havíamos feito algo parecido, mas aos poucos fomos nos encaixando em nossos devidos cargos e o trem voltou ao trilho a todo vapor.

O mandato de uma chapa do Grêmio dura 2 anos civis. Como tínhamos assumido em 2017, em 2018 já deveria haver uma nova eleição, para que, em 2019, houvesse a posse da nova chapa, e isso foi feito. O processo levou aproximadamente 4 meses e ocorreu de forma bem natural. Infelizmente, não tivemos duas chapas para concorrer, porém seguimos o método tradicional, a votação direta. No fim do processo, a chapa foi eleita com aproximadamente 86% dos votos.

15.

IFPB na minha vida!

(Luciene Carmo)



Figura 47 – Participação no ECMAT 2019.

Fonte: arquivo pessoal

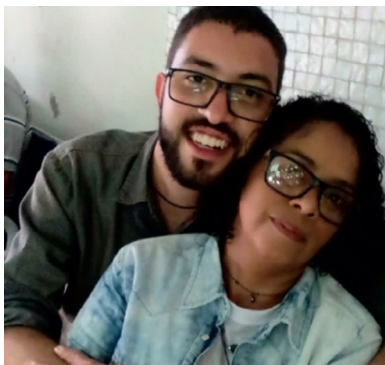


Figura 48 – Meu filho, Luan Lima, e eu.

Fonte: arquivo pessoal

Em julho de 2016, chego ao IFPB Cajazeiras com o desejo de continuar meus estudos e realizar um sonho antigo: ser Professora de Matemática! Tenho lutado por esse sonho há algum tempo, mas, por motivos pessoais, ele teve que ser adiado por várias e várias vezes. Acredito que esses adiamentos foram providências divinas. Nessa tentativa de realização do meu sonho, essa é a terceira instituição que frequento, onde fiz muitos amigos e tive ótimos professores.

Eu não sei dizer se é porque essa cidade do Alto Sertão é conhecida como “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”, mas nela me senti acolhida por todos e, em especial, pelo IFPB – *Campus Cajazeiras*. Tenho professores que respeitam minhas limitações, uma vez que fazia muito tempo que eu havia estudado, me igualando e me fazendo sentir tão capaz quanto os meus colegas que acabaram de cursar o ensino médio.

O que mais me cativa no IF é o tratamento familiar que recebo de todos por aqui, desde a Direção do *Campus* até os prestadores de serviço. Esse clima familiar me ajuda a amenizar a saudade que tenho do meu filho, Luan, que deixei em outro estado, e a saudade do convívio com minha mãe e meus irmãos,



Figura 49 – Organização de material em Braille, junto com o Prof. Aquino, para apresentação no III Congresso Internacional de Educação Inclusiva (CINTEDI), em 2018.

Fonte: arquivo pessoal

que, por algum tempo, ficará restrito às minhas lembranças e chamadas de *whatsapp*.

Troquei esse convívio por uma mala cheia de livros, muita vontade de estudar, determinação, mas não posso me esquecer do “medo”. Medo do desconhecido, de estar sozinha, do fato de não conhecer ninguém e, principalmente, medo de não saber se fiz as escolhas certas. Entre os medos, o maior é o de decepcionar meu filho e meus professores. É assim que estou vencendo um dia de cada vez; eu, minhas gatas e meu novo gatinho, a saudade e muito estudo. Sinto-me agraciada, pois sempre tive no pensamento a certeza de que, se algo der errado nessa cidade, voltarei para junto da minha família que ora, torce e espera por mim.

Hoje, se fosse para eu ir embora, teria que alugar um ônibus para levar a família que me cativou aqui: professores que me desafiam a ir cada vez mais longe e acreditam mais em mim do que eu mesma, colegas de classe que me ajudam com as atividades diárias específicas de cada disciplina, respeitosos e pacientes. Levaria, também, alguns colegas de outros setores em que me engajei, como o de apoio aos alunos, o NAPNE. Foi nesse setor que descobri uma nova paixão além da matemática, “o Brail-

le”. Que fascinante! Sinto-me encantada em transmitir o que eu aprendo com os meus professores com adaptações lúdicas e leituras de códigos por meio de pontinhos.

Hoje, ao me olhar no espelho, eu me deparo com uma mulher abençoada, que se sente realizada quando está na sala de aula, apaixonada pelo que faz, determinada, que segue vivendo um dia de cada vez e que percebe que a lista de pessoas coadjuvantes na história da sua vida só aumenta. Assim, na grande expectativa do esperado dia da formatura, tenho que começar a agradecer, desde hoje, primeiramente a Deus, pela proteção; em seguida, ao meu filho Luan, que me apoia irrestritamente, me auxilia com as tarefas da faculdade; ao meus professores, por toda atenção, respeito e ensinamentos; aos meus colegas, por toda ajuda; enfim à família IFPB, a cada um que caminha comigo dia a dia.

No IFPB, sinto como se o Laboratório de Ensino de Matemática (LABEM) fosse minha segunda casa; sinto-me pertencente ao mundo encantado do conhecimento e da amizade. As vantagens de estudar nessa instituição são imensas. Ao longo do tempo, além do conhecimento específico do curso, tenho possibilidades de adquirir conhecimentos transversais. Estou engajada em alguns projetos, visto que, no IFPB, os alunos são motivados e orientados a participarem de projetos de pesquisa e extensão desde os primeiros períodos, e essa é uma oportunidade grandiosa de aprendizado.

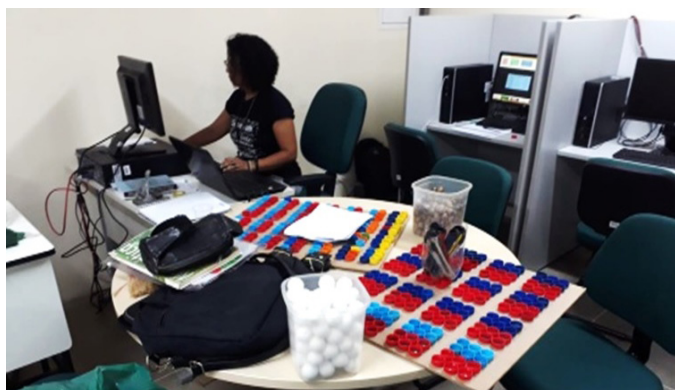


Figura 50 – Organização de material para apresentação ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), no LABEM-CZ, em 2018.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 51 – Atividade do Projeto Residência Pedagógica junto ao Prof. Geraldo Herbetet de Lacerda.

Fonte: arquivo pessoal

Nesses projetos, ao invés de receber tudo pronto, eu estou construindo o conhecimento. Isso porque um dos seus objetivos é proporcionar ao aluno uma orientação com pesquisadores experientes, assim ensinar técnicas e métodos científicos. Desse modo, com todo o conhecimento acumulado, me preparo para o TCC. Além disso, tenho a oportunidade de encontrar a comunidade científica em eventos dos quais participo, sejam aqui ou em outras cidades. Com isso, recebo uma enorme contribuição para o meu desenvolvimento profissional e pessoal, o que me estimula a pensar em cursos de pós-graduação.

Através do IFPB, tenho a oportunidade de participar do Projeto de Residência Pedagógica (RP). A RP é um projeto construído pelas CAPES, que busca construir uma interação entre teoria e prática docente, ou seja, um contato mais próximo com a sala de aula. Proporciona, assim, ao aluno da graduação, reflexões sobre a profissão professor, contribuindo com seu desenvolvimento profissional.

Aprendi a importância de conhecer os alunos antes de qualquer intervenção na sala de aula. Aprendi a trabalhar com materiais lúdicos, com o intuito de desenvolver uma aprendizagem mais significativa. Contamos com a gestão da escola, que nos apoia e direciona; participamos de reuniões pedagógicas, tudo sob orientação de um professor supervisor. Essa é uma das experiências mais significativas em minha vida acadêmica no curso de Licenciatura.

16.

A Educação Física no IFPB – *Campus Cajazeiras*

(Juan Parente)



Figura 52 – Participação dos professores Samara Celestino e Juan Parente na Gincana do Meio Ambiente, no IFPB –Campus Cajazeiras, em junho de 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Desde a implantação do *campus* do IFPB na cidade de Cajazeiras, em 1994 – naquela época, denominado CEFET –, houve o cuidado e a preocupação em ofertar a disciplina de Educação Física. Sempre se acreditou que a modalidade que envolve eixos temáticos como esportes, lutas, danças e expressões rítmicas, jogos e brincadeiras, suas vivências, seus conceitos, sentidos e significados era e é um conteúdo legítimo a ser trabalhado em todos os níveis da educação básica e que a inclusão de todos na prática do exercício físico, seja como aprendizado ou competição, é a melhor forma de integração no meio educacional, assim como de se debater assuntos pertinentes a atualidades voltadas aos cuidados com a saúde.

O processo de ensino e aprendizagem da Educação Física tem como desafio contribuir com uma educação compreendida como formação humana que valoriza não só o domínio de conhecimentos, competên-



Figura 53 – Entrega oficial do Laboratório de Atividades Aquáticas pelo então reitor Prof. João Batista ao Prof. Juan Parente, acompanhado da Prof.ª Socorro Costa, em maio de 2008.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 54 – Entrega oficial do Ginásio pelo então reitor João Batista ao Professor Juan Parente, em maio de 2008.

Fonte: arquivo pessoal

cias e habilidades, sejam intelectuais ou motoras, mas também a formação estética, política e ética dos educandos. Trata-se de um processo integral de formação humana que atua sobre os meios para a reprodução da vida – sua dimensão mais visível e prática – bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, construir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos.

A Educação Física envolve todo esse instrumental de formas de percepção do mundo, da comunicação e de intercomunicação, de autoconhecimento e de conhecimento das necessidades humanas. Assim, propõe-se a prover as formas de ultrapassar essas necessidades, sejam elas materiais ou psíquicas, de superação ou de reconhecimento de limites, de expansão do prazer, entre outras.

Quanto à Lei que garante a obrigatoriedade e legitimidade da Educação Física, temos a Lei nº 9.394/96³, que dispõe para a educação básica:

3 BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 ago. 2020.

Art. 26. Os currículos [...] do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. [...]

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – (VETADO)

VI – que tenha prole.

A Educação Física é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno nos casos acima. Já no ensino superior, não é mais componente curricular obrigatório.

Desde sua implantação, em 1994, até os dias atuais, a Educação Física do *Campus Cajazeiras* tem contado com a valorosa contribuição dos docentes que atuaram nos mais diversos espaços oferecidos pela instituição, pois, além da sala de aula, dispomos de um ginásio coberto com ca-



Figura 55 – Entrega oficial do campo de futebol pelo então reitor João Batista e pelo diretor de *campus* Roscellino Bezerra ao Professor Juan Parente, em maio de 2008.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 56 – Atividade de treinamento de Polo Aquático com alunos do ensino médio integrado. Professores Everaldo Junior e Juan, em novembro de 2012.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 57– Projeto de natação e atividades aquáticas para a comunidade externa, com o Prof. Juan, em março de 2010.

Fonte: arquivo pessoal

pacidade para oferecer as principais modalidades esportivas, tanto em níveis de aprendizado quanto em níveis competitivos (futsal, basquete, voleibol e handebol), assim como um parque aquático para prática de natação, hidroginástica com 5 (cinco) raia e um campo de futebol com dimensões suficientes para realizar qualquer competição nesta modalidade.

Vale lembrar que já estiveram à frente da disciplina de Educação Física do IFPB – *Campus Cajazeiras* os seguintes docentes: Baby, Josely, Edson (Dinda), Juan Parente, Everaldo Holanda Junior, Ivan Narciso, Samara Celestino, Maria Nubia, entre outros.

Esta é uma homenagem aos muitos professores que com empenho e dedicação conduziram e ainda conduzem a aprendizagem dos alunos que ingressaram nos cursos integrados ao ensino médio do IFPB – *Campus Cajazeiras*. Agradecemos sua preciosa contribuição ao ensino desta Instituição.

17.**O PROEJA no IFPB – *Campus*
Cajazeiras**

(Juan Parente e Simone Formiga)

O Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no âmbito federal foi instituído no ano de 2006, no governo do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, através do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Pelo referido Decreto, a partir do ano de 2007, as Instituições Federais de Educação Profissional deveriam implantar cursos e programas de educação profissional, destinados a jovens e adultos trabalhadores.

Nesse contexto, com relação à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o *Campus* Cajazeiras começou atuar no ano de 2007, oferecendo o curso integrado de Qualificação em Operação de Microcomputadores, com duração de dois anos, no turno da noite, destinado aos egressos do 2º segmento da EJA da Rede Municipal de Ensino de Cajazeiras. A carga horária total do curso era de 1.440 h, sendo 1.200 h destinadas à formação geral e 240 h para a qualificação profissional. Esse curso contou com duas turmas: a primeira ingressou em 2007, com 39 alunos matriculados; a segunda turma iniciou em 2008 e contou com um total de 42 alunos matriculados.

Continuando sua política de inclusão social, a partir do ano de 2009, o IFPB – *Campus* Cajazeiras passou a ofertar o curso técnico integrado de nível médio em Desenho de Construção Civil, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. O curso foi organizado em regime semestral, com carga horária de 2.400 h, sendo 1.200 h destinadas para a formação geral e 1.200 h para a formação profissional. Sua duração foi de três anos letivos, com funcionamento no turno noturno, sendo acrescidas 300 h ao estágio supervisionado ou ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A primeira turma desse curso teve início em 2009, com a entrada de



Figura 58 – Placa da turma pioneira no curso técnico integrado de nível médio em Desenho de Construção Civil.

Fonte: IFPB – Campus Cajazeiras

44 alunos. Foram, ao todo, seis turmas, sendo que a última foi ofertada em 2014 e encerrada em 2016.

Em 2015, o Campus Cajazeiras não ofertou mais o curso em Desenho de Construção Civil, o qual foi substituído pelo curso técnico integrado de nível médio em Meio Ambiente, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – eixo tecnológico Ambiente e Saúde. Este teve início em 2015, com a entrada de 26 alunos matriculados, dos quais 14 foram aprovados ao término do curso. No atual momento, a 5ª turma do referido curso encontra-se em andamento.

O curso técnico integrado de nível médio em Meio Ambiente, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, está estruturado no regime anual, com duração de três anos, e é desenvolvido em aulas de 55 minutos, no turno noturno. Sua carga horária é de 2.200 h, além de 200 h destinadas a atividades complementares e mais 200 h destinadas ao Estágio Supervisionado ou ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Desde sua implantação, em 2007, até os dias atuais, o PROEJA do Campus Cajazeiras tem contado com a valorosa contribuição dos docentes que atuam tanto em sala de aula quanto na função de coordenadores do curso. Sendo assim, já estiveram à frente da Coordenação do PROEJA os



Figura 59 – Placa da turma pioneira em Técnico em Meio Ambiente.

Fonte: IFPB – Campus Cajazeiras

seguintes docentes: Tiago Spinelli, Hegildo Holanda, Dimas Andriola, Juan Parente e, atualmente, Evaldo de Lira. Além desses professores, outros contribuíram ou continuam a contribuir com sua valiosa atuação nas turmas dos cursos do PROEJA do IFPB – Campus Cajazeiras. Atuam ou atuaram desde a implantação do PROEJA:

Ademar Cândido;
Adriano Marques;
Albert Einstein;
Alexandre Sousa;
Ana Carolina Brito;
Ana Caroline Aires;
Ana Maria Kluppel;
Ana Paula da Cruz;
André Atanásio;
André Lira;
Andreza Magda;

Andreza Rodrigues;
Angela Kerley;
Antonio Wagner;
Austricínio da Costa;
Breno José;
Bruno Farias;
Bruno Medeiros;
Carla Bethânia;
Carla Karine;
Carolina Costa;
Charridy Max;

Cícero Joelson Vieira;
Clebson Ruan;
Crispim Sezinando;
Daniel Torres;
Daniela Passos;
Danielle Dayse;
Danilo Carlos;
Danilo Rangel;
Debora Cristina;
Deisyanne Câmara;
Demétrio Gamboa;

Diego de Figueredo;	Joabson Fernandes;	Nádia Pinheiro;
Eder Leonardo;	João Bosco Júnior;	Núbia Batista;
Edilene Lucena;	José de Araújo Pereira;	Ornella Almeida;
Edivaneide de Sousa;	José Diener;	Rafael Braz;
Eliane Feitosa;	José Nunes Aquino;	Raliny Mota;
Enilce Lima;	José Pereira da Silva;	Ramon Formiga;
Eudes Raony;	José Soares;	Ricardo Lima;
Eva Campos;	Kalina Pereira;	Rivanilson da Silva;
Fábio Daniel;	Kaline Brasil;	Robson Arruda;
Fernando Coutinho;	Kallyne Machado;	Rodiney Marcelo;
Fernando Gambarra;	Karla Samara;	Rodrigo Fassuelan;
Francisco Daladier;	Katharine Taveira;	Rodrigo Rodrigues;
Francisco Genemes;	Larissa Pinheiro;	Romário de Lima;
Francisco Uélison;	Larisse Lima;	Rosangela Nicácio;
François Karizio;	Leidson Allan;	Samara Celestino;
Gabriela Guedes;	Leonardo Ferreira;	Sarabele Leite;
Gastão Coelho;	Leonardo Pereira;	Saymon Bezerra;
George da Cruz;	Liane Velloso;	Sayonara Januário;
George Glauber;	Lucas Pessoa;	Sayonara Uchôa;
Geraldo Herbetet;	Luiz de Aquino;	Sebastião da Silva;
Germano Sertão;	Luiz Neldecílio;	Taciana Santos;
Giovanna Nóbrega;	Magna Celi;	Talita Gabrielle;
Gisélia Giselle da Silva;	Marciel de Sousa;	Tassia dos Anjos;
Hélio Rodrigues;	Marcos Ferrante;	Telma Bezerra;
Helmnara Giccelli;	Marcos Michael;	Teobaldo Gabriel;
Hugo Filgueiras;	Marcos Ordonho;	Thiago Andrade;
Igor Arraes;	Margarida Maria de Araújo;	Thiago José;
Irisdene Batista;	Maria Aparecida Freitas;	Thiago Ribeiro;
Jacinta Rolim M. Palmeira;	Maria Edna Tavares;	Valéria José da Silva;
Jackson Tavares;	Maria José Alves;	Vera Céldia;
Janaina da Silva;	Maria José Araújo;	Wagner Soares;
Janderson Ferreira;	Matheus Lopes;	Waléria Araújo;
Jannayna Domingues;	Maurício Vicente;	Wilma Fernandes;
Jarbas Medeiros;	Micaelle Amancio;	Wilza Moreira;
Jessica de Souza;	Mônica Lacerda;	Ynakam Luís.

Outros docentes contribuíram com a implantação do PROEJA, por meio da participação nas comissões de elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos ofertados pelo IFPB – *Campus Cajazeiras* nesta modalidade de ensino.

Na comissão do Projeto de Qualificação em Operação de Microcomputadores estiveram presentes os docentes: Ana Maria de Almeida Licarião, Claudivan da Cruz Lopes, Fábio Gomes de Andrade, Ianna Maria Sodré Ferreira de Sousa, Marcos Antônio de Santana Ordonho, Maria Aparecida Ferreira de Freitas e Thiago José Marques Moura.

A comissão do Projeto do Curso Técnico em Desenho de Construção Civil foi integrada pelos docentes: Crispim Sesinando Coelho Neto, Dimas Andriola Pereira, Fernando Antônio Casimiro Gambarra, Gastão Coelho de Aquino Filho, Luciana Mendonça Dinoá, Ricardo Lima Rodrigues, Talita Gabrielle Aragão e Tatiana Moura Rodrigues.

Já a comissão do Projeto do Curso Técnico em Meio Ambiente contou com a participação dos seguintes docentes: Dimas Andriola Pereira, Ana Carolina Brito Vieira, Cícero Aristofânio Garcia de Araújo, Germano Sertão, Kalina Pereira Medeiros, Luíz Neldecílio Alves Vitor, Margarida Maria de Araújo, Maurício Vicente, Sarahbelle Leitte Cartaxo, Teobaldo Gabriel de Souza Júnior e Wagner Soares Fernandes dos Santos.



Figura 60 – Gesto simbólico da Semana de Meio Ambiente, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Homenageamos com este texto os muitos professores que com empenho e dedicação conduziram e ainda conduzem a aprendizagem dos alunos que ingressaram nos cursos do PROEJA do IFPB – *Campus* Cajazeiras, mesmo aqueles não citados aqui, pois a memória muitas vezes é falha. Nosso agradecimento a todos pela valorosa contribuição ao ensino desta Instituição

18.

O crescimento exponencial da área de matemática nos 25 anos de IFPB – *Campus Cajazeiras*

(Geraldo Herbetet de Lacerda)

Quando fui convidado pela equipe do Projeto “O ofício do historiador” para escrever a respeito da trajetória da área de Matemática nos 25 anos de história do *Campus Cajazeiras*, fiquei muito preocupado, pois nunca havia feito nenhum trabalho dessa natureza. Depois, pensei um pouco e percebi, ao ouvir uma música de minha autoria, que todo mundo tem uma história interessante pra contar, qualquer que seja o tema abordado. A música “Histórias pra contar” diz assim:

Todo mundo tem histórias pra contar/Histórias que falam/Falam de amor
Talvez não saibam por onde começar/Ou preferem esquecer o que passou
Falam de amor que veio pra ficar/Falam de amor que foi e não voltou
Falam de amor que ainda vai chegar/Falam de amor que chegou e não ficou
E que nunca vai voltar

Também tenho uma história pra contar/Tenho uma história/História de amor
Falo de um amor sem chances de voltar/Falo de um grande amor que me marcou
Deixou marcas que o tempo não apaga/Deixou sonhos que ninguém nunca sonhou

Então, absorvendo a música, resolvi aceitar o desafio, acreditando que devo ter muitas histórias para contar relacionadas a esta grande instituição de ensino, que sempre me proporcionou muito aprendizado. Procurei, de imediato, lembrar os vários acontecimentos ocorridos nesta escola, que agora completa 25 anos de existência e já mudou de denominação por três vezes desde de sua inauguração, em 1994.

Quando aqui cheguei, em março de 1999, na função de professor substituto, na qual permaneci até março de 2001, o nome desta instituição era Escola Técnica Federal da Paraíba/Unidade Descentralizada de Cajazeiras (ETFPB/UNED Cajazeiras). Já havia, na UNED Cajazeiras, dois professores de matemática: Maria José Araújo (professora Mazé) e Antônio Gutemberg Lins (professor Toinho), ambos do quadro efetivo. Naquele momento, tive o prazer de desenvolver, em parceria com Mazé e Toinho, várias atividades relacionadas ao ensino e à extensão, a exemplo da I e da II Olimpíada de Matemática da UNED Cajazeiras.

Em outubro de 2006, retornei a esta casa, desta vez na qualidade de professor efetivo. Pude, então, participar da transição de ETFPB/UNED Cajazeiras para Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba/Unidade Descentralizada de Cajazeiras (CEFET-PB/UNED Cajazeiras) e, depois, para o atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* Cajazeiras.

Infelizmente, as “histórias de tantos nós” não cabem em poucas linhas; ficará sempre alguém de fora. Pretendemos, porém, oferecer aqui uma coletânea bem variada de pequenos trechos das mais interessantes histórias que aconteceram nesses vinte e cinco anos do *Campus* Cajazeiras. O leitor que folhear este livro encontrará em suas páginas não teorias extravagantes, mas pequenos episódios e informações interessantes a respeito desses acontecimentos.

A criação do curso de Licenciatura em Matemática

Em 2010, a professora Mazé e a assistente social Francineide Fernandes Lucena iniciaram uma campanha para criar o curso de Licenciatura em Matemática, visando atender uma demanda que havia em Cajazeiras e em outras cidades da região. Nessa época, já havia, no *Campus* Cajazeiras, os cursos técnicos integrados ao ensino médio, os cursos técnicos subsequentes ao ensino médio e os cursos superiores de Tecnologia de Automação Industrial e Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS), somando uma grande quantidade de aulas de Matemática para poucos professores da área. Éramos dois professores efetivos, Mazé e eu, e os subs-



Figura 61 – Prof.^a Maria José e alunos no Laboratório de Matemática do IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo pessoal

titutos Prof. Doval, Prof.^a Gaby e Prof. Marcos. Não tínhamos condições de pensar em criar um curso de Licenciatura em Matemática sem termos um corpo docente suficiente para suprir nem mesmo a demanda de aulas já existentes nos outros cursos. Naquele momento, eu fui contra a criação dessa licenciatura, pois achava que deveríamos primeiro contratar novos professores. Francineide e Mazé tinham certeza de que aquele era o momento de iniciarmos um curso superior em Matemática, mesmo com essa carência de docentes da área. Foi aí que o então reitor João Batista de Oliveira Silva, através da Resolução nº 088, de 28 de setembro 2010, autorizou o funcionamento do curso, tendo sua primeira turma iniciada em fevereiro de 2011. Com o curso de Matemática em andamento e a professora Mazé na condição de coordenadora, começamos a reivindicar a contratação de novos professores. A professora Mazé foi a primeira coordenadora do curso, atuando de janeiro a novembro de 2011, quando me passou a coordenação, na qual permaneci até novembro de 2015.

Em 2012, o curso de matemática se encontrava com bastante dificuldades para se manter, pois tínhamos poucos professores da área para dar conta de todas as aulas. Conversando com Balduino Sonildo – um dos professores que chegou ao curso em 2012, o qual passou a ser seu coordenador após minha saída em 2015 –, relembramos alguns momentos que marcaram nossa trajetória como professor e como coordenador. Sonildo



Figura 62 – Cartaz do I Encontro Cajazeirense de Matemática.

Fonte: arquivo pessoal

lembrou que, em 2013, diante de tantos obstáculos, o curso foi progredindo, e nossos alunos participaram pela primeira vez do Colóquio de Matemática, no Juazeiro do Norte-CE, evento que proporcionou muitos conhecimentos para os nossos futuros professores.

Em 2014, com a chegada de mais docentes, o curso foi se estruturando, e a equipe de professores – formada por Zé Aquino, Nádia, Sonildo, Geraldo, Mazé, Hegildo, Edvaneide, Maria das Neves, Thiago, Reginaldo e Albert Einstein –, com aquela “fome” de querer fazer sempre mais, foi sugerindo ideias a serem implantadas que até hoje fazem a diferença no Sertão da Paraíba. A primeira ideia foi a de realizar o Encontro Cajazeirense de Matemática (ECMAT), cuja edição inaugural aconteceu em 6 de maio de 2014, sendo este, hoje, um evento já reconhecido regionalmente, com participações de palestrantes de todo o país.



Figura 63 – Encerramento do IV ECMAT. Da esquerda para a direita, estão: Ramon, Ivelton, Geraldo, Doval, Petrucci, Antônio Sales (palestrante), Thiago, Reginaldo, Diego Aylo, Patrício, Valdecir, Lucrecia, Sonildo, Kissia, Taciana, Maria das Neves, Eva, Adriana, Rodney Marcelo, Andreza, Aureliano, Havelange e Dimas.

Fonte: arquivo pessoal

O ano de 2015 foi de muita alegria, pois nosso curso foi, enfim, reconhecido pelo MEC, com nota 4, entre os melhores da Paraíba. Esse foi o resultado de muito esforço e dedicação dos integrantes do curso – Zé Aquino, Nádia, Sonildo, Geraldo, Mazé, Hegildo, Edvaneide, Maria das Neves, Thiago, Reginaldo e Albert Einstein, Patrício, Marcelo, Doval, Leonardo, Reginaldo, Thiago, Diego Aylo, Ivelton, Aureliano – e da instituição – Direção-Geral, Direção de Ensino, discentes e técnicos administrativos –, com destaque para a servidora Rivânia, que foi fundamental na organização dos documentos necessários para o processo de avaliação.



Figura 64 – Comemoração do reconhecimento do curso pelo MEC. Da esquerda para a direita: Geraldo, Aureliano, Francineide, Ivelton, Reginaldo, Mazé, Nádia, Leonardo, Maria das Neves, Kaline, Jucivânio, Maria José, Diego Aylo, Patrício, Thiago, Tânila, Lucrécia e Hugo.

Fonte: arquivo pessoal

Em 2016, surgiu a segunda ideia que dura até hoje: a Olimpíada Cajazeirense de Matemática (OCZM). Este evento se tornou outro marco importante para o Sertão da Paraíba, pois proporciona a interação da área de Matemática do *Campus* Cajazeiras com as diversas escolas da região, sem contar sua influência sobre aos alunos que, por meio da disseminação do conhecimento matemático, descobrem novos talentos. Essa ideia surgiu por parte dos professores Balduino Sonildo e Diego Aylo e vem sendo desenvolvida com muita garra até hoje. Em 2018, o ECMAT se juntou ao Encontro Paraibano de Educação Matemática (EPBEM) para atingir públicos mais longínquos e, assim, poder compartilhar conhecimento nas mais diversas áreas e com pesquisadores e palestrantes de todo o país.



Figura 65 – Descerramento da placa do LABEM. Homenagem à professora Mazé.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 66 – Professor Aquino no LABEM.

Fonte: arquivo pessoal

Ainda em 2016, na gestão do então coordenador do curso professor Sonildo, conseguimos uma vitória importantíssima: a construção do novo Laboratório de Ensino de Matemática (LABEM), projeto desenvolvido pelos professores Balduino Sonildo e José Nunes Aquino, com o apoio da diretora-geral Lucrécia, do diretor de administração Hugo e do reitor Prof. Cícero Nicácio. Este laboratório melhorou o espaço destinado às aulas de laboratório e prática e também proporcionou um ambiente exclusivo da área de matemática, onde se pode atender alunos de modo individual.

Hoje, o LABEM conta com uma sala própria, armários, estantes, materiais pedagógicos adquiridos através de taxa de bancada dos projetos de extensão, mesas e cadeiras para 30 pessoas, jogos e quebra-cabeças confeccionados pelos próprios alunos do curso de Matemática, computadores e gabinetes de estudos para facilitar a pesquisa, *data show*, internet, além de cópias de TCCs dos alunos da graduação e da pós-graduação.

O professor Aquino, dando continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora Mazé, manteve a ideia de implementar e equipar o Laboratório de Ensino de Matemática, construindo, juntamente com os alunos, uma grande quantidade de material didático, jogos e quebra-cabeças.

Em 2017, nasceu a ideia de criarmos a especialização em Matemática. Esta foi aprovada e teve seu início em 2018, sendo de grande importância para o *Campus* Cajazeiras, por se tratar do primeiro curso de pós-graduação do

Campus. A especialização em Matemática foi concebida com a finalidade de promover a qualificação de graduados e principalmente de docentes que estão em sala de aula da rede pública ou da rede particular de ensino, adicionando mais qualidade à educação básica da cidade de Cajazeiras e da região.



Figura 67 – Aula inaugural da pós-graduação, especialização em Matemática. Da esquerda para a direita, estão: Lucrécia, Doval, Wellington, Ivelton, Geraldo, Leonardo e Alan.

Fonte: arquivo pessoal

Ao longo dos anos, a área de Matemática do *Campus* Cajazeiras foi ganhando corpo. Hoje, para que possamos atender toda uma demanda de mais de 200 horas-aulas semanais, contamos com uma equipe de 17 professores só da área de matemática.

Nove anos depois de sua criação, o curso de Matemática é motivo de orgulho para todos nós professores, alunos e comunidade em geral, pela grande contribuição na formação acadêmica, na realização de eventos, a exemplo da OCZM e do ECMAT. O curso de Matemática também proporciona às comunidades interna e externa do IFPB o Programa Residência Pedagógica (RP) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que objetivam promover a imersão do licenciando na escola de educação básica e contribuir para a melhoria do processo de formação inicial de professores, respectivamente.

Tudo isso acontece graças ao protagonismo de nossos professores: Ailton Ribeiro, Ana Paula da Cruz, Bosco Jr., Carolina Costa, Clebson Huan, Dayanny Deyse, Eva Campos, Flávia Zaira, Francisco Aureliano, Francisco Igor, Francisco Lavor, Geraldo Herbetet, Jair Dias, José Doval, José

Ivelton, Kíssia Carvalho (atual coordenadora do curso), Leonardo Ferreira, Liane Veloso, Lília Santos, Patrício Luiz, Ramon Formiga, Reginaldo Amaral, Rodiney Marcelo, Rosângela Nicácio, Taciana Araújo, Thiago Andrade, Vinícius Martins e Wilza Carla, que não medem esforços para que cada ano nossos eventos e aulas sejam cada vez melhores.



Figura 68 - Kíssia Carvalho. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Matemática, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 69 - Mesa "Faça matemática como uma garota", em dezembro de 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Faça Matemática como uma garota: pequenos versos

(Por Ana Paula da Cruz)

Pedi espaço a Geraldo
Para como historiadora
Apresentar uma mesa de debate
Que foi bastante inovadora

Diálogo sério e de autoestima
Acontecimentos e memórias
Troca de experiências nunca vista
Eram mulheres de muita história

Com um grupo de meninas
Começou-se a demonstrar
Que unindo força feminina
A matemática pode revolucionar

Tudo começou
Com nossa coordenadora
Kíssia Carvalho, em dezembro
Chama uma que chama outra

Nasce então um movimento
Faça matemática como uma garota
É o impulso deste tempo
Para tantas meninas e pessoas

19.

Inícios de uma caminhada na pesquisa e na extensão no *Campus Cajazeiras*

(Wilza Moreira)



Figura 70 – Professora Wilza abrindo a Semana do Meio Ambiente de 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Concluí minha graduação em Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia na antiga UFPB, atual UFCG – *Campus Cajazeiras*. Após alguns anos, ingressei na pós-graduação em Gestão Ambiental, do Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), na UFPB, em João Pessoa, vindo a concluir meu mestrado em 2004. Nesse mesmo ano, fiz concurso para professora substituta de Biologia no antigo CEFET/UNED Cajazeiras, no qual fiquei até 2006, fazendo, em seguida, um novo concurso para renovar o contrato até o ano de 2008 – foi uma experiência tão exitosa que queria continuar. Decidi, então, investir todas as minhas energias em concursos para os IFs e, assim, tornar-me professora efetiva.

Perseguindo esse pensamento e com determinação, realizei o concurso de 2008 para o estado de Pernambuco; não consegui ser contemplada com a vaga, mas fiquei na lista de espera e, no final do ano de 2008, fui convocada pelo IFAL – *Campus Marechal Deodoro*, em Alagoas, onde realizei meu sonho de iniciar minha participação em um Instituto

Federal. Os IFs são instituições de ensino pelas quais tenho muito carinho e respeito, além de ter encanto pela forma como somos incentivados a trabalhar com nossos alunos, que considero também “filhos”, pois, além de repassar conteúdos e formá-los, também procuramos orientá-los para que possam enfrentar os obstáculos da vida. O ano de 2009, que passei em Marechal Deodoro-AL, foi de muito amadurecimento, mas no final do ano consegui voltar para minha cidade natal, Cajazeiras-PB, e ficar próximo dos meus familiares, do meu namorado (atualmente esposo) e de amigos. Foi, então, um ano de mais uma conquista.

Chegando ao IFPB – *Campus Cajazeiras*, assumi diversas turmas de Biologia de nível médio/técnico, além da Coordenação de Pesquisa e Extensão, que, anteriormente, eram representações separadas e exercidas pelos servidores André Lira Rolim (Pesquisa) e Francineide Fernandes de Lucena (Extensão). Foi a partir de 2010 que houve a implantação da função do coordenador de pesquisa e extensão, na gestão do professor Valnir Vasconcelos Lira, regulamentada através da Portaria nº 1193, de 28 de setembro de 2010, publicada no DOU de 16 de fevereiro de 2011, Seção 2, pág. 16, tendo tal Portaria designado-me para exercer a função de coordenadora de pesquisa e extensão (cód. FG. 02) do IFPB – *Campus Cajazeiras*.

Iniciando a função de coordenadora de pesquisa e extensão, re-conheci a importância de ampliar e incentivar as produções de pesquisas no *Campus*, além da importância de levar para a comunidade os conhecimentos adquiridos pelos servidores e discentes, ultrapassando, assim, os limites dos muros do IFPB – *Campus Cajazeiras*, por meio da extensão. A implantação da Coordenação de Pesquisa e Extensão melhorou a gestão dos trabalhos de coordenação, incentivo, organização, dinamização e certificação das atividades relacionadas à construção do conhecimento científico, no âmbito interno e externo do IFPB – *Campus Cajazeiras*.

Até o ano de 2012, havia, com relação às coordenações, uma dependência muito grande para com as pró-reitorias de pesquisa e extensão, em todos os processos, até mesmo os de certificações. Em 2012, no entanto, iniciou-se um novo ciclo. O IFPB teve uma ampliação do número de projetos aprovados e, conseqüentemente, também cresceram os trabalhos burocráticos das pró-reitorias, levando-as, assim, a repensar sua forma de atuação e repassar parte dos trabalhos burocráticos para os *campi*. Assim,



Figura 71 – Abertura da I Mostra de Pesquisa e Extensão (MPE), em 2012.

Fonte: arquivo pessoal

em 2012, uma boa parte das atribuições já foram realizadas pelos coordenadores de pesquisa e extensão, com o apoio permanente da pró-reitora de Pesquisa, professora Nelma Mirian Chagas de Araújo, a qual sempre foi de grande importância para o meu crescimento como coordenadora, no âmbito profissional e no humano, pois ela sempre esteve à disposição para sanar os questionamentos e dúvidas que surgiram durante esse processo, assim como o professor Aleksandro Guedes de Lima e a servidora Léia de Souza Oliveira.

Na Pró-Reitoria de Extensão não foi diferente. A professora Maria Edelcides Gondim de Vasconcelos e o professor Guilherme Marconi Gomes de Brito também fizeram parte do meu crescimento como coordenadora de extensão e me fizeram conhecer um pouco dessas atividades extensionistas.



Figura 72 – Público da I MPE, em 2012.

Fonte: arquivo pessoal

No mês de agosto de 2014, tivemos o desmembramento entre a pesquisa e a extensão, graças aos esforços da atual diretora-geral, a servidora Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, ficando as respectivas coordenações geridas pelas servidoras Wilza Carla Moreira Silva (coordenadora de pesquisa) e Maria José Alves da Silva (coordenadora de extensão). Esse desmembramento veio dinamizar as ações, pois, naquele momento, estava sendo inviável a união dessas coordenações, visto que tanto a pesquisa quanto a extensão tomaram uma dimensão muito ampla. De um lado, a pesquisa sempre aprovava muito trabalhos nos seus editais, no início e no meio do ano; de outro, a extensão havia abraçado alguns programas, como Mulheres Mil, Mulheres na Construção Civil e PRONATEC, além dos cursos de extensão, projetos de extensão, entre outras atividades que envolviam o público interno e externo do *Campus* Cajazeiras.

A Coordenação de Pesquisa, a cada ano, aumentava a quantidade de servidores e discentes atendidos, além de apresentar alterações nas modalidades dos programas lançados em editais. No ano que assumi a coordenação, em 2010, as modalidades eram Bolsa Pesquisador, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBICT-médio e superior) e Reitoria de Pesquisa (Bolsas do CNPq), as quais, nos anos subsequentes, aumentaram as ofertas e as aprovações de servidores e discentes nos editais. Com a Coordenação mais próxima dos servidores e dos alunos, foi notória a ampliação do número de pesquisadores no *Campus* Cajazeiras, o que teve uma importância significativa para o avanço das pesquisas no Ser-tão da Paraíba, além de apresentar uma evolução nos programas.

No ano de 2015, houve o aparecimento do PIBICT, que era o Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica e Tecnológica. Nesse ano, tivemos a aprovação de 35 projetos de pesquisa e, no ano subsequente, de 40 projetos. Já em 2017, com a mudança da gestão, houve a implantação dos editais do Interconecta. Os trabalhos dessa Coordenação foram acompanhados por mim até o mês de dezembro de 2017, quando saí da função e o professor Valdecir Teófilo Moreno a assumiu, exercendo suas atribuições durante um ano, com o compromisso de continuar incentivando o avanço da pesquisa na instituição. Atualmente, o professor Abinadabe Silva Andrade encontra-se à frente da Coordenação de Pesquisa, seguindo com o mesmo objetivo.



Figura 73 – Abertura da II Mostra de Pesquisa e Extensão. Membros da mesa: os diretores Varnyr, Gastão e Guilherme e as pró-reitoras Nelma e Edelcídes, em 2013.

Fonte: arquivo pessoal

Durante os anos em que passei na Coordenação de Pesquisa, houve a participação de diversos alunos em eventos nacionais, regionais e locais, e alguns tiveram o prazer de publicar e apresentar seus resultados fora do país, além de serem alvos de premiações e reportagens nas redes locais de televisão sobre seus trabalhos de pesquisa. Foi nesse período, também, que os discentes perceberam a importância da preparação de eventos e chegaram a fazer parte da organização de vários deles, podendo citar a II Mostra de Pesquisa e Extensão como exemplo, em que o ex-aluno José Roberto do Nascimento Júnior, do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, se envolveu em atividades que compreendiam desde a criação da logomarca até a construção de sites e o desenvolvimento de atividades durante todo o evento.

A Coordenação de Extensão também apresentou um aumento significativo de projetos, que atendiam às comunidades interna e externa, além de eventos nas mais diversas áreas. Vale destacar a realização dos seguintes eventos: passeio ciclístico com a comunidade para comemorar o Dia Mundial sem Carro; I e II Mostra de Pesquisa e Extensão e IV Mostra de Pesquisa, Extensão e Inovação. Destacam-se, também, os registros de visitas técnicas e os cursos de extensão, com ênfase em alguns cursos de línguas, tais como, inglês, espanhol, japonês, libras, entre outros. Como já mencionado, no ano de 2014 houve o desmembramento da Coordenação de Extensão, a qual foi assumida pela servidora Maria José Alves da Silva, que desempenhou a função de coordenadora com muito apreço aos trabalhos extensionistas. Após sua saída, a Coordenação de Extensão foi as-

sumida pelo servidor Diego Nogueira Dantas, em 2018, que, atualmente, encontra-se na função desempenhando um excelente trabalho.

No momento, não estou exercendo nenhum cargo de gestão; estou lecionando a disciplina Ciências do Ambiente em turmas dos cursos superiores em Engenharia Civil e em Engenharia de Controle e Automação; em Matemática, a disciplina Educação Ambiental; no técnico em Meio Ambiente – modalidade PROEJA, a disciplina Diagnóstico e Avaliação de Impacto Ambiental; no subsequente em Eletromecânica, a disciplina Meio Ambiente. Ou seja, estou direcionada para as questões ambientais, além de fazer parte de duas comissões que têm como responsabilidade elaborar e executar os Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos e de Políticas Ambientais, respectivamente. Também oriento alunos em estágios, em projetos de pesquisa, extensão e na elaboração de trabalhos de conclusão de curso.

Minha vivência nessa instituição de ensino é de muito aprendizado, muitas amizades, muita gratidão. Espero continuar contribuindo para a construção de uma instituição cada vez mais sólida e sustentável, além de prosseguir formando cidadãos e cidadãs conscientes, pois o nosso planeta necessita de mudanças de atitudes, que envolvem a pesquisa aplicada e inovações tecnológicas para o bem das nossas comunidades e do planeta.

20.**O *Campus* Cajazeiras que se estende à sociedade***(Diego Nogueira)*

Licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, e servidor Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal da Paraíba, ingressei nesta instituição em 23 de agosto de 2011, lotado da Pró-Reitoria de Ensino.

Durante três anos e meio, desenvolvi atividades técnico-administrativas no âmbito do ensino, relacionadas a processos legais de seleção e matrícula de estudantes, diagnósticos quali-quantitativos dos sistemas de gestão do ensino (Sistec, Educacenso, CenSup, Q-acadêmico e Suap), minutas de regulamentos ao Conselho Superior, pareceres diversos, entre outras ações. Tal período trouxe importante lastro de compreensão sistêmica do IFPB, sua capilaridade, seus objetivos e metas. Considero fundamental ter um olhar macro na perspectiva de contribuir com os subsídios para uma atuação local embasada.

Em 2015, após processo de remoção interna, iniciei minhas atividades no *Campus* Cajazeiras, em minha terra natal, de raízes ainda presentes no cotidiano. Devido à experiência na Reitoria, iniciei este período no suporte à Diretoria de Desenvolvimento de Ensino, colaborando na construção das ações regimentais deste setor de gestão, que congrega todo o âmbito do ensino em nível de *Campus*, envolvendo ações administrativas e pedagógicas.

No início de 2018, a convite da Direção-Geral, assumi a Coordenação de Extensão e Cultura, considerando minha formação e experiência nessas duas áreas em tarefas outras assumidas no âmbito da sociedade civil e, conforme determina o marco regulatório do IFPB, minha articulação (sempre em perspectiva!) com os arranjos locais, com a comunidade. Posso destacar os trabalhos (práticos e acadêmicos) desenvolvidos com organizações e comunidades de camponesas e camponeses do Alto Sertão paraibano.

O *Campus* Cajazeiras se distingue por sua beleza material e imaterial. No plano físico, possuímos uma excelente infraestrutura para o desenvolvimento das diversas atividades exercidas cotidianamente, sejam elas acadêmicas, esportivas e culturais. No plano imaterial, um clima bastante agradável na relação entre as pessoas envolvidas no processo educacional (alunos e trabalhadores), com livre acesso de todos a todas as instâncias acadêmicas e administrativas.



Figura 74 – Mesa de abertura da X Semana de Educação, Ciência e Tecnologia e VII Mostra de Pesquisa e Extensão do IFPB – *Campus* Cajazeiras, em 2019. Da esquerda para a direita: Prof. Diego Nogueira, os diretores Hugo Eduardo Assis e Lucrécia Teresa Gonçalves e Prof. Abinadabe Andrade.

Fonte: arquivo pessoal

Um sentimento especial define minha chegada ao *Campus* como servidor. Ex-aluno dos tempos de Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba/Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras (CEFET/UNED) nos idos de 2000, hoje posso contribuir com a instituição e suas pessoas que tanto colaboraram em minha formação escolar, portanto humana em sua amplitude.

O mesmo sentimento de estudante daquela época está presente nos atuais dias de servidor. Todos que lidamos com o serviço público, mormente na área educacional, mesmo que não diretamente nas lides pedagógicas de sala de aula, devemos ter empatia com nosso público beneficiário, pois todos fomos estudantes e sentimos na pele as alegrias e desafios desta categoria tão fundamental para qualquer país/nação, além de população local envolvida com a instituição. É neste sentimento que observo o atendimento ao público desenvolvido com o IFPB – *Campus* Cajazeiras.

Na Coordenação de Extensão e Cultura, lidamos com uma das áreas essenciais de afirmação da instituição junto à sociedade. A extensão se caracteriza como uma forma de agir diretamente para o desenvolvimento local, em seus mais diversos matizes, aproximando o conhecimento sistematicamente acumulado com as potencialidades e desafios da vida comunitária cotidiana, portanto, contextualizando as ações estratégicas da instituição. Sob via de mão dupla, a comunidade é beneficiada em sua realidade com a materialização do conhecimento, bem como a comunidade escolar do IFPB ganha conhecimentos essenciais para a vida profissional e humana, forjados na experiência vivida dos sujeitos.

Recentemente, o IFPB deu relevante ênfase à cultura, compreendendo-a, de maneira estatutária, nas dimensões: simbólica, na identidade; cidadã (como direito inalienável); econômica, na forma dos seus arranjos produtivos. Indelévelmente, se trata de um grande e auspicioso desafio para a gestão pública educacional, considerando especificidades filosóficas e administrativas da área.

Outrossim, é papel da coordenação atuar na macrogestão das ações de extensão e cultura do *Campus* (projetos, programas, cur-



Figura 75 – Participação no Projeto de Extensão “Caravanas Culturais em Comunidades do Sertão Paraibano”. Assentamento Juazeiro, Marizópolis-PB, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 76 – Corpo de extensionistas do IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo pessoal

sos, eventos e prestações de serviços), procurando assessorar a organização de cada iniciativa, além de propor e articular estas com as demandas da comunidade. Tais ações podem ser fomentadas por apoios financeiros e/ou bolsas a discentes ou, ainda, ser voluntárias. Além disso, a Coordenação atua na mediação destas ações com a gestão do *Campus* e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, nesta última, avaliando e propondo políticas e normas através do Comitê Estadual de Extensão e Cultura.

Todas as representações são fundamentais para o êxito das ações de extensão e cultura, mas é preciso destacar a participação do corpo discente, o público direto beneficiário do IFPB, que, ao contato com as comunidades externas, também exercem o assessoramento do desenvolvimento em suas diversas cores e sabores. Nessa linha, existem fomentos específicos para a participação estudantil enquanto bolsistas nos programas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, com a possibilidade de apoio financeiro para suas despesas pessoais e acadêmicas.

21.**NASMO**

(Kleber Afonso de Carvalho)



Figura 77 – Dr. Paulo Gonçalves e Kleber Carvalho. Promoção do Novembro Azul, em 2019.

Fonte: NASMO – IFPB Cajazeiras

Apesar de ser natural de João Pessoa-PB, sou “cajazeirado” desde os 3 anos de idade. Em Cajazeiras, estudei até o ensino médio, fiz o curso técnico em Contabilidade no Colégio Monsenhor Constantino Vieira e o curso técnico em Enfermagem na Escola Técnica de Enfermagem do Centro de Formação de Professores da UFPB, *Campus V* Cajazeiras, hoje UFCG.

Em 13 de março de 1994, viajei para Ribeirão Pires-SP e logo consegui emprego como técnico em enfermagem no Hospital Ribeirão Pires LTDA, da rede privada, onde trabalhei por sete anos. Posteriormente, ingressei, através de concurso público, no Hospital e Maternidade Municipal São Lucas, na mesma



Figura 78 – Evento sobre prevenção da gravidez na adolescência, em fevereiro de 2019.

Fonte: NASMO – IFPB – *Campus* Cajazeiras

cidade, onde trabalhei por dois anos. Cursei, nas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP), licenciatura e bacharelado em Educação Física. Em 2002, fui aprovado em concurso para trabalhar no Hospital São Paulo da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), atuando no setor de Psiquiatria e, em seguida, no setor de Doenças Infecto Parasitárias do Adulto (DIPA), tendo, neste período, solicitado transferência para o CEFET-PB e/ou para UFCG, ambas *Campus* Cajazeiras, sem sucesso.



Figura 79 – Setembro Amarelo 2018.

Fonte: NASMO – IFPB Cajazeiras

Em 2008, por acaso, fiquei sabendo sobre uma pessoa no Hospital Universitário Lauro Wanderley da UFPB, em João Pessoa, interessada em fazer uma permuta para São Paulo. Após entrar em contato e realizar os trâmites necessários para efetivação da permuta, o que durou cerca de 6 meses, regressei à minha terra natal. Trabalhei no HULW da UFPB *Campus* João Pessoa no setor de Endoscopia, além de fazer plantões no centro cirúrgico e na UTI adulta. Especializei-me pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP) em Gerontologia. Não desistindo do sonho de retornar ao Sertão paraibano, em 2013, dei entrada novamente no pedido de redistribuição para o IFPB e, em 5 de dezembro de 2013, saiu a portaria de redistribuição.

A sensação de estar de volta gerou em mim um misto de emoções: satisfação, por estar novamente em Cajazeiras; ansiedade, pelo

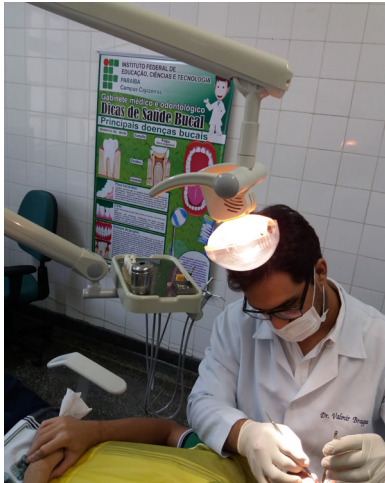


Figura 80 – Atendimento Odontológico.

Fonte: NASMO – IFPB Cajazeiras



Figura 81 – Percíncula e Agustinho (auxiliares de enfermagem) e Dr.ª Ana Cláudia (Odontóloga), em 1996. Pioneiros no Gabinete Médico.

Fonte: NASMO – IFPB Cajazeiras

primeiro dia de trabalho; e expectativa, pela incerteza de como seria daí para frente. O acolhimento não poderia ter sido melhor; fui bem recebido e conheci pessoas que me passaram conhecimentos na área de educação, em que tudo era novo para mim. Também trouxe comigo coisas novas de uma vasta experiência hospitalar, novas ideias, novos projetos.

Estou há cinco anos na instituição, período em que muitas mudanças já ocorreram; alguns se aposentaram, outros chegaram. Antes éramos ligados à Coordenação de Apoio ao Estudante (CAEST), hoje, porém, temos uma Coordenação própria, o Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos (NASMO), no qual estou desempenhando a função de coordenador.

A equipe atual do NASMO é composta por:

Kleber Afonso de Carvalho – Coordenador
Maria das Graças Oliveira – Assistente social
Paulo Gonçalves dos Santos – Médico
Valmir Braga de Aquino Mendonça – Odontólogo
Valdemônica Paulo Medeiros – Auxiliar de Enfermagem
Maria Nilza de Sousa – Assistente em administração
Joaci do Nascimento Pereira – Auxiliar de enfermagem
Francisca Leneide Gonçalves Pereira – Técnica em assuntos educacionais
Janaina Mary Félix – Auxiliar de serviços gerais

O NASMO tem o intuito de oferecer um atendimento básico, adequado e necessário para discentes, docentes e colaboradores do *Campus IFPB – Cajazeiras*; prestar o primeiro atendimento e encaminhar todas as emergências que possam vir a ocorrer, desde pequenos acidentes até indisposições passageiras, e acionar os pais ou responsáveis pelo discente de necessidade decorrente do primeiro atendimento; elaborar, junto com equipe pedagógica, programas educativos e preventivos na área da saúde, de acordo com as necessidades. O NASMO disponibiliza atendimento médico e odontológico, além de um programa de escuta psicológica em parceria com as Faculdades Santa Maria.

22.

NAPNE: um relatório histórico

(Emanuel da S. Oliveira)

Em 30 de março de 2010, entrou em vigor a Portaria nº 009, que designava a comissão encarregada de organizar e realizar as atividades do Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) no IFPB - *Campus Cajazeiras*. Esse Núcleo tem por objetivo incentivar a cultura da “educação para a convivência”, a aceitação da diversidade e, principalmente, buscar a quebra das barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais. Trata-se de um instrumento administrativo para coordenar e atender as demandas resultantes da inclusão de alunos com necessidades específicas no âmbito do IFPB – *Campus Cajazeiras*.

Tal Portaria, assinada pelo então diretor-geral *Campus Cajazeiras*, Roscelino Bezerra Mello Júnior, determinava que a Comissão por ela designada seria composta por uma assistente social, duas pedagogas, uma psicóloga, um arquiteto, um técnico-administrativo (deficiente), uma docente e um discente. Francineide Fernandes de Lucena (*in memoriam*), membro da primeira equipe da Comissão, atuou como sua coordenadora no período de 2010 a 2011, dando, assim como os demais, sua contribuição de grande valia para o que temos hoje, especialmente no que diz respeito às lu-



Figura 82 – Atendimento do cuidador Ednaldo.

Fonte: NAPNE do IFPB – *Campus Cajazeiras*

tas pela “conquista do espaço”. Os demais membros eram Magda Elizabeth Hipólito de Carvalho, Maria José Marques Silva (*in memoriam*), Socorro Saraiva, George da Cruz Silva, Severino Dantas Fernandes, Nadja da Nóbrega Rodrigues, bem como o aluno bolsista Jonathan Canuto dos Santos, todos com lotação no *Campus* Cajazeiras. Ainda em 2010, no dia 03 de dezembro, foi aprovada “*ad referendum*” a criação e implantação do NAPNE, por meio da Resolução nº 98, convalidada, posteriormente, pela Resolução nº 108, de 30 de dezembro de 2010.

Em 21 de junho de 2011, saiu a Portaria nº 034, assinada pelo diretor-geral do *Campus* Cajazeiras na época, Valnir Vasconcelos Lira, que nomeou a pedagoga Maria José Marques Silva, servidora do quadro permanente deste *Campus*, para atuar diretamente no NAPNE. Naquele tempo, a sala do NAPNE ficava junto à ouvidoria. Entre março e abril de 2010, Magda e Francineide realizaram visitas a instituições especializadas em atendimentos a pessoas com deficiências, como a FUNAD, além de visitarem o Instituto dos Cegos e o NAPNE do *Campus* João Pessoa. O objetivo era a elaboração do projeto de implementação do NAPNE do *Campus* Cajazeiras.

Dando continuidade a este trabalho, em 2012, Maria José Marques Silva (*in memoriam*) assumiu a Coordenação do NAPNE, reunindo o corpo docente para informá-los e orientá-los, a fim de manter uma boa relação professor-aluno, bem como melhorar o rendimento escolar dos discentes e sua autoestima. Reuniu-se, além disso, com a Coordenação



Figura 83 – Atendimento feito por Fernanda Pereira, intérprete de Libras, em assistência à visita técnica coordenada pela professora Carol Cevada, em 2018.

do Sistema da Educação Especial, entre outros que estavam agregados nesta evolução acadêmica e pessoal; integrou à equipe NAPNE uma transcritora de Braille – Lindinalva Vasconcelos da Silva, que seria coordenadora posteriormente; incentivou os docentes para que estivessem com mais frequência em contato com o NAPNE, de modo a quebrar barreiras acerca da comunicação e informação e impulsionar a transcrição de materiais através do envio destes com antecedência; promoveu, através da parceria com o CAIC, o agendamento de consultas, fonoterapia, manutenção e até mesmo a obtenção de aparelhos auditivos, segundo é contado em seu relatório de gestão, entre outros feitos.

Nos anos de 2013 e 2014, a transcritora de Braille, Lindinalva Vasconcelos da Silva, passou a exercer a função de coordenadora do NAPNE, contribuindo para o crescimento do *Campus* e do setor, buscando informar e orientar sua comunidade. Algumas das ações promovidas nesse período foram: a formação de gestores e educadores a partir do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, que, por sua vez, tinha o objetivo de buscar conhecimentos e troca de experiências quanto à inclusão de alunos com deficiência no âmbito educacional, bem como conhecimento sobre legislação, adaptações curriculares e avaliação dos alunos, público-alvo da educação especial; e o estabelecimento de parcerias com monitores de disciplinas específicas para o acompanhamento pedagógico de alunos com deficiência, entre outros trabalhos da gestão anterior aos quais se deu continuidade.

Em 2015, o professor Charridy Max Fonte Pinto assumiu a coordenação do NAPNE, vindo para somar ainda mais, com a meta de tornar o *Campus* Cajazeiras referência entre os *campi* do IFPB na promoção da acessibilidade de alunos e servidores com necessidades específicas. Além dessa missão de promover a acessibilidade,



Figura 84 – Charridy Max Fonte Pinto, em 2018.

Fonte: NAPNE do IFPB – *Campus* Cajazeiras

iniciada nas gestões anteriores, buscou-se ampliar a proposta de valores no que diz respeito à pessoa com deficiência, prestando um trabalho humanizado, em parceria com o ensino, a pesquisa e a extensão; diminuir o tempo para o alcance de resultados com relação ao ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência, bem como manter o *Campus* atualizado no que se refere às tecnologias assistivas.

Assim como nas gestões passadas, o professor Charridy continuou as orientações ao corpo docente, com o repasse de metodologias adaptadas para os alunos surdos, em específico, conscientizando-os acerca da necessidade de uma mudança pedagógica, a exemplo da discussão sobre como proceder na forma de avaliar o discente com surdez. O debate sobre a Lei da Libras foi um ponto-chave dessa gestão, assim como as discussões acerca de adaptação de aulas, quebras de estereótipos, promoção de interação e aceitação entre os alunos ditos “normais” e os alunos com deficiência. Nesse período, foram criados cursos de aperfeiçoamento para capacitar pessoas ouvintes para interagir com pessoas surdas usuárias da Libras, difundindo a Língua Brasileira de Sinais, conforme Decreto nº 565/06. Por fim, outra ação da Coordenação do NAPNE nessa gestão foi a propagação, através de parceiros, do sistema de escrita Braille, formando, assim, escritores e leitores deste sistema.

Em 2016, o NAPNE passou a ser coordenado por Francisco Raule de Souza, que deu uma grande contribuição ao setor, assim como outros gestores que o antecederam. Entre os feitos dessa Coordenação, merece destaque o crescimento da acessibilidade linguística dos alunos surdos em todas as atividades pedagógicas, a ampliação do quadro de profissionais efetivos aptos a trabalharem com alunos surdos, as aulas acessíveis em Libras e a aquisição de equipamentos relacionados com a tecnologia assistiva no *Campus*, como impressoras, jogos pedagógicos e materiais didáticos adaptados. Além disso, Raule atuou como intérprete de Libras, interagiu com profissionais em formação na disciplina de Libras, contribuiu com a formação docente, promoveu a acessibilidade para o professor surdo e para os alunos, potencializou o acesso à leitura de entretenimento para alunos de baixa visão e disponibilizou obras em edições de fonte ampliadas para a biblioteca, entre outras iniciativas.



Figura 85 – Atendimentos feitos por Jeanne Cristine e Édipo Adriano, em 2018.

Fonte: NAPNE do IFPB – Campus Cajazeiras



Figura 86 – Atendimento feito por Emanuel Oliveira, intérprete de Libras.

Fonte: NAPNE do IFPB – Campus Cajazeiras

Nesse período, Raule foi nomeado em outro concurso como professor em sua terra natal e precisou sair da instituição, gerando vacância e, posteriormente, a nomeação do servidor Emanuel da S. Oliveira, para ocupar o cargo de tradutor e intérprete de Libras. Com a saída de Raule, o professor Charridy Max assumiu novamente a coordenação do NAPNE, mas logo precisou se ausentar para continuar seus estudos, saindo para o mestrado. Antes de se afastar, no entanto, o professor Charridy Max indicou alguns nomes para substituí-lo. Assim, a professora de inglês Kaline Brasil foi conduzida à experiência de coordenar um setor que não fazia parte de sua área, até então.

Foi nesse meio tempo que eu, Emanuel da S. Oliveira, vindo de Campina Grande, onde já atuava como intérprete de Libras no IFPB – *Campus Campina Grande*, porém como prestador de serviço terceirizado, cheguei ao *Campus Cajazeiras* para somar no setor e coordenação do NAPNE. Após aprovação em concurso e ser nomeado em 17 de março de 2017, entrei em exercício no dia 20 do mesmo mês, aos poucos me adequando ao novo lugar e à atuação na função para qual fui nomeado. Em pouco tempo, fui convidado pela então coordenadora, Kaline Brasil, para assumir a gestão do NAPNE junto a ela, como vice-coordenador do setor.

Kaline desempenhou um ótimo trabalho de acompanhamento das demandas dos alunos com deficiência e de seus familiares, chamando-os e fazendo anamneses para executar um melhor atendimento destes,

bem como para saber lidar com as situações adversas que poderiam surgir. Dando continuidade aos trabalhos das gestões anteriores, promoveu a conscientização entre os docentes e discentes a respeito da pessoa com deficiência, enfatizando as deficiências que eram atendidas pelo *Campus*. Promoveu, ainda, dentro da semana da inclusão, uma amostra de artes com alguns dos alunos com deficiência, mostrando que todos somos capazes e evidenciando a inclusão. Por motivos familiares, no começo de 2018, Kaline conseguiu sua remoção para outro *Campus*, deixando a coordenação, mais uma vez, para o professor Charridy Max, que coincidentemente estava de volta da sua capacitação.



Figura 87 – Turma de capacitação para professores da área da computação, promovida pelo NAPNE e pela Coordenação de Gestão de Pessoas do IFPB – Campus Cajazeiras, em 2018.

Fonte: NAPNE do IFPB – Campus Cajazeiras

Max, por sua vez, deu continuidade aos trabalhos de coordenação, reunindo-se com os professores para tratar sobre as deficiências, promovendo cursos de capacitação, elaborando palestras para toda comunidade interna e externa do instituto a fim de orientá-los acerca das problemáticas enfrentadas e buscando apoio de monitores junto ao setor pedagógico. Em setembro de 2018, Max precisou voltar para onde deixara sua família, transferindo-se para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL).

Para continuar este trabalho de coordenação do NAPNE, depois de algumas partilhas sobre possíveis nomes com a direção-geral do *Campus Cajazeiras*, a Professora Ana Paula da Cruz foi indicada como coordenadora, assumindo esta função por um curto espaço de tempo em 2018. Apesar da breve gestão, Ana Paula da Cruz deu uma grande contribuição de cunho pedagógico e humano ao NAPNE, a partir de suas influências teóricas a respeito da educação como um todo e pelo viés da exposição da inclusão das pessoas com deficiência e da inclusão como um todo. Por motivos de sobrecarga de outros trabalhos institucionais com os quais estava comprometida, Ana Paula pediu para sair da coordenação e, em setembro de 2018, entrou em vigor a Portaria que me nomeava para assumir a coordenação do NAPNE, onde, até aquele momento, ocupava a função de vice-coordenador.

Desde então, o setor continua a atuar na perspectiva de inclusão e desenvolvimento de trabalhos de conscientização, de cursos de extensão, focando na atuação em sala de aula, o que só é possível com a contribuição dos demais profissionais que compõem a equipe do NAPNE. O grupo conta com tradutores e intérpretes de Libras – Jeanne Cristinne, de Cajazeiras, que está na instituição desde 2013, e Fernanda Pereira, de João Pessoa, servidora do IFPB desde 2018 –que dão suporte a alunos surdos; um cuidador – Ednaldo Bezerra, de Cajazeiras, que está na instituição desde 2015 –, que dá suporte aos alunos com deficiência física; além de um transcritor de Braille –Édipo Adriano, de João Pessoa, servidor do IFPB desde 2015. Por fim, vale ressaltar que a coordenação não é gerida apenas por mim; trata-se de um trabalho conjunto com a vice-coordenação, exercida por Fernanda Pereira M. Bezerra, que, para ser posto em prática, conta com o empenho de toda a equipe do NAPNE.

23.**25 anos de história***(Lúcio Ricardo Nogueira de Farias)*

Figura 89 – Lúcio Ricardo, em 12 de janeiro de 1995.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 90 – Lúcio Ricardo, em 04 de dezembro de 2019.

Fonte: arquivo pessoal

O calendário datava o ano de 1994 quando, por intermédio do audacioso projeto de autoria do então deputado federal Edme Tavares (*in memoriam*), foi autorizada a construção da Escola Técnica Federal da Paraíba/Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras (ETFPB/UNED – Cajazeiras). Ao ver aquela suntuosa obra em andamento, fui tomado pelo ardente desejo de me inserir no quadro de servidores daquela futura Instituição de Ensino. O sonho foi crescendo proporcionalmente ao avanço daquela construção.

Finalmente, uma porta se abriu para que o meu ideal saísse do plano da ideia para sua concretização: no ano de 1994, foram abertas as inscrições do concurso público para preenchimento de vagas do quadro permanente de funcionários da ETEFPB/UNED – Cajazeiras. A realização do referido concurso se deu no mês de agosto, sendo promulgado o resultado em novembro daquele ano. Fiz minha inscrição e fui aprovado em segundo lugar para o cargo de

encanador, de nível auxiliar. Era a credencial de que precisava para concretizar meu sonho.

No dia 04 de dezembro de 1994, o então ministro da Educação Murilo de Avelar Hingel veio até Cajazeiras para a solenidade de inauguração da ETEPB/UNED – Cajazeiras. Participei da solenidade, na qualidade de espectador, alimentando o sonho de ser nomeado, visto que, para o cargo a que concorri, havia apenas 01 (uma) vaga.



Figura 91 – Com a colega Geruza.

Fonte: arquivo pessoal

Os ventos continuaram soprando a favor do meu ideal. No dia 24 dezembro de 1994, uma emissora de rádio local divulgou a lista dos nomeados para compor o quadro de funcionários da ETEPB/UNED – Cajazeiras. Tanto eu quanto meus familiares escutamos com expectativa, e, quando minha tia ouviu meu nome ser divulgado, de imediato, me comunicou. Eu, ainda sem acreditar na informação, busquei sua veracidade dirigindo-me ao Sr. Geraldo Macedo Toscano de Brito, responsável pelo RH da Escola, que confirmou a informação veiculada pela emissora de rádio. A emoção

tomou conta de todo o meu ser, de modo me plantei de joelhos e, chorando, agradei a DEUS pelo sonho realizado. Ainda movido pela emoção, voltei para o meu trabalho e comuniquei minha nomeação ao meu patrão, o saudoso Sr. Raimundo Limeiria Gomes, a quem sou eternamente grato por tudo que me ensinou, por me conceder a oportunidade trabalhar na sua empresa, onde permaneci de março de 1989 a janeiro de 1995.

A chegada do ano de 1995 trouxe consigo a concretização do meu sonho. No dia 12 de janeiro daquele ano, perante o então diretor professor Antônio Carlos Gomes Varela, tomei posse na ETFPB/UNED – Cajazeiras. E o sonho fez-se realidade até os dias atuais.

No dia 07 de fevereiro de 1995, através da Portaria DG- 087/95, fui nomeado para desempenhar a função de chefe do Setor de Conservação, Segurança e Transporte, da UNED – Cajazeiras, onde permaneci até o dia 29 de setembro de 1995, e, no mesmo dia, fui nomeado para a função de chefe do Setor de Compras, na qual segui até o dia 27 de maio de 2002. No dia seguinte, 28 de maio de 2002, fui designado para assumir a Coordenação de Administração Geral, onde fiquei até o dia 02 de julho do mesmo ano, quando fui desligado dessa Coordenação para colaborar como monitor de Educação Física, por solicitação da professora de Educação Física Eudna Maria Barbosa de Araújo (Baby), permanecendo ali de 06 de julho de 2006 até o dia 14 outubro de 2007. No período de 15 de outubro de 2007 a 31 de dezembro de 2009, assumi a Coordenação de Finanças e Compras; em seguida, assumi a Diretoria de Administração e Planejamento e Finanças, entre 01 de janeiro de 2010 a 30 de abril de 2013.



Figura 92 – Equipe do Departamento de Orçamento e Finanças, em 2019.

Fonte: arquivo pessoal

Do dia 01 de maio de 2013 até os dias atuais, com o mesmo sentimento que motivou meu ingresso nesta instituição, atuo como chefe do Departamento de Orçamento e Finanças, exercendo essa função cujo objetivo é planejar, executar e acompanhar os programas relativos à aplicação dos recursos financeiros, créditos, orçamentários e descentralizados visando atender às demandas do IFPB – *Campus Cajazeiras*. A minha equipe de trabalho é composta por: Maria das Graças Moreira de Almeida e Suely Arruda dos Santos, ambas técnicas em contabilidade, e o gestor de contratos Laerte Ferreira de Morais França, assistente em administração.

Por fim, só tenho a agradecer primeiramente a DEUS, aos meus pais, irmãos, esposa, filhos e a todos os familiares que de forma direta e indireta contribuíram para a realização desse sonho e fizeram parte da minha história como servidor público federal.

24.

Algumas falas sobre ser assistente no *Campus* Cajazeiras

(José Wellington Almeida)

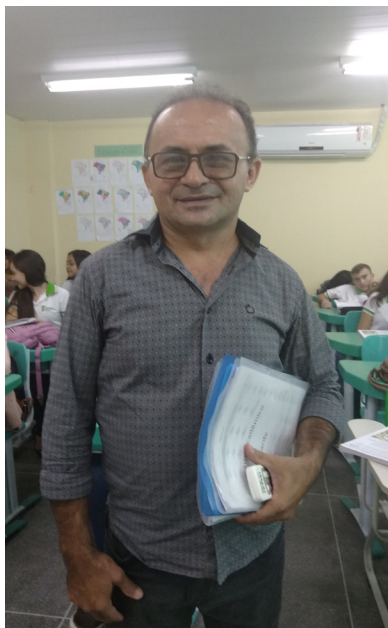


Figura 93 – Wellington Almeida atuando como assistente de alunos no IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo do projeto “O ofício do historiador”

Cheguei no IFPB de Cajazeiras em janeiro de 1995, justamente no ano em que começou a haver aula pela primeira vez. Sempre desempenhei a função de assistente de alunos, após ter passado no concurso para esta função. Comecei a trabalhar como assistente em 7 de junho de 1994, no *Campus* João Pessoa, antiga Escola Técnica.

Gosto muito de matemática e, como os alunos têm bastante dificuldade na disciplina, eu tenho – e sempre tive – uma satisfação grande em poder ajudá-los. Antes, quando eu não tinha uma sala para trabalhar, ficava com uma mesa no corredor do bloco 2, e os alunos me procuravam bastante para tirar dúvidas, mas, ultimamente, a quantidade de alunos em busca de ajuda tem diminuído bastante. Não me considero um ótimo professor de matemática. Eles têm dúvidas, principalmente em matemática básica, e pedem ajuda geralmente em véspera de avaliação. Gosto muito de socorrê-los.

A atuação na função de assistente de alunos tem me ensinado e adquirido mais experiência no decorrer dos anos. Lidar com alunos e professores faz com que eu cresça como servi-

dor público com uma sensação de dever cumprido. Alguns estudantes têm dificuldades para compreender a real função do assistente de alunos, pois pensam que ele tem a obrigação de saber onde está cada um dos seus professores. Ligamos para o professor quando está ausente do *Campus*, desde que o aluno necessite resolver algum problema com ele. Tem alunos do curso integrado não querem usar a farda padrão ou que querem desobedecer; então, enquanto assistente de alunos, estamos aqui para orientá-los a cumprir o regulamento disciplinar.

A real função do assistente de alunos é orientá-los no aspecto disciplinar, de segurança, saúde, pontualidade dentro das dependências escolares. O assistente também registra aula vaga e coloca observação no controle de aulas caso o professor justifique a ausência. Tais registros são encaminhados para o diretor de ensino. Ele liga ar-condicionado e faz várias outras coisas, algumas até que não fazem parte das atribuições reais do assistente de alunos.

Quando ajudo os alunos, sinto uma satisfação de dever cumprido, pois procuro fazer o melhor para deixar todos esclarecidos e satisfeitos. Quanto aos professores, estes não dão trabalho ao assistente de alunos, com exceção daqueles que não conhecem as nossas atribuições.

Eu poderia destacar que, no início do *Campus* Cajazeiras, antiga Escola Técnica, havia apenas os cursos integrados de Eletromecânica e Agrimensura. No decorrer do tempo, o número de alunos foi aumentando e mais cursos foram surgindo. Muitos dos alunos que passaram por aqui, hoje, são professores, engenheiros, médicos, psicólogos etc.

Dentro desta história, eu me vejo como servidor que está aqui desde o início; que deu uma pequena contribuição para o avanço, sucesso e crescimento do *Campus*. Tenho uma enorme satisfação de ter contribuído e participado de sua história.

25.

Impressões sobre a história a partir da mecanografia

(Antônio Neto e Gildivan Moreira)



Figura 94 – Gildivan Moreira e Antônio Neto.

Fonte: arquivo do projeto “O ofício do historiador”

Chegamos ao IFPB – *Campus* Cajazeiras em 9 de janeiro de 1995, aprovados em concurso público, no cargo de operador de máquinas fotocopadoras. Estamos nesse instituto desde o início de tudo, testemunhando os múltiplos desafios vivenciados, mas também desfrutando da imensa alegria de ver cada obstáculo vencido.

Inicialmente, havia muita dificuldade no que se refere à inexperiência de uma escola, até então, recém-estruturada. Isso porque havia muitos processos a serem realizados pela primeira vez e, além disso, muitos equipamentos ainda estavam sendo adquiridos, ou seja, a escola ainda não estava inteiramente finalizada.

O Departamento de Mecanografia é responsável pela reprodução do material didático e por oferecer suporte audiovisual no *Campus*. Trata-se de um setor que avança e se reinventa constantemente, devido à evolução incessante de máquinas e equipamentos dessa área. Nesse cenário, acompanhar essa evolução é, por muitas vezes, uma das dificuldades encontradas, tendo em vista as restrições orçamentárias que acabam por impedir a aquisição de equipamentos mais rápidos e práticos.

Gostaríamos de destacar, ainda, a maneira singular do relacionamento entre servidores, professores e alunos dentro do *Campus*, relacionamento esse que nos torna uma grande família. O IFPB – *Campus* Cajazeiras acaba por se tornar uma segunda casa, um lugar de formação educacional, profissional e, sobretudo, humana.

26.

Um flash da UNED – Cajazeiras

(Percinçula Lima)

O ano era 1994, a Escola Técnica Federal da Paraíba abria suas portas em Cajazeiras, estreando nas terras do Padre Rolim e ampliando a oportunidade de vários jovens da cidade e da região ingressarem no mundo do trabalho. Na efervescência da discussão por uma nova lei de ensino, mantinha-se a educação técnica com perspectivas de avançar para a educação geral, preservando um caráter humanista.

Na época, iniciando os estudos em Educação, ansiava por um ambiente onde pudesse experimentar, na prática, as teorias educacionais, as tendências pedagógicas e suas influências no processo educacional e na construção de valores éticos de adolescentes na formação de sua identidade. Sem nenhuma pretensão de aprofundar a discussão sobre o sistema político vigente na época, e voltada para a eficácia da educação do ser pensante, almejava apenas a oportunidade de consolidar a aprendizagem através de vivências pedagógicas, não só do desenvolvimento intelectual, mas sobretudo da formação ético-moral de adolescentes.

Entre os teóricos da educação, chamava-me a atenção, em particular, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que defendeu uma educação orgânica, intelectual e moral; e Johann Pestalozzi (1746-1827), discípulo deste, que elaborou uma pedagogia intuitiva, afirmando “ser a vida mental estruturada com base nos dados fornecidos aos sentidos pelas coisas presentes no mundo”⁴. Esse método chamaria a atenção do mundo, principalmente pelo seu amor às crianças, desenvolvendo, no convívio com elas, seu poder pessoal, com ênfase na cognição, no afeto e na ação (cabeça, coração e corpo), premissas para uma educação integral.

4 ZANATTA, B. A. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. Teoria e Prática da Educação, v. 15, n. 1, p. 105-112, 10 set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v15i1.18569>. Acesso em: dez. 2019.

Se a Escola Técnica Federal da Paraíba oferecia o ensino técnico, porém humanista (pelo menos essa era a pretensão), essa ideia do “aprender fazendo”, do método intuitivo de Pestalozzi, encontraria, em seu ambiente, um lugar ideal para exercícios de aprendizagem dessa natureza, porque não era restrita apenas as aulas teóricas, em suas dependências. Fora dela, configurava-se um vasto laboratório de experiências, de convívios e de aprendizagens.

Não é a pretensão deste breve ensaio descrever tudo o que foi vivido na UNED Cajazeiras nem tudo o que esta ofereceu à sua comunidade, porém, além da rotina que é própria de uma escola daquele porte, gostaríamos de destacar algumas atividades de maior vulto para nossa aprendizagem, pela sua importância e repercussão na comunidade envolvida. Para isso, o relato aqui descrito traz um pequeno recorte temporal sobre a UNED – Cajazeiras, focando no período de 1997 a 1998, ano em que concluí o Curso de Pedagogia.

Fazia parte da política interna da Escola envolver a comunidade externa, contribuindo, de alguma forma, para seu desenvolvimento. Havia um desejo no ar de se fazer algo que fosse importante, tanto que, nas caminhadas pelas alamedas da escola, nas conversas entre amigos, entre um cafezinho e outro, iam surgindo as ideias, que logo tomavam corpo e contagiavam os setores (pedagógico, direção, professores, técnicos administrativos, gabinete médico etc.). Na ebulição dessas ideias, identificava, de pronto, um laboratório, pela oportunidade de colocar em prática os métodos apreendidos nas teorias pedagógicas, especificamente, o método intuitivo de Pestalozzi.

Vale lembrar que não havia um fundo destinado precisamente para essas realizações, porém, apesar da ausência de recursos para a implementação de tais projetos, a comunidade escolar revestia-se de otimismo, e sempre se realizava algo interessante com esforços próprios. Cada um dos envolvidos colaborava com o máximo de suas possibilidades, não medindo esforços para que a escola continuasse expandindo sua ação na comunidade.

Nascia uma ideia, logo se marcava uma reunião para pensar a ação, que se revestia sempre de grande alegria e descontração. Havia um clima de integração entre os servidores, transformando as reuniões de planejamento das atividades em momentos de prazer e satisfação pelo servi-



Figura 95 – Reunião pedagógica em 1995. Da esquerda para a direita: Prof.^a Virgínia, Percíncula Lima, Simone, Fátima Cartaxo (*in memoriam*), Maria José, Socorro Saraiva.

Fonte: arquivo pessoal

ço público e pela expectativa de êxito na realização de algo que levasse o nome da escola para fora dos seus muros. A integração dos servidores nas primeiras horas era o ponto alto nas relações.

Das conversas animadas, iam surgindo os projetos para atender as demandas da comunidade: campanhas, palestras, seminários, oficinas, cursos, ações que contribuíam para informar, prevenir, esclarecer, divulgar questões relacionadas a problemas do cotidiano que afetavam diretamente a comunidade interna e externa. Entre essas ações, três valem ser destacadas: a orientação aos alunos iniciantes referente à saúde bucal; a I Colônia de Férias da UNED-Cajazeiras; a campanha de esclarecimento de prevenção do mosquito *Aedes aegypti* no Bairro da Vila Nova. Todas essas ações eram realizadas com o mínimo de investimento, tendo em vista a situação vigente. O interessante é que as dificuldades econômicas serviam de estímulo para a criatividade e união pela busca de solução.

O início de cada ano letivo era o momento mais esperado; a escola se preparava com esmero para receber os alunos iniciantes e seus pais no primeiro dia de aula. O ponto alto desse primeiro encontro eram as informações, repassadas em clima de muita responsabilidade, empatia e respeito por aqueles adolescentes que representavam a vida da escola. Naquela oportunidade, as primeiras turmas eram inscritas no Gabinete Médico/odontológico para os devidos esclarecimentos sobre a prática da higiene bucal, para manter a saúde e prevenir as doenças que acometem a boca.



Figura 96 – Da esquerda para a direita: Agostinho Gonçalves, Percíncula Lima, Ana Claudia.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 97 – Equipe idealizadora da I Colônia de Férias da UNED – Cajazeiras. Da esquerda para a direita: Percíncula Lima, Socorro Saraiva, Gilberto, Francineide (*in memoriam*), Prof.^a Maria José, Gilvan, entre outros.

Fonte: arquivo pessoal

As orientações eram feitas no ambiente do Gabinete, em forma de diálogo, demonstrações práticas de mastigação correta, escovação dos dentes, bochecho, uso do fio dental etc. Aqueles momentos eram vitais para os adolescentes que recebiam – muitos pela primeira vez – a orientação de como fazer a escovação correta. Esses procedimentos realizados pelo Gabinete Médico favoreciam a criação de laços afetivos entre os alunos e a equipe, o que muito contribuía para manter o interesse dos estudantes no cumprimento das orientações recebidas, diminuindo consideravelmente a incidência de cáries, gengivites, halitose e outras afecções da boca provenientes da higiene deficitária.

Essas ações do Gabinete Médico/odontológico foram, na prática, o que precisava para experimentar os efeitos da Pedagogia Intuitiva que Pestalozzi defendeu durante toda a sua vida, partindo da sensibilidade, da observação e da prática. As respostas às informações eram sensíveis, uma vez que os alunos eram acompanhados através de exame bucal a cada 6 meses; os achados eram anotados em uma ficha, produzindo material para fins estatísticos, o que tornou possível demonstrar a eficácia da ação para a prevenção das doenças da boca.

Outra ação que ofereceu uma excelente oportunidade de desafiar nossa aprendizagem foi a I Colônia de Férias da UNED – Cajazeiras, realizada com as crianças dos dois bairros vizinhos à instituição: Vila Nova e Cristo Redentor. Por ocasião das férias escolares, a escola ficava vazia da algaravia dos alunos; as manhãs se tornavam profundamente silenciosas, calmas, o sol passeava tranquilo em meio aos jardins. O silêncio era convidativo à germinação de novas ideias. Por que não realizar uma colônia de férias para trazer vida à escola? Por que não proporcionar às crianças da comunidade umas férias diferentes? E assim foi. Eram 50 crianças, na faixa de 4 a 10 anos, que, durante uma semana, participaram de atividades lúdicas, nos proporcionando o prazer de fazer diferente, de interagir e conviver com elas, experimentando o método de aprendizagem no ato de brincar, de maneira livre, com afeto e alegria, como Pestalozzi fazia com suas crianças em Stans.

Esse planejamento foi cuidadosamente articulado para tornar cada minuto produtivo, para que cada atividade, além de divertida, também contribuísse para a formação da criança e proporcionasse satisfação à equipe (multidisciplinar) envolvida. Não faltou entusiasmo durante toda a semana, principalmente pela alegria contagiante das crianças que participavam, pela primeira vez, de uma atividade completamente planejada para atender suas expectativas durante as férias.

Por fim, vale ressaltar a importância da campanha de prevenção do mosquito *Aedes aegypti* ou simplesmente mosquito da dengue, o transmissor da dengue e da febre amarela urbana. Por aquela época, eclodiu



Figura 98 – Na foto estão, em primeiro plano: Prof.ª Maria José, Francineide (*in memoriam*), Percincula Lima, Socorro Saraiva; em segundo plano: Gilvan, Veridiana e Luzia e outros participantes.

Fonte: arquivo pessoal

uma onda de casos de dengue; a novidade assustava pela probabilidade de agravamento, podendo evoluir para dengue hemorrágica. A solução era prevenir a doença combatendo a proliferação do mosquito *in loco*, por meio de ações educativas, propostas pelos órgãos públicos do município. Prontamente aceitas pela comunidade, essas ações foram feitas através de visitas domiciliares, de conversas com os moradores e de palestras na escola municipal do bairro.

Foi em meio aos jardins bem cuidados, aos espaços e ambientes iluminados pelo sol abundante de nossa região, em clima de solidariedade entre colegas e profissionais dedicados e zelosos de seus postos, que testamos, na prática, as teorias educacionais discutidas nas aulas do Centro de Formação de Professores. Até hoje, mesmo ausente da escola há exatos 5 anos, guardo em minhas reminiscências aquelas lembranças tão vívidas e revigorantes.



Figura 99 – Visita a comunidades carentes para tratar sobre medidas preventivas e educativas no campo da saúde, em 1996. Da esquerda para direita, estão: Percíncula Lima, Prof.^a Baby e alunos.

Fonte: arquivo pessoal

Fazer parte do quadro dos servidores da UNED – Cajazeiras, que evoluiu para CEFET até tornar-se o IFPB, foi a experiência profissional mais significativa da nossa vida. Isso porque foi nessa casa que praticamos o que os teóricos da educação defendem, em particular Pestalozzi, o qual sustenta que o ser de qualquer idade contém dentro de si todas as capacidades de

aprendizagem. Basta, para isso, que o educador de qualquer instância seja dotado de sentimento, de afeto, de ética e do desejo sincero de auxiliar o exercício especial da mente, não só no desenvolvimento intelectual, mas sobretudo em todos os aspectos que promovam o aperfeiçoamento humano.



Figura 100 – Crianças que participaram da I Colônia de Férias realizada pela equipe do Gabinete Médico, Coordenação Pedagógica e Educação Física, em 1997.

Fonte: NASMO do IFPB – Campus Cajazeiras

27.**Contribuições de uma assistente social***(Francisca Vieira Lins de Araújo)*

Figura 101 – Francisca Lins e Graça Oliveira no IFPB – Campus Cajazeiras, em 2016.

Fonte: arquivo pessoal

Essa história começa no governo de Itamar Franco, em 1994. Na época, eu trabalhava na Legião Brasileira de Assistência (LBA), órgão fundado em 1942 que prestava um serviço valioso às famílias mais carentes do país. Nesse tempo, a Escola Técnica Federal da Paraíba/Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras (ETFPB/UNED – Cajazeiras) estava em fase de conclusão, e os servidores lotados na LBA precisavam, urgentemente, procurar outros órgãos para redistribuição, tendo em vista a eminência da extinção do órgão. Eu e a colega Graça Oliveira optamos pela ETFPB, e assim fomos redistribuídas, dando início a uma trajetória que duraria 24 anos.

Em junho de 1994, comecei a fazer parte do quadro de servidores da ETFPB, quando se iniciou o processo seletivo para seu primeiro concurso. As inscrições começaram dentro da agência da Caixa Econômica. Isto causou um transtorno, pois foi grande o volume de candidatos. Dias



Figura 102 – Meus filhos, ainda pequenos, visitando a UNED – Cajazeiras, em 1995.

Fonte: arquivo pessoal

depois, conseguiram organizar o espaço, e um funcionário foi direcionado para o atendimento dentro da Escola Técnica. No pátio principal, estávamos eu, Aguinaldo Tejo e mais dois servidores deslocados de João Pessoa, para realização das inscrições. Lembro que, no último dia, a entrada principal ficou lotada e foi grande a correria para tudo dar certo.

De julho a dezembro, foi o período de realização do concurso e finalização da estrutura física da escola. Também houve recebimento do mobiliário e de equipamentos eletroeletrônicos e ajustes para o perfeito funcionamento de tudo.

No dia 04 de dezembro 1994, aconteceu a tão sonhada inauguração, que, a princípio, teria a presença de Itamar Franco, Presidente da República na época, mas quem compareceu com todo aparato, como nunca tínhamos visto aqui em nossa cidade, foi o Ministro da Educação, Murílio de Avelar Hingel. Além dele, estiveram presentes outras autoridades da cidade e da região, como nosso prefeito, Zerinho, e o saudoso Edme Tavares, responsável por conseguir a verba para a construção da unidade da Escola Técnica em Cajazeiras.

Até aqui, a escola estava com sua estrutura física concluída, inaugurada, mobiliada, com seu concurso realizado e resultado pronto, apenas aguardando janeiro de 1995 para posse dos funcionários, porque até então éramos Eu, Graça, Eudna, Antônio Pedreiro, Geraldo Toscano, Prof. Varela, Prof. Guilherme

e mais alguns funcionários da Marialva (construtora), que davam um suporte na manutenção do prédio.

Em janeiro de 1995, iniciaram-se os trabalhos com a posse de 95 servidores, entre professores e técnicos administrativos, praticamente todos de outras cidades, o que causou uma inflação nos aluguéis de imóveis. Tudo era muito limitado naquela época; havia poucos restaurantes e estes, em sua grande maioria, eram pequenos. Diante dessa dificuldade, enxerguei uma oportunidade de ajudar aos recém-contratados. Resolvi abrir minha casa para algumas moças; umas de longe ficaram hospedadas e outras só almoçavam (a pensão da Dona Francisca). Em poucos dias, estava fornecendo almoço para umas 50 pessoas, até irem organizando suas rotinas na cidade. Isto durou uns dois meses e ainda continuei servindo almoço para alguns por mais um tempo, com a colaboração de minha mãe e outras pessoas contratadas.

No início dos trabalhos da UNED – Cajazeiras, fiquei na Coordenação de Recursos Humanos, no Setor Financeiro, onde tudo era muito novo para mim, por ser um trabalho totalmente diferente do que realizava antes. As dificuldades iniciais existiam e tínhamos que ir pra Sousa, ETPFB-Sousa, para fazer o fechamento da folha todos os meses. Algum tempo depois, esse setor foi assumido por Ivamar, que atualmente está no *Campo de Patos*.



Figura 103 – Setor de Assistência Social da UNED – Cajazeiras, em 1995.

Fonte: arquivo pessoal

Em julho de 1995, fui para a Coordenação de Serviço Social, onde organizei vários projetos para o bem-estar de todos os servidores. Por uma necessidade minha, por ter filhos pequenos na época, deixei a Coordenação, que foi assumida por nossa colega Francineide Fernandes (*in Memoriam*), que prestou um excelente trabalho.

Em 1996, por opção, fui trabalhar à tarde e à noite na biblioteca, onde cadastramos os livros e todo o material ali arquivado. Era sempre um aprendizado, iniciando, assim, uma maior aproximação com os alunos.

Em 1997, fui para a Coordenação de Apoio ao Estudante (CAEST), onde realizei um trabalho muito gratificante, que levarei por toda a minha vida. Nesse setor, são feitos atendimentos aos alunos que precisam de auxílios de diversas formas. Lá, atendia todos, sempre com todo carinho, muitas vezes agindo como mãe; organizava vários eventos em outubro e nos finais de ano, preparava processos seletivos junto à coordenadora; escutava os problemas dos estudantes, os quais tentava resolver da melhor forma – e assim permaneci até a aposentadoria. Nessa Coordenação, pude conhecer muitas histórias de superação de alunos que vieram das mais diferentes regiões e situações (aqui falamos de alunos carentes) do nosso e de outros estados do Nordeste e que só pela Educação mudaram suas histórias e de suas famílias.

Nos primeiros anos de funcionamento, realizávamos a confraternização com a turma todo final de ano. Começaram, porém, as redistribuições, as mudanças de ETEPB para CEFET-PB, em 1999, e depois para IFPB, em 2008, trazendo novas turmas de colaboradores enquanto outras retornavam para suas devidas cidades e poucos laços foram criados.

Vejo a ETEPB, hoje IFPB, em Cajazeiras, como um grande empreendimento educacional, público e de qualidade, que trouxe inúmeros benefícios não só aos estudantes que ali tiveram o privilégio de estudar. Muitos deles iniciaram no ensino médio, cursaram o ensino superior, foram encaminhados para a pós-graduação, prestaram concurso e tornaram-se colaboradores da instituição. Atualmente, o IFPB conta com um enorme número de servidores ex-alunos, o que é extremamente gratificante para quem esteve ali desde o tombamento dos bens, passando pelo primeiro concurso, recepcionando os primeiros servidores, assistindo à aula inaugural, conhecendo os primeiros alunos. Hoje, olhando para os órgãos públicos,

comércios em Cajazeiras e outras cidades pelo Brasil, vendo ou mesmo tendo notícias de histórias de sucesso, reconhecemos os meninos que vimos chegarem adolescentes, crescerem e se transformarem pela EDUCAÇÃO.



Figura 104 – Campanha natalidade de distribuição de brinquedos para crianças carentes no IFPB – Campus Cajazeiras, em 2016.

Fonte: arquivo pessoal da autora

A minha aposentadoria veio em 01 de fevereiro de 2017; completei meu tempo de serviço e precisei sair para continuar meu trabalho em outro segmento, mas vejo o quanto esta instituição representa para nossa região, com sua beleza única e qualidade exemplar. Aqui desejo o que há de melhor a todos aqueles que fizeram e aos que continuam fazendo parte dessa belíssima história!

28.**Cozinha, amor e autoestima***(Leila Café)*

Participaram também Adriana, Severina, Fátima Gomes, Luzimar, Aldenez, Rosana, Francilda, Linda, Nelzinha, Fátima Silva

Falar sobre esse setor, sobre esse grupo que compõe a equipe da cozinha, não é apenas falar de trabalho. Aqui existem histórias individuais, pessoas que vieram cada uma com seus objetivos e necessidades, histórias de vida cercadas, muitas vezes, por dificuldades, tristeza e amargura. Aqui há uma equipe formada por mulheres fortes, mas que, constantemente, não estavam cientes de sua força, capacidade e valor. Trajetórias singulares que se cruzam dentro desse instituto, dessa segunda casa, desse lugar que se revela tão familiar.



Figura 105 – Equipe da Cozinnha, em 2019, no IFPB – Campus Cajazeiras.

Fonte: arquivo do projeto "O ofício do historiador"

Cheguei ao IFPB há 6 anos. Na época, tinha intenção de manter minhas filhas na faculdade. Deparei-me com um refeitório desafiador, cheio de mulheres fantásticas, mas marcadas por atribulações gigantes-

cas: algumas maltratadas por seus parceiros; uma traumatizada devido ao abuso sexual que sofreu aos seus 12 anos de idade; e outras assoladas pela baixa autoestima. Ensiná-las a valorizar-se e a superar seus traumas tornou-se uma prioridade na minha vida. A cozinha faz-se um ambiente de troca, um local onde mutuamente superamos o medo, elevamos a autoestima e alimentamos um sentimento de irmandade, mesmo sem a existência de nenhum laço sanguíneo.

Fazer parte do IFPB é pertencer a essa família, é cultivar amor por todas e cada uma dessas incríveis mulheres que compõem essa equipe; é cuidar de cada um desses alunos, melhorando pelo menos um pouco do dia deles com o simples, mas também sincero e reconfortante sorriso de Adriana, logo na entrada, bem como o de Severina ao deixarem a louça; é aconselhá-los em meio aos seus desconfortos emocionais, ou simplesmente abraçá-los e enxugar suas lágrimas.

Falar de IFPB é falar de amor, de cuidado e de empatia, e falar da cozinha também requer o uso de todos esses substantivos, mas com um “quê” a mais de empoderamento.



Figura 106 – Colaboradores da manutenção dos ambientes do IFPB – Campus Cajazeiras, em 2019.

Fonte: Arquivo do projeto “O ofício do historiador”

29.

A Coordenação de Controle Acadêmico – C.C.A.

(José de Arimatéia Tavares)

A Coordenação de Controle Acadêmico (CCA) do IFPB – *Campus* Cajazeiras vem, ao longo destes 25 anos, desenvolvendo um trabalho de suporte ao processo de ensino-aprendizagem. As ações desse setor estão voltadas para o apoio discente, docente e gerencial, no tocante aos procedimentos e rotinas acadêmicas. A CAA detém a responsabilidade operacional dos sistemas acadêmicos da Instituição, dentro da estrutura de apoio ao controle acadêmico, além de ser responsável pela alimentação e manutenção dos dados oficiais referentes aos cursos, discentes, docentes e pelos relatórios gerenciais disponibilizados aos órgãos oficiais de educação.



Figura 107 – Arimatéia (ao centro), José Tavares e Isleimar Oliveira, atuais membros da CCA.

Fonte: IFPB – *Campus* Cajazeiras

Quando da inauguração da Unidade Descentralizada de Cajazeiras/PB, da então Escola Técnica Federal da Paraíba, em 1994, o controle acadêmico já se tornava um setor primordial no acompanhamento das matrículas dos alunos, sendo desempenhado pela Coordenação de Regis-

tros Escolares (CORE). Inicialmente, eram oferecidos dois cursos técnicos de nível médio: Agrimensura e Eletromecânica.

Ao longo dos anos, já no então Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET/PB), foram implantados novos cursos, a exemplo dos cursos técnicos subsequentes ao ensino médio: Edificações e Eletromecânica, em funcionamento até os dias atuais.

Posteriormente, foi instituído o ensino médio, que funcionou até 2007, quando surgiram os cursos técnicos integrados ao ensino médio: Edificações, Eletromecânica e Manutenção e Suporte em Informática, este substituído pelo curso técnico em Informática. No ano de 2005, foi implantado o primeiro curso superior do *Campus Cajazeiras*, de Tecnologia em Automação Industrial, da área de Indústria, o primeiro também do Alto Sertão paraibano. Em 2006, a Instituição passou a oferecer o curso superior de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, da área de Informática, que vem se destacando no ranking nacional do Enade. Em seguida, foi implantado o curso superior de licenciatura em Matemática, em 2011. Já em 2014, tivemos a implementação do curso superior de bacharelado em Engenharia Civil e o curso superior de licenciatura em Computação e Informática, ambos na modalidade de Educação a Distância (EAD).

Destaca-se, ainda, no âmbito do *Campus Cajazeiras*, a oferta de cursos técnicos integrados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a exemplo do curso técnico em Desenho de Construção Civil, ofertado até 2015, e o curso técnico em Meio Ambiente, substituto daquele, em funcionamento atualmente. Outro ponto de destaque foi a oferta dos cursos técnicos na modalidade à distância em Segurança no Trabalho e em Secretaria Escolar, subsequentes ao ensino médio, em que o *Campus Cajazeiras* atuou como polo de EAD.

Vale ressaltar que é da CCA a responsabilidade cartorial da vida acadêmica dos estudantes que passaram pelo *Campus Cajazeiras*, uma vez que este setor detém a guarda documental de todos alunos matriculados ao longo destes 25 anos, constituindo-se, assim, um arquivo da memória acadêmica da Instituição.

A Coordenação de Controle Acadêmico vem funcionando, no decorrer da existência da Instituição, como parte estratégica na conjuntura organizacional, sendo ligada diretamente à Direção de Desenvolvimento

de Ensino, auxiliando no acompanhamento dos processos acadêmicos e fornecendo subsídios para o gerenciamento das rotinas administrativas em questão. Durante esse tempo de atuação, foram realizadas aproximadamente 10.000 matrículas, com a expedição de cerca de 1900 diplomas de conclusão, além da emissão de documentação de certificados, transferências, procedimentos de cancelamentos e trancamentos de matrículas, além de declarações de situação acadêmica.

Atualmente, a CCA conta com o trabalho de três servidores, que revezam suas atividades em três turnos diários, auxiliando no encaminhamento dos processos e requerimentos do alunado e expedindo documentos diversos, tais como declarações, certidões, diplomas, históricos escolares, boletins e outros documentos comprobatórios da situação acadêmica tanto dos discentes regularmente matriculados como também daqueles egressos da Instituição. A CCA também é o setor responsável pela matrícula inicial de todos os alunos ingressantes nos cursos oferecidos pelo *Campus Cajazeiras*, bem como pelo acompanhamento da renovação de matrícula dos alunos veteranos, preparando o sistema acadêmico para tal intento.

Desde que o *Campus Cajazeiras* começou a funcionar, a Coordenação de Controle Acadêmico vivenciou transformações estruturais em sua área de atuação, passando a gerir os processos de sua alçada de forma integrada com as coordenações dos cursos, a Direção de Desenvolvimento de Ensino, a Direção de Administração e a Direção-Geral, trazendo um reflexo da situação acadêmica de todo o alunado. É importante ressaltar o trabalho deste setor na alimentação de dados dos sistemas gerenciais tais como: EDUCACENSO (Censo da Educação Básica), CENSUP (Censo da Educação Superior) e SISTEC (Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica) sobre o funcionamento e a eficiência do ensino da Instituição, fator de geração de insumos para as políticas educacionais implantadas no IFPB como um todo.

Nos anos iniciais de funcionamento do IFPB – *Campus Cajazeiras*, a CCA, então denominada Coordenação de Registros Escolares (CORE) e depois Coordenação para Assuntos Discentes (CADIS), não dispunha de recursos plenamente informatizados, limitando-se ao gerenciamento das matrículas pela via manual de preenchimento de relatórios e documentos acadêmicos, dispondo de um banco de dados interno. Com o passar dos

anos, especificamente a partir de 2009, passou a contar com seu primeiro software de controle acadêmico, denominado QACADEMICO, desenvolvido pela empresa QUALIDATA – Soluções em Informática, com sede na cidade de Vitória/ES. Foi um grande avanço no desenvolvimento das rotinas acadêmicas, uma vez que os procedimentos de matrícula, alocação de diários para os professores, bem como a expedição de documentos discentes eram geridos pelo software mencionado. As eventuais dúvidas e os problemas de execução relacionados ao uso deste software eram sanados através do suporte técnico da empresa. Atualmente, o IFPB – *Campus* Cajazeiras dispõe do SUAP Edu, um módulo dentro do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), sistema de rotinas administrativas desenvolvido pelo IFRN que proporciona diversas funcionalidades no desenvolvimento dos processos acadêmicos e na gestão das rotinas administrativas.

Durante sua existência, a Coordenação de Controle Acadêmico teve os seguintes coordenadores: Marcos Antonio Marques, Gean Luis Martins, Marcelo Cardoso dos Santos e José de Arimatéia Tavares, estando este na função desde 2006 até os dias atuais. Também passaram pela CADIS e posteriormente pela CCA os servidores: Maria Helena de Almeida, Heloiza Moreira Silva, José Edmar Leite, Silvania Trajano de Souza, Cleodon Bezerra de Sousa, já aposentado. Recentemente, a equipe da CCA passou a ser composta pelos servidores Damião Cavalcanti de Lira e Isleimar de Souza Oliveira e Josefa Tavares. Sabemos que muitos desafios surgirão, porém com persistência, resiliência e compromisso com a causa pública, cumprimos nossa missão de sujeitos ativos do processo educacional.

30.

Alguém que planta uma árvore e a vê florescer

(João Damásio da Silva)

(Seu Damásio)

Comparo o IFPB – *Campus* Cajazeiras a uma menina e, partindo desse preceito, pode-se dizer que acompanhei a sua “gestação”. Vi todas essas paredes serem construídas e todas as “tentativas de aborto”, isto é, todas as dificuldades para concretização dessa edificação. Sendo assim, falarei sobre essa “gestação”.

No dia 20 de outubro de 1989, eu estava passando próximo ao local da obra e o senhor Joaquim das Neves (*in memoriam*), na época mestre de obra, chamou-me e explicou que o pessoal da construtora tinha entrado em contato com ele a procura de um carpinteiro. Logo fui apresentado aos engenheiros e acertamos parte do canteiro de obras: cantina, almoxarifado e escritório do fiscal da Escola Técnica Federal. Entreguei o que tinha ajustado no prazo marcado e eles me chamaram para trabalhar como carpinteiro, convite que acabei aceitando.



Figura 108 – Obras da construção do *Campus* Cajazeiras.

Fonte: acervo documental do IFPB – *Campus* Cajazeiras

Assim, a minha carteira foi assinada em 29 de novembro de 1989. A obra começou aceleradamente, havia, no mínimo, 160 pessoas fazendo terraplanagem e a fundação. Tudo isso graças aos esforços de Edme Tavares, deputado responsável pela liberação de verbas. Em julho de 1990, deparamo-nos com a primeira “tentativa de aborto”: a obra foi parada por falta de financiamento e durante o período de quase um ano, o canteiro de obras foi inteiramente abandonado, a não ser por um guarda que vigiava o local. Além do mais, existia uma grande apreensão, causada pela incerteza se a obra seria retomada ou se os recursos seriam levados para a construção da UNED – Campina Grande.

Durante esse tempo em que a obra ficou parada, fui levado a João Pessoa para a construção de um bloco de informática, até que, em 17 de junho de 1991, retomamos a construção em Cajazeiras. Voltei como encarregado de carpintaria e permaneci nesse posto até 1993, quando assumi como encarregado geral da obra, até sua inauguração, no dia 04 de dezembro de 1994, data em que assumi como carpinteiro concursado da Escola Técnica Federal.



Figura 109 – Seu Damásio contando histórias da fundação do *Campus Cajazeiras* aos membros do projeto “O Ofício do Historiador”. Alunos: Carlos Eduardo, Sara Raquel, Enéias Raul, Igor Barbosa, Henry (executando a fotografia).

Fonte: acervo do projeto “O ofício do historiador”

Desde então, permaneço nessa instituição, tendo ocupado vários cargos, entre eles, o de coordenador administrativo de serviços e compras e chefe da Divisão de Serviços Gerais, no entanto, hoje permaneço como carpinteiro do Instituto. Diante de tudo isso, o sentimento que tenho em presenciar os 25 anos do *Campus Cajazeiras* é de alegria. Como a de alguém que planta uma árvore e a vê florescer. E me alegra, ainda mais, a certeza de que, mesmo sabendo que um dia irei deixá-la, ela permanecerá crescendo e gerando frutos.

31.

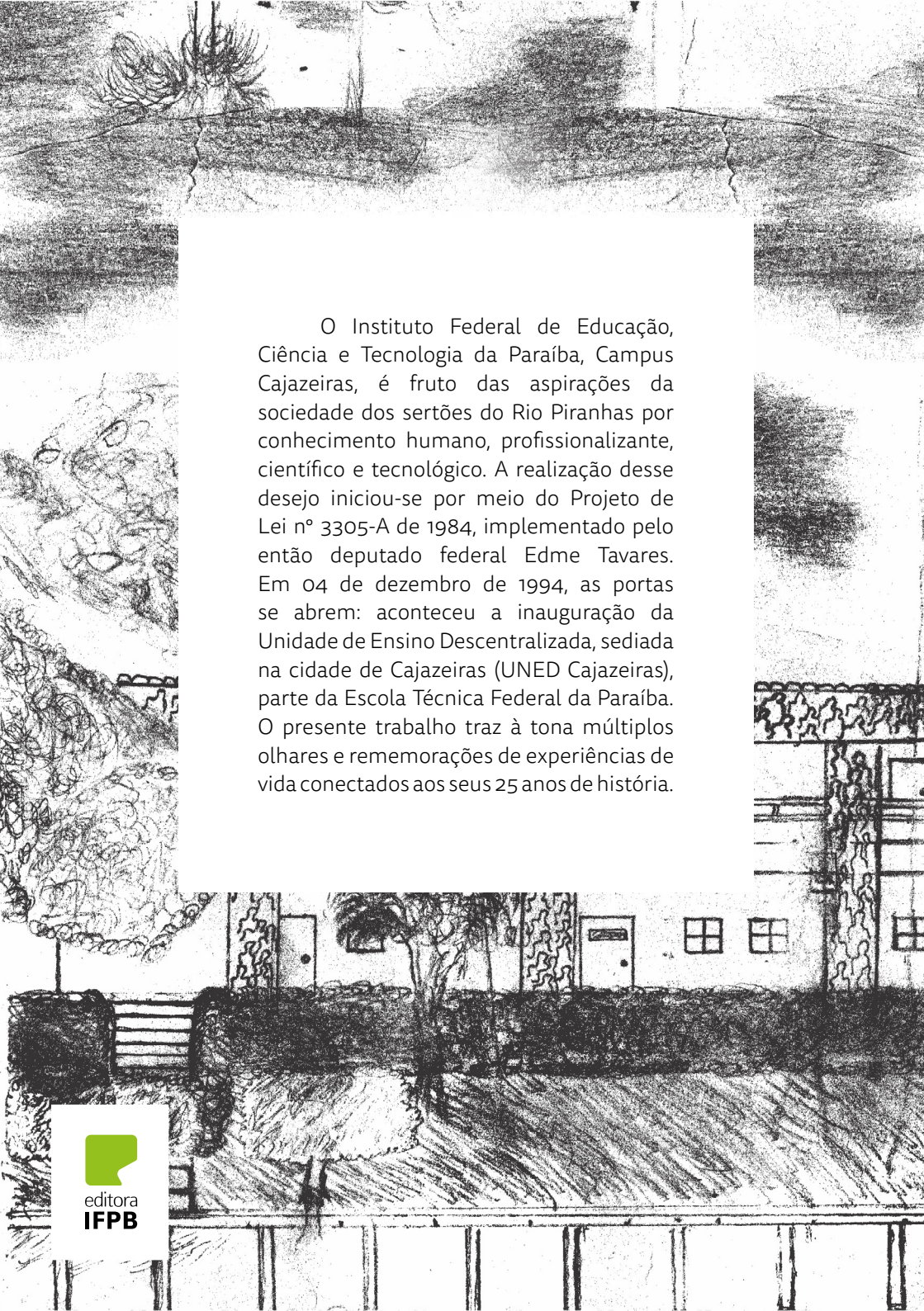
Comunidade de Servidores do IFPB – *Campus* Cajazeiras – 2019

1. Abinadabe Silva Andrade
2. Adriana Fernandes de Lima
3. Ailton Ribeiro de Assis
4. Alan Carlos da Silva Ferreira
5. Alberto Grangeiro de Albuquerque Neto
6. Aldaliberto Oliveira Matias
7. Aldenez Galdino de Souza
8. Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes
9. Ana Paula Inácio Alves
10. Analine Pinto Valeriano Bandeira
11. Andre Lira Rolim
12. Andréia Cezar Lima
13. Andrezza Rodrigues Nogueira
14. Ângela Kerley Pereira Lima
15. Anrafel Silva Meira
16. Antonia Edivaneide de Sousa Gonzaga
17. Antônio Alves da Nóbrega Neto
18. Antonio Gonçalves de Farias Júnior
19. Antonio Marcos Vila Nova
20. Austriclinio da Costa Wanderley Neto
21. Bruno de Medeiros Souza
22. Caio Marco dos Santos Junqueira
23. Carla Betania Reiher
24. Carolina Costa
25. Caroline Munoz Cevada Jeronymo
26. Cicera Francisca dos Santos
27. Cicera Rivaneide Henrique Mariano
28. Cicero Aristofânio Garcia de Araújo
29. Cícero de Souza Nogueira Neto
30. Cicero Ferreira de Figueiredo
31. Cícero Joelson Vieira Silva
32. Cícero Lima Dos Santos
33. Cinthya Santos da Silva
34. Cíntia Pedrosa Bezerra
35. Clara de Assis Marinho
36. Claudenice Alves Mendes
37. Clebson Huan de Freitas
38. Cledualdo Soares de Oliveira
39. Crispim Sesinando Coelho Neto
40. Damiana Andrade de Oliveira
41. Damiana Batista Formiga
42. Damião Cavalcanti de Lira
43. Damiao Filgueira de Oliveira
44. Daniel Everson da Silva Andrade
45. Daniel Torres Filho
46. Daniela Passos Simões de A. Tavares
47. Danilo Carlos Gouveia de Lucena
48. Demetrio Gabriel Gamboa Marques
49. Denilson Costa de Carvalho
50. Denise Michele Lino de Azevedo Maciel
51. Diego Ernesto Rosa Pessoa
52. Diego Nogueira Dantas
53. Diogo Dantas Moreira
54. Douglas Macarthur Pereira de Araujo
55. Edinaldo Bezerra Gomes
56. Édipo Adriano Santos de Medeiros
57. Edjania Pereira de Arruda Pessoa
58. Edleusom Saraiva da Silva

59. Edmundo Vieira de Lacerda
60. Ednaldo Alves Barbosa
61. Eliaquim Jabes Amorim de Lima
62. Eliomar Pinheiro de Sousa
63. Emanuel da Silva Oliveira
64. Emerson Lunguinho da Silva
65. Érika Spencer de Albuquerque
66. Eva Firmino da Silva
67. Eva Maria Campos Pereira
68. Evaldo de Lira Azevedo
69. Fábio Abrantes Diniz
70. Fábio Araújo de Lima
71. Fabio Gomes de Andrade
72. Fabricio Ferreira Batista
73. Fernanda Pereira Maia Bezerra
74. Fernando Antônio Casimiro Gambarra
75. Fernando Coutinho Van Woensel
76. Flávia Zaira Santino Lima
77. Francilda Souza da Silva
78. Francimar Barbosa da Silva
79. Francis Johnny Gomes de Albuquerque
80. Francisca Leneide Gonçalves Pereira
81. Francisco Almeida do Nascimento
82. Francisco Augusto Vieira da Silva
83. Francisco Aureliano Vidal
84. Francisco Batista de Souza
85. Francisco Daladier Marques Júnior
86. Francisco das Chagas Lima Filho
87. Francisco de Assis Santos Gomes
88. Francisco de Oliveira
89. Francisco Edval Leite Tavares
90. Francisco Hildeberto de S. Leite
91. Francisco Igor Arraes Alves Rocha
92. Francisco Lopes Lavor Neto
93. Francisco Mendes de Abreu
94. Francisco Paulo de Freitas Neto
95. Francisco Rafael Alves Silva
96. Francisco Xavier Martins Formiga
97. Gabriela Guedes de Souza
98. Garleide Eugemia da Silva
99. Gastão Coelho de Aquino Filho
100. Gean Luis Martins
101. George Candeia de Sousa Medeiros
102. George da Cruz Silva
103. Geraldo Herbetet de Lacerda
104. Geraldo Leite de Souza
105. Gerlania Batista de Freitas
106. Germando Sertão
107. Gilberto Soares Sarmiento
108. Gildivan Dias Moreira
109. Giliardo de Paulo de Oliveira Lins
110. Gilvandro Vieira da Silva
111. Glaykiere Albuquerque e Lacerda
112. Gustavo Soares Vieira
113. Hegildo Holanda Gonçalves
114. Heloíza Moreira Silva
115. Hugo Eduardo Assis dos Santos
116. Isleimar de Souza Oliveira
117. Italo Oliveira Rolim
118. Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues
119. Jailton Ferreira Moreira
120. Janaína Mary Félix
121. Jansen Beserra de Lima
122. Jeanne Cristine Feitoza Ferreira Pinto
123. Jeovano Gama Santos
124. Jéssica de Souza Lira
125. Joab Sobreira de Andrade
126. Joaci do Nascimento Pereira
127. João Antônio da Silva Neto
128. João Bosco Abrantes Júnior

129. João Damasio da Silva
130. José Carlos Félix Ferreira
131. José Celisman Sousa Coelho
132. José de Arimatéia Tavares
133. José Doval Nunes Martins
134. José Edmar Leite
135. José Fábio Ribeiro Barbosa
136. José Ivelton Siqueira Lustosa
137. José Lucas Pessoa de Oliveira
138. José Ricardo Mota
139. José Rildo da Silva Vicente
140. José Sérgio Aristides Lira
141. José Tavares de Luna Neto
142. Jose Welligton de Sa Batista
143. José Wellington Almeida
144. Josefa Dantas Vitorino
145. Josefa Tavares Vieira
146. Juan Parente Santos
147. Katharine Taveira de Brito Medeiros
148. Kissia Carvalho
149. Kleber Afonso de Carvalho
150. Laércio de Souza Abreu
151. Laerte Ferreira de Moraes França
152. Leandro Honorato de Souza Silva
153. Leiliane Barreto Café
154. Leonardo Ferreira Soares
155. Leonardo Pereira da Silva
156. Liane Velloso Leitão
157. Lindeuvania Maria de Abreu
158. Luan Carvalho Santana de Oliveira
159. Luciene Alves de Moura
160. Lucinéria Maria de Farias
161. Lúcio Ricardo Nogueira de Farias
162. Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci
163. Luzia Daiane dos Santos Rodrigues
164. Luzimar Cavalcante Lacerda de Almeida
165. Maciel Karcio Silva Xavier
166. Márcia Moreira Pinto
167. Marciel Carlos de Sousa
168. Marco Damasceno de Sousa
169. Marcos Antonio Petrucci de Assis
170. Marcos Ubiratan Pedrosa Calado
171. Maria Amélia Pereira Gomes
172. Maria Aparecida Almeida Alvarenga
173. Maria Aparecida da Silva
174. Maria das Graças Moreira de Almeida
175. Maria das Graças Oliveira
176. Maria de Fátima da Silva
177. Maria de Fátima Santos Gomes
178. Maria Helena de Almeida Rodrigues
179. Maria Iridene Batista Barreto
180. Maria Neuziane Patricio de Lira
181. Maria Nilza de Sousa
182. Maria Núbia Batista Nogueira
183. Maria Rivânia Carlos de Moraes
184. Maria Socorro Saraiva
185. Martiliano Soares Filho
186. Mateus Rodrigues da Costa
187. Matheus Lopes Costa Nóbrega
188. Maurício Vicente
189. Meireluce Alexandre Cavalcante
190. Mery Angela Ramos de Andrade
191. Micaelle Amâncio da Silva
192. Mônica Auricélia Oliveira Santana
193. Morgana Costa da Silva Cruz
194. Murilo Pascoal de Carvalho
195. Neudimar Medeiros de Araújo
196. Ornella Almeida Lacerda Lira
197. Patrício Luiz de Andrade
198. Paulo Gonçalves dos Santos

199. Rafael Rodrigues Lopes
200. Rafael Rolim da Silva
201. Raí Artemis Lins dos Santos
202. Raimunda de Souza Ferreira
203. Raimundo dos Santos Gomes
204. Ramon Formiga Figueira
205. Raphael Henrique Falcão de Melo
206. Raphaell Maciel de Sousa
207. Reginaldo Amaral Cordeiro Júnior
208. Renalle Meneses Barros de Brito
209. Renalle Ruana Pessoa Ramos
210. Ricardo Anísio da Silva
211. Ricardo de Sousa Job
212. Rivanilson da Silva Rodrigues
213. Roberto Rolim Lopes
214. Robson Arruda dos Santos
215. Rodiney Marcelo Braga dos Santos
216. Romualdo Figueiredo de Sousa
217. Rosana Costa de Lira
218. Rosângela Nicácio de Sousa Silva
219. Samara Celestino dos Santos
220. Sarahbelle Leitte Cartaxo Meneses
221. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa
222. Sebastião Simão Silva
223. Severina Maria Viera Pereira
224. Silvania Trajano de Souza
225. Simone Formiga Albuquerque
226. Suélio Fernandes Carolino
227. Suely Arruda dos Santos
228. Taciana Araújo de Souza
229. Telma Lúcia Bezerra Alves Aires
230. Teobaldo Gabriel de Souza Júnior
231. Thiago Andrade Fernandes
232. Tiago Nunes dos Santos
233. Tiberio Almeida Gomes
234. Uélison Menezes da Silva
235. Valdemônica Paulo Medeiros
236. Valmir Braga de Aquino Mendonça
237. Vanda Lúcia Batista dos Santos Souza
238. Vinicius Martins Teodosio Rocha
239. Vivianne Ribeiro Duarte Rolim
240. Walter Belarmino da Silva Filho
241. Wilma Fernandes Pinheiro
242. Wilza Carla Moreira Silva



O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Cajazeiras, é fruto das aspirações da sociedade dos sertões do Rio Piranhas por conhecimento humano, profissionalizante, científico e tecnológico. A realização desse desejo iniciou-se por meio do Projeto de Lei nº 3305-A de 1984, implementado pelo então deputado federal Edme Tavares. Em 04 de dezembro de 1994, as portas se abrem: aconteceu a inauguração da Unidade de Ensino Descentralizada, sediada na cidade de Cajazeiras (UNED Cajazeiras), parte da Escola Técnica Federal da Paraíba. O presente trabalho traz à tona múltiplos olhares e rememorações de experiências de vida conectados aos seus 25 anos de história.



editora
IFPB